

**Sílvia Marta  
Guerreiro dos Reis**

**Ensino de Artes Visuais na Escola  
Secundária de Loulé  
10º Ano, Desenho A  
RELATÓRIO DE ESTÁGIO**



**Sílvia Marta  
Guerreiro dos Reis**

**Ensino de Artes Visuais na Escola Secundária de  
Loulé**

10º Ano, Desenho A

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO**

Relatório de Estágio apresentado ao IADE-U Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário (Domínio 15) realizado sob a orientação científica da Doutora Rita Maria Carapinha Maurício Fava, Professora Auxiliar do IADE-U e sob coorientação da Professora Maria José Pinto da Luz Jerónimo, Professora do Quadro de Nomeação Definitiva da Escola Secundária de Loulé.



Aos meus pais



## **o júri**

presidente

Doutora Maria de Lourdes Rodrigues de Vitória Riobom  
Professora Auxiliar do *Instituto de Arte, Design e Empresa*  
– *Universitário, IADE-U*

Doutora Nora Alejandra Pires Almeida Cavaco  
Professora Associada no *INUAF*, e Diretora do Mestrado  
em Psicologia Educacional do *Instituto Universitário*  
*D. Afonso III de Loulé*

Maria José Pinto da Luz Jerónimo  
Professora do Quadro de Nomeação Definitiva, e  
Delegada de Grupo da *Escola Secundária de Loulé*

Doutora Rita Maria Carapinha Maurício Fava  
Professora Auxiliar do *Instituto de Arte, Design e Empresa*  
– *Universitário, IADE-U*



## **agradecimentos**

O meu sincero agradecimento a todos os que tornaram possível a concretização deste trabalho.

À Professora Doutora Rita Fava, por ter aceite orientar o presente Relatório de Estágio. Pela sua disponibilidade, dedicação e partilha de sabedoria.

À Professora Maria José Jerónimo, pelo seu auxílio, disponibilidade e amizade. Pela partilha de materiais pedagógicos, transmissão de experiências e conhecimentos.

À Direção da Escola Secundária de Loulé por permitir a realização do Estágio Pedagógico. Pela colaboração com todos os elementos necessários à realização do presente relatório.

Aos alunos do 10ºM pela sua participação. Pelo acolhimento e tudo o que me ensinaram.

À minha família, pelo apoio incondicional.

Muito obrigada.



**palavras-chave**

Ensino-Aprendizagem; Educação Artística; Desenho; Percepção; Expressão

**Resumo**

O presente relatório resulta de Estágio Pedagógico realizado na Escola Secundária de Loulé, no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e tem como finalidade a apresentação, análise e reflexão da atividade pedagógica e intervenção na comunidade escolar desenvolvida pela professora estagiária durante o ano letivo 2012/2013.

O Estágio decorreu na turma M, do 10º ano, na disciplina de Desenho A.

A primeira parte do relatório descreve o enquadramento da escola de acolhimento, quanto à sua caracterização e projetos pelos quais se rege.

Na segunda parte é descrita a disciplina lecionada, Desenho A – 10º ano, quanto à sua organização curricular e enquadramento no currículo do curso de Artes Visuais.

A terceira parte incide sobre a prática do processo de Ensino-Aprendizagem e seu desenvolvimento ao longo do ano letivo.

Na quarta e última parte é abordado o tema da importância de uma educação pela arte e o papel do docente enquanto agente de orientação vocacional.



**Keywords**

Teaching-Learning; Artistic Education; Drawing; Perception; Expression

**abstract**

This report is the result of the Teaching Internship held at Escola Secundária de Loulé, under the Masters' Degree in Visual Arts Teaching for 3rd Cycle Basic and Secondary Education and aims the presentation, reflection and analysis of pedagogical activity and intervention in the school community developed by teacher trainee during the school year 2012/2013.

The internship took place in the class M, 10th grade, discipline of Drawing A.

The first part of the report describes the framework of the host school, as to its characterization and leading projects.

The second part describes the subject, Drawing A - 10th grade, to its organization and curriculum framework in the Visual Arts curriculum.

The third part focuses on the practice of the process of Teaching-Learning and its development throughout the school year.

The fourth and final part addresses the issue of the importance of arts education and the role of the teacher as an agent of vocational guidance.



## ÍNDICE

<b>LISTA DE SIGLAS.....</b>	<b>19</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS.....</b>	<b>21</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS.....</b>	<b>27</b>
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS.....</b>	<b>29</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>31</b>
<b><u>1. ENQUADRAMENTO DA ESCOLA</u>.....</b>	<b><u>33</u></b>
<b>1.1 O CONCELHO DE LOULÉ.....</b>	<b>33</b>
<b>1.2 A ESCOLA SECUNDÁRIA DE LOULÉ.....</b>	<b>35</b>
1.2.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO SECUNDÁRIO EM LOULÉ E DA ESL.....	35
1.2.2 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ESCOLA.....	38
1.2.3 OFERTA EDUCATIVA E RECURSOS HUMANOS.....	41
1.2.4 PROJETO EDUCATIVO DA ESCOLA.....	42
1.2.5 PROJETO CURRICULAR DA ESCOLA.....	44
1.2.6 PLANO ANUAL DE ATIVIDADES.....	45
1.2.7 REGULAMENTO INTERNO.....	46
<b><u>2. A DISCIPLINA – DESENHO A</u>.....</b>	<b><u>47</u></b>
<b>2.1 ORIENTAÇÕES PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....</b>	<b>50</b>
<b>2.2 COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER.....</b>	<b>52</b>
<b>2.3 AVALIAÇÃO.....</b>	<b>53</b>
<b>2.4 PLANO CURRICULAR DESENHO A – 10º ANO.....</b>	<b>54</b>
2.4.1 CONTEÚDOS PROPOSTOS.....	55
2.4.2 SUGESTÕES METODOLÓGICAS ESPECÍFICAS.....	57

<b>3. PRÁTICA PEDAGÓGICA</b>	<b>61</b>
<b>3.1 A TURMA 10ºM</b>	<b>62</b>
<b>3.2 PLANIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES – 10ºM</b>	<b>68</b>
<b>3.3 DESENVOLVIMENTO DAS UNIDADES DE TRABALHO</b>	<b>71</b>
3.3.1 DIÁRIO GRÁFICO	71
3.3.2 DESENHO CEGO	87
3.3.3 DESENHO DE FORMAS NATURAIS	91
3.3.4 DESENHO DE FORMAS ARTIFICIAIS	97
3.3.5 CARTAZ DIREITOS HUMANOS	100
3.3.6 ESTUDO DA FIGURA HUMANA	103
3.3.6.1 RECONHECIMENTO	103
3.3.6.2 ESTUDOS DE COR	110
3.3.6.3 TRANSFORMAÇÃO	118
3.3.7 ENSAIOS DE PERSPETIVA	130
3.3.7.1 CLARO-ESCURO	132
3.3.7.2 ALTERNÂNCIA FIGURA-FUNDO	138
3.3.7.3 COMPOSIÇÃO LIVRE	141
<b>3.4 AVALIAÇÃO</b>	<b>145</b>
<b>4. A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO PELA ARTE</b>	<b>149</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>157</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>159</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>I</b>
Anexo 1. Inquérito aos alunos 10ºM	III
Anexo 2. Pedido de Autorização aos Encarregados de Educação	VII
Anexo 3. Planificação e síntese de conteúdos Desenho A, 10ºM	IX

Anexo 4. Ficha de trabalho 1 – Diário Gráfico.....	XIII
Anexo 5. Powerpoint de apresentação da UT Diário Gráfico.....	XV
Anexo 6. Ficha de trabalho 2 – Desenho Cego.....	XXIII
Anexo 7. Ficha de trabalho 3 – Desenho de Formas Naturais.....	XXV
Anexo 8. Ficha de trabalho 4 – Desenho de Formas Artificiais.....	XXVII
Anexo 9. Ficha de trabalho 5 – Cartaz Direitos Humanos.....	XXIX
Anexo 10. Planificação da UT Estudo da Figura Humana.....	XXXI
Anexo 11. Ficha de trabalho 6 – Estudo da Figura Humana.....	XXXIII
Anexo 12. Powerpoint de apresentação da UT Estudo da Figura Humana Escala e Proporções.....	XXXV
Anexo 13. Powerpoint de apresentação da Cor.....	XXXIX
Anexo 14. Powerpoint de apresentação do artista Vik Muniz.....	XLV
Anexo 15. Planificação da UT Ensaios de Perspetiva.....	LIII
Anexo 16. Ficha de trabalho 7 – Ensaios de perspetiva.....	LV
Anexo 17. Powerpoint de apresentação da UT Ensaios de Perspetiva.....	LVII
Anexo 18. Grelha de Observação de Aula.....	LXVII
Anexo 19. Registo de Avaliação Aluna NEE.....	LXIX
Anexo 20. Registo de Avaliação Final 1º Período.....	LXXI
Anexo 21. Registo de Avaliação Final 2º Período.....	LXXIII
Anexo 22. Registo de Avaliação Final 3º Período.....	LXXV

## **ANEXOS DIGITAIS<sup>1</sup>**

Anexo A. Projeto de Execução de arquitetura da ESL

Anexo B. Projeto Educativo de Escola

Anexo C. Projeto Curricular de Escola

---

<sup>1</sup> Apensos em suporte informático [CD], no final do documento escrito.

Anexo D. Plano Anual de Atividades

Anexo E. Regulamento Interno

Anexo F. Programa Desenho A, 10º Ano

Anexo G. NEE – Informações fundamentais para o Conselho de Turma

Anexo H. Psicanálise e Educação: O professor-sujeito

## LISTA DE SIGLAS

DG	Diário Gráfico
EFA	Educação e Formação de Adultos
EICL	Escola Industrial e Comercial de Loulé
ESL	Escola Secundária de Loulé
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PAA	Plano Anual de Atividades
PCE	Projeto Curricular da Escola
PEE	Projeto Educativo da Escola
PTE	Plano Tecnológico da Educação
RI	Regulamento Interno
SPO	Serviço de Psicologia e Orientação
UT	Unidade de Trabalho



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Mapa do Concelho de Loulé.....	33
Figura 2. Vista aérea da localização da ESL.....	38
Figura 3. Planta da ESL.....	40
Figura 4. Fólio de livro de padrões.....	73
Figura 5. Livro de modelos atribuído a Giovannino de Grassi.....	74
Figura 6. Caderno de esboços de Antonio Pisanello.....	74
Figura 7. DG Rodrigo Alonso.....	75
Figura 8. DG Luís Ançã.....	76
Figura 9. DG Pedro Baptista.....	76
Figura 10. DG Sara Brandão.....	76
Figura 11. DG Simonetta Capecchi.....	77
Figura 12. DG Ana Cardoso.....	77
Figura 13. DG Robert Crumb.....	77
Figura 14. DG Artur Cruzeiro Seixas.....	78
Figura 15. DG Lucile Dubroca.....	78
Figura 16. DG Pedro Fernandes.....	78
Figura 17. DG Miguel Herranz.....	79
Figura 18. DG Henry Moore.....	79
Figura 19. DG Mauro Moro.....	79
Figura 20. DG Manuel San Payo.....	80
Figura 21. DG Francisco Vidal.....	80
Figura 22. DG Jéssica.....	81
Figura 23. DG Miguel.....	82

Figura 24. DG Iara (1).....	82
Figura 25. DG Iara (2).....	82
Figura 26. DG Carina.....	83
Figura 27. DG Patrícia (1).....	83
Figura 28. DG Patrícia (2).....	83
Figura 29. DG Ruben (1).....	84
Figura 30. DG Ruben (2).....	84
Figura 31. DG Ruben (3).....	84
Figura 32. DG Ruben (4).....	85
Figura 33. DG Ruben (5).....	85
Figura 34. DG Ruben (6).....	85
Figura 35. DG Nuno.....	86
Figura 36. DG Mariana.....	86
Figura 37. DG Ruben (7).....	86
Figura 38. DG Filipa.....	87
Figura 39. DG Mónica.....	87
Figura 40. UT Desenho cego, Carina.....	89
Figura 41. UT Desenho cego, Filipa.....	89
Figura 42. UT Desenho cego, Mónica.....	90
Figura 43. UT Desenho cego, Ruben.....	90
Figura 44. Esquema de eixos estruturantes, inclinações, pontos de inflexão e Concordância.....	92
Figura 45. UT Desenho de formas naturais, Nuno (1).....	93
Figura 46. UT Desenho de formas naturais, Mónica (1).....	93
Figura 47. UT Desenho de formas naturais, Miguel.....	94

Figura 48. UT Desenho de formas naturais, Mónica (2).....	94
Figura 49. UT Desenho de formas naturais, Ruben.....	94
Figura 50. UT Desenho de formas naturais, Igor (1).....	95
Figura 51. UT Desenho de formas naturais, Igor (2).....	95
Figura 52. UT Desenho de formas naturais, Igor (3).....	95
Figura 53. UT Desenho de formas naturais, Mónica (3).....	96
Figura 54. UT Desenho de formas naturais, Jéssica.....	96
Figura 55. UT Desenho de formas naturais, Nuno (2).....	96
Figura 56. UT Desenho de formas artificiais, Mariana.....	98
Figura 57. UT Desenho de formas artificiais, Nuno.....	98
Figura 58. UT Desenho de formas artificiais, Carina.....	98
Figura 59. UT Desenho de formas artificiais, Igor.....	99
Figura 60. UT Desenho de formas artificiais, Igor.....	99
Figura 61. Cartaz Direitos Humanos.....	102
Figura 62. Cartaz Direitos Humanos, pormenor.....	102
Figura 63. Cartaz Direitos Humanos, fotografia de grupo.....	103
Figura 64. Cãnone das proporções do corpo humano.....	105
Figura 65. Proporções do rosto.....	106
Figura 66. UT Estudo da figura humana / Reconhecimento, Carina.....	107
Figura 67. UT Estudo da figura humana / Reconhecimento, Iara.....	107
Figura 68. UT Estudo da figura humana / Reconhecimento, Patrícia.....	108
Figura 69. UT Estudo da figura humana / Reconhecimento, Nuno.....	108
Figura 70. UT Estudo da figura humana / Pormenores, Miguel.....	109
Figura 71. UT Estudo da figura humana / Pormenores, Nuno.....	109
Figura 72. UT Estudo da figura humana / Pormenores, Igor.....	109

Figura 73. Síntese subtrativa.....	111
Figura 74. Síntese aditiva.....	112
Figura 75. Círculo cromático.....	113
Figura 76. UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Ruben.....	115
Figura 77. UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Nuno.....	116
Figura 78. UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Patrícia.....	116
Figura 79. UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Mariana.....	117
Figura 80. UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Vanessa.....	117
Figura 81. UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Carina.....	118
Figura 82. UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Miguel.....	118
Figura 83. Vik Muniz, <i>Dupla Mona Lisa (depois de Warhol)</i> .....	121
Figura 84. Vik Muniz, <i>Autorretrato</i> .....	122
Figura 85. Vik Muniz, <i>Criança de açúcar</i> .....	122
Figura 86. Vik Muniz, <i>Pintura com chocolate</i> .....	123
Figura 87. Vik Muniz, Vista da exposição Vik, Museu Berardo.....	123
Figura 88. UT Estudo da figura humana / Transformação, Carina.....	124
Figura 89. UT Estudo da figura humana / Transformação, Filipa.....	124
Figura 90. UT Estudo da figura humana / Transformação, Iara.....	125
Figura 91. UT Estudo da figura humana / Transformação, Igor.....	125
Figura 92. UT Estudo da figura humana / Transformação, Jéssica.....	126
Figura 93. UT Estudo da figura humana / Transformação, Mariana.....	126
Figura 94. UT Estudo da figura humana / Transformação, Miguel.....	127
Figura 95. UT Estudo da figura humana / Transformação, Mónica.....	127
Figura 96. UT Estudo da figura humana / Transformação, Nuno.....	128
Figura 97. UT Estudo da figura humana / Transformação, Patrícia.....	128

Figura 98. UT Estudo da figura humana / Transformação, Ruben.....	129
Figura 99. UT Estudo da figura humana / Transformação, Vanessa.....	129
Figura 100. Modelos para desenho à vista.....	131
Figura 101. UT Ensaios de perspetiva, Patrícia.....	132
Figura 102. Exemplos de aparos utilizados pelos alunos.....	133
Figura 103. UT Ensaios de perspetiva / Claro-Escuro, Nuno.....	134
Figura 104. UT Ensaios de perspetiva / Claro-Escuro, Ruben (1).....	134
Figura 105. UT Ensaios de perspetiva / Claro-Escuro, Filipa (1).....	135
Figura 106. UT Ensaios de perspetiva / Claro-Escuro, Miguel.....	135
Figura 107. UT Ensaios de perspetiva / Claro-Escuro, Mariana.....	135
Figura 108. UT Ensaios de perspetiva / Claro-Escuro, Patrícia.....	136
Figura 109. UT Ensaios de perspetiva / Claro-Escuro, Mónica.....	136
Figura 110. UT Ensaios de perspetiva / Claro-Escuro, Filipa (2).....	136
Figura 111. UT Ensaios de perspetiva / Claro-Escuro, Ruben (2).....	137
Figura 112. UT Ensaios de perspetiva / Claro-Escuro, Ruben (3).....	137
Figura 113. UT Ensaios de perspetiva / Alternância figura-fundo, Patrícia.....	139
Figura 114. UT Ensaios de perspetiva / Alternância figura-fundo, Jéssica.....	139
Figura 115. UT Ensaios de perspetiva / Alternância figura-fundo, Mariana.....	140
Figura 116. UT Ensaios de perspetiva / Alternância figura-fundo, Igor.....	140
Figura 117. UT Ensaios de perspetiva / Composição livre, Nuno (1).....	141
Figura 118. UT Ensaios de perspetiva / Composição livre, Carina.....	142
Figura 119. UT Ensaios de perspetiva / Composição livre, Miguel.....	142
Figura 120. UT Ensaios de perspetiva / Composição livre, Patrícia (1).....	143
Figura 121. UT Ensaios de perspetiva / Composição livre, Nuno (2).....	143
Figura 122. UT Ensaios de perspetiva / Composição livre, Mariana.....	144

Figura 123. UT Ensaios de perspectiva / Composição livre, Patrícia (2).....	144
Figura 124. UT Ensaios de perspectiva / Composição livre, Filipa.....	145

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Operacionalização de áreas, conteúdos e temas propostos pelo Ministério da Educação para o ensino secundário.....	48
Quadro 2. Conteúdos propostos pelo Ministério da Educação – Desenho A, 10º ano.....	55
Quadro 3. Sugestões metodológicas específicas propostas pelo Ministério da Educação – Desenho A, 10º ano.....	58
Quadro 4. Planificação das atividades da disciplina de Desenho A, 10º M.....	69



## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição do nº de alunos da turma M por localidade.....	64
Gráfico 2. Nº de alunos segundo a composição do agregado familiar.....	64
Gráfico 3. Nº de alunos segundo as idades das mães e dos pais.....	65
Gráfico 4. Nº de alunos segundo as habilitações académicas das mães e dos pais.....	65
Gráfico 5. Nº de alunos retidos por ciclo de ensino.....	66
Gráfico 6. Fatores que condicionaram a escolha da área de ensino.....	67
Gráfico 7. Fatores que contribuem para o insucesso, segundo opinião dos alunos.....	67



## INTRODUÇÃO

O presente Relatório de Estágio, realizado no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, reflete sobre a prática de ensino supervisionado durante o ano letivo 2012/2013, na Escola Secundária de Loulé, pertencente ao concelho de Loulé, distrito de Faro.

O relatório incide sobre a prática do ensino no Grupo de Artes Visuais (600), na disciplina de Desenho A, numa turma de 10º ano de escolaridade, concretamente a turma M. Constitui o primeiro ano da disciplina trianual e foi lecionada duas vezes por semana em cinco tempos de quarenta e cinco minutos. No presente estágio acompanhei, de igual modo, a Direção de Turma, uma vez que à professora coorientadora coube esse cargo, com um atendimento semanal de um tempo de quarenta e cinco minutos e com as demais funções inerentes ao cargo (reuniões de pais, de diretores de turma, elaboração de atas, organização do processo da turma, entre outros).

A disciplina foi lecionada desde o dia 14 de Setembro de 2012 até ao dia 14 de Junho de 2013, sempre em conjunto com a professora coorientadora Maria José Jerónimo, num total de cento e setenta e uma aulas teóricas e práticas.

Deste modo, o presente relatório é composto por uma introdução, quatro capítulos que se articulam entre si e que pretendem descrever os elementos fundamentais da prática de ensino supervisionada, a saber:

- o capítulo 1, que se divide em dois subcapítulos e sete sub-subcapítulos, onde descrevo o enquadramento da escola, nomeadamente o concelho onde se insere; apresento uma breve história do ensino secundário em Loulé; caracterizo o estabelecimento de ensino no que respeita às suas instalações, serviços, equipamentos, a sua oferta formativa e recursos humanos, bem como apresento os planos e projetos pelos quais se rege, tais como o Projeto Educativo (PEE) e Curricular da Escola (PCE), o Plano Anual de Atividades (PAA) e o Regulamento Interno (RI).

- o capítulo 2 (com quatro subcapítulos e dois sub-subcapítulos) onde apresento e efetuo o enquadramento da disciplina de Desenho A no que concerne

à sua organização curricular (nomeadamente: plano curricular, finalidades, objetivos, orientações processo ensino-aprendizagem, competências a desenvolver e avaliação); e onde apresento os conteúdos e sugestões metodológicas específicas da disciplina.

- o capítulo 3 onde enuncio concretamente a prática do ensino supervisionado. Este capítulo é dividido em quatro subcapítulos: no primeiro efetuo a caracterização da turma; no segundo apresento o PCE e planificação das atividades; no terceiro descrevo as atividades realizadas ao longo do ano letivo; e no quarto apresento a avaliação dos alunos, nomeadamente os seus instrumentos, objetos e parâmetros.

- finalmente, no capítulo 4, dando resposta a um interesse pessoal, incluo uma pequena reflexão sobre a importância de uma educação pela arte e em que medida o docente tem um papel orientador no processo de escolha da área de ensino: a análise que efetuei tem como principais objetivos, por um lado, compreender quais as razões que influenciam a escolha (ou não) da área de Artes Visuais pelos alunos e, por outro lado, perceber em que medida é necessário implementar uma intervenção em Orientação Escolar e Profissional como estratégia eficaz para a promoção de formação na referida área.

## 1. ENQUADRAMENTO DA ESCOLA

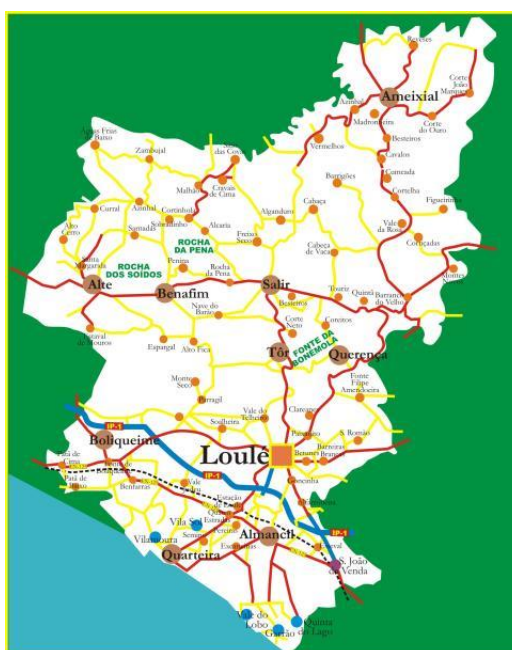
Neste capítulo pretendo enquadrar a escola, quanto à sua localização e caracterização do meio onde se insere – concelho de Loulé; apresento uma breve contextualização histórica do ensino secundário em Loulé e da Escola Secundária de Loulé (ESL); e descrevo a escola quanto às suas instalações serviços e equipamentos, oferta educativa e projetos pelos quais se rege.

### 1.1 O CONCELHO DE LOULÉ

O concelho de Loulé, no distrito de Faro, localiza-se no Algarve. É limitado a oeste por Silves e Albufeira, a este por S. Brás de Alportel, Alcoutim e Tavira, a norte por Almodôvar (distrito de Beja), a sul e sudeste por Faro e a sudoeste pelo Oceano Atlântico.

É o maior e mais populoso município algarvio, com uma superfície de cerca de 765 km<sup>2</sup> e 70.000 habitantes, distribuído por 11 freguesias: Almancil, Alte, Ameixial, Benafim, Boliqueime, Quarteira, Querença, Salir, São Clemente, São Sebastião e Tôr.

Figura 1. Mapa do Concelho de Loulé



Fonte: <http://algarve-portal.com>; consultado em 02/04/2013

A origem de Loulé remonta ao Paleolítico Antigo como comprovam achados arqueológicos. A passagem de Fenícios e Cartagineses foi registada pela fundação de feitorias na orla marítima do concelho e pelo desenvolvimento das atividades piscatória, metalúrgica e comércio.

Em meados do século II a.C., os romanos foram responsáveis pelo desenvolvimento da indústria conserveira, da exploração de cobre e ferro e da agricultura.

Com a conquista Muçulmana no século VIII, nasceu a urbe medieval que veio a gerar a cidade histórica atual, provindo assim o nome da cidade de Loulé da designação árabe Al-Ulya (alto, colina). Em 1249, D. Afonso III, com a ajuda de D. Paio Peres Correia, cavaleiro e mestre da Ordem de Sant'Iago, conquistou o Castelo de Loulé aos Mouros, e em 1266, concedeu-lhe o primeiro foral.

Quanto à economia, pode-se dizer que o sector terciário é sem dúvida o mais relevante, relacionado com o turismo (nomeadamente, o turismo balnear).

No sector primário, a agricultura ocupa 34,2% da área do concelho, com predomínio do cultivo de cereais, citrinos, vinha, prados temporários, culturas forrageiras e pousio. Na pecuária, as espécies predominantes são as aves, os ovinos e os suínos.

As indústrias alimentar, da construção civil e do cimento são as principais atividades do sector terciário.

A nível populacional, entre 2001 e 2011 registou-se um aumento de 18,7% da população residente (de 59160 habitantes para 70240 habitantes). Este aumento populacional justifica-se pelo aumento positivo da taxa de crescimento migratória e da taxa de crescimento natural. Desta forma, a migração tem contribuído também para um rejuvenescimento da população do Concelho e conseqüente aumento do número de alunos a frequentar a ESL traduzindo-se numa mais-valia em termos de multiculturalidade.

## 1.2 A ESCOLA SECUNDÁRIA DE LOULÉ

Neste subcapítulo apresento uma breve contextualização histórica acerca do ensino secundário em Loulé; e efetuo uma caracterização geral da escola, quanto à sua estrutura, oferta educativa, recursos humanos e projetos pelos quais se rege.

### 1.2.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO SECUNDÁRIO EM LOULÉ E DA ESL

A presente contextualização histórica do ensino secundário no concelho de Loulé teve como principais fontes o Arquivo Municipal e o Jornal “A Voz de Loulé”.

Foi longo o processo que conduziu à concretização de um estabelecimento oficial de ensino secundário em Loulé.

Durante muitos anos apenas existiu o Colégio Infante D. Henrique, criado nos anos 30 do século XX, como único recurso na vila para o prosseguimento de estudos dos estudantes que terminavam o ensino primário. Mas o facto de ser privado (e, portanto, paga a sua frequência), e terem que ser feitos os exames de final de ciclo no Liceu Nacional de Faro, não solucionava as carências existentes.

Em 1928, em sessão realizada no dia 8 de Outubro, a Comissão Administrativa Municipal deliberou criar em Loulé um Liceu Municipal, figura criada na lei através do Dec. 15 973 de 21 de Setembro desse ano. A regulamentação previa a criação de liceus municipais em concelhos com mais de 30.000 habitantes e com importante desenvolvimento, com todos os encargos por conta do município, e onde só poderiam funcionar as duas classes do 1º ciclo do curso geral e com um numero de alunos entre os 50 e os 150 de ambos os sexos.

No entanto, devido à reduzida distância em relação ao Liceu de Faro, não chegou a ser autorizado.

Somente em Agosto de 1957 foi revelada a criação da denominada Escola Industrial e Comercial de Loulé (EICL) num encontro que decorreu em Lisboa

entre o Diretor-Geral do Ensino Técnico e o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loulé em exercício, *José João Ascensão Pablos*.

Tendo sido publicada oficialmente a criação através do Decreto 41 258, de 10 de Setembro, foi de seguida nomeado seu primeiro diretor o *Dr. Fernando Hermínio Periquito Laborinho*, que tomou posse do cargo no dia 6 de Novembro seguinte em Loulé, e iniciadas obras de restauro sumárias na velha Escola Conde de Ferreira (na Praça da República). Logo que foi possível (Janeiro de 1958), deu-se início às aulas com os alunos que entretanto acorriam de todo o Concelho, alguns transferindo-se de outras escolas (nomeadamente de Faro).

Nos primeiros anos funcionaram na EICL os cursos do Ciclo Preparatório e os de Formação Feminina e de Serralheiro; depois de 1961, de Eletromecânico. Os discentes dividiam-se pelos cursos de uma forma clara: as meninas frequentavam o de Formação Feminina e os rapazes, o de Serralheiro e Eletromecânico. Ingressava-se na escola através de exame de admissão realizado antes do início do ano letivo.

Em 1968/69 inauguraram-se as instalações do novo Ciclo Preparatório no antigo campo da feira, ao lado do estádio municipal. Aí se lecionavam os 1º e 2º anos, de onde os alunos derivavam depois para o ensino liceal ou técnico (3º ano).

A partir de 1972, foram introduzidas algumas alterações e novas designações nos cursos técnicos pela Circular 3/72 de Junho desse ano, passando a haver na escola os seguintes:

- Curso de Formação de Eletromecânico
- Curso Geral de Eletricidade
- Curso Geral de Mecânica
- Curso Geral de Administração e Comércio
- Curso Geral de Formação Feminina
- Curso Complementar de Aprendizagem de Comércio (aperfeiçoamento) – noturno.

O ano letivo de 1976/77 marcou outra importante data na história do ensino secundário em Loulé - a utilização de novas instalações, com os dois tipos de ensino no mesmo estabelecimento: a Escola Secundária Polivalente de Loulé, no

Parque da vila. A frequência, muito aumentada, devido também ao regresso dos nacionais das ex-colónias, era já muito superior às próprias instalações da escola e, durante dois anos letivos, enquanto não se construiu um novo bloco de aulas, tiveram que ser utilizadas as salas do antigo Colégio (1977/78 e 1978/79).

Nesse mesmo ano de 1976/77 foi iniciado o curso unificado que, em resultado da fusão de muitas escolas por todo o país, pelas críticas que na época se faziam às diferenças de formação entre os Liceus e as escolas Técnicas, pretendia igualar os dois tipos de ensino acima referidos, ao nível dos cursos gerais. Mantinham-se apenas as vias separadas no Complementar.

Em 1978/79, com a aplicação do Despacho Normativo 140/A/78 de 15 de Junho, foram também refundidos os cursos complementares e foram criados novos cursos em que as disciplinas se organizavam em áreas: A- Científico-Naturais; B- Tecnológicos; C- Económico- Sociais; D- Humanísticas; E - Artes.

Em simultâneo, e tentando responder às críticas sobre a falta de formação técnica e profissional, passavam a existir cursos profissionais e cursos técnico-profissionais.

Até que, em 1993/94, ao abrigo do Decreto-Lei 286/89 de 29 de Agosto, se iniciaram os cursos do novo ensino secundário, agora organizados por agrupamentos: 1- Científica e Natural; 2- Artes; 3 - Económica e Social; e 4 - Humanidades. Em cada uma das dominantes passou a haver cursos para o prosseguimento de estudos e cursos tecnológicos.

Também a ESL tem uma longa tradição de ensino noturno que, desde os tempos da antiga EICL, foram frequentados por milhares de pessoas segundo os cursos e reformas em cada época vigentes, cumprindo também a este nível um papel social de extrema relevância para o meio.

Nos últimos anos, de acordo com as novas orientações da política educativa, investiu-se também em cursos de carácter técnico e profissional (como os Tecnológicos) e, mais recentemente, os Cursos de Educação e Formação e os Cursos Profissionais.

Atualmente lecionam-se os módulos capitalizáveis e os Cursos de Educação e Formação de Adultos.

Finalmente, através do Despacho nº 6950/2008, de 10 de Março foi criado na escola o Centro Novas Oportunidades que promove a qualificação da população adulta do concelho

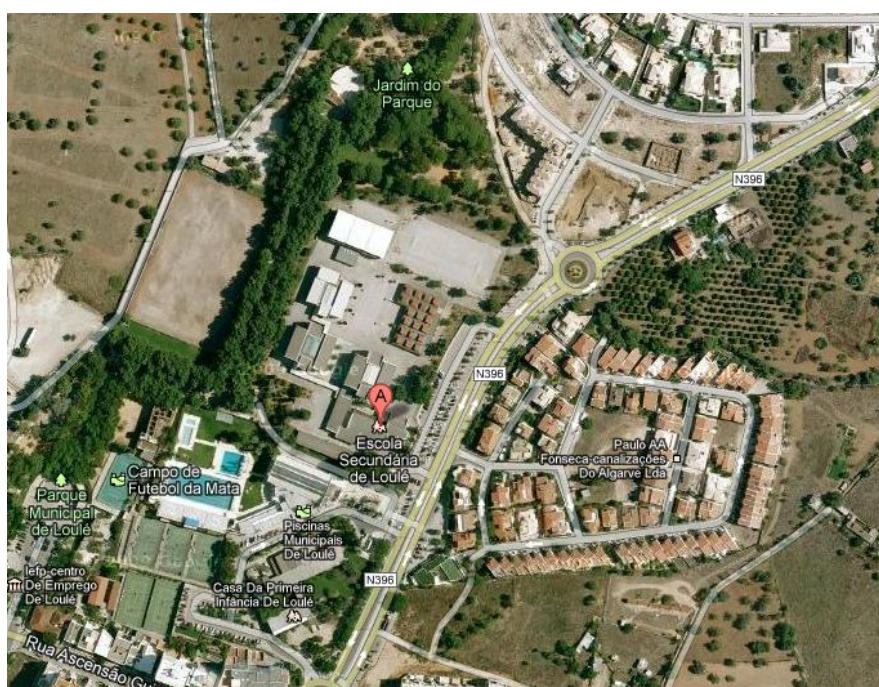
Nos anos 80 e 90 do século XX, foram criadas novas escolas no concelho (Secundária e duas EB 2,3 em Quarteira; EB 2,3 em Almancil, Boliqueime, Salir algumas sucedendo a postos de Telescola e, agora, Agrupamentos Verticais; Escolas Profissionais em Alte e Quarteira - entretanto encerrada; e Colégio de Vilamoura - privado).

Ao mesmo tempo, a ESL, passou a lecionar, a partir do ano lectivo de 1997/98, apenas os anos que pertencem ao atual Ensino Secundário (10º,11º e 12º anos).

### 1.2.2 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ESCOLA

A ESL é um estabelecimento público, situado na Avenida Laginha Serafim, numa zona residencial urbana, circundada por espaços verdes, desportivos, lúdicos e culturais.

Figura 2. Vista aérea da localização da ESL



Fonte: <https://maps.google.pt/maps?hl=pt-PT&tab=w1>; consultado em 02/04/2013

A ESL não se encontra inserida em nenhum agrupamento o que lhe confere uma maior autonomia.

Funciona em dois pavilhões generalistas, com três pisos cada; um pavilhão gimnodesportivo; um polidesportivo exterior; um bloco de oficinas; um bloco de dois pisos com serviços de apoio; um pavilhão pré-fabricado; e um bloco de serviços, onde existe um espaço polivalente, o gabinete da Direção da Escola, os serviços administrativos, uma cantina, uma cozinha e um bufete.

Desde o ano letivo 2010/2011, a ESL tem vindo a sofrer grandes obras de remodelação e reabilitação, ao abrigo do Programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário, efetuadas pelo Ministério da Educação, e que continuam a decorrer até à data (v. anexo digital A)<sup>1</sup>.

Na ESL lecionam-se cursos científico-humanísticos e cursos profissionalmente qualificantes, no período diurno; e cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA) e Ensino Recorrente durante o período noturno.

Nas suas instalações funcionam também o Centro de Novas Oportunidades; o Centro de Formação de Professores do Litoral à Serra; ocorrem, de igual modo, ações de formação pontuais e atividades desportivas, ambas promovidas por entidades externas.

Conforme planta abaixo (cf. fig. 3), a portaria da escola está indicada com a letra P.

No bloco A funcionam os seguintes serviços: Direção; Administrativos; de Ação Social Escolar; Centro de Novas Oportunidades; Centro de Formação de Professores do Litoral à Serra; sala da coordenadora, assessores e diretores de turma; centro PTE (Plano Tecnológico da Educação) de apoio às Tecnologias de Informação e Comunicação; restaurante escolar; bufete de alunos; salão polivalente; papelaria/reprografia; bufete de professores; sala de professores; biblioteca escolar; associação de estudantes; gabinete do adolescente; Gabinete para a Solidariedade; Gabinete de Sustentabilidade Ambiental.

No bloco B situam-se as salas de informática; salas de aula; oficina de artes; e Gabinete de Serviço de Psicologia e Orientação (SPO).

---

<sup>1</sup> Dada a extensão de alguns documentos, no presente relatório constarão anexos impressos e anexos apenas em formato digital (em CD apenso na contracapa).

Os blocos C, D e E, encontram-se em reestruturação e parcialmente desativados, estando apenas o auditório a funcionar.

O bloco G, correspondente ao Pavilhão Gimnodesportivo comporta: os balneários masculinos, femininos e de professores; WC masculino e feminino; sala para aulas teóricas; sala polivalente; gabinete para professores; arrecadação de material; e galeria para o público.

Nos monoblocos climatizados funcionam o laboratório de Física e Química; o laboratório de Biologia e Geologia; salas de aula; sala de audiovisuais, laboratório de Eletricidade; e oficina de Eletricidade.

Nos blocos pré-fabricados, encontram-se as oficinas de Manutenção e as salas dos Cursos Profissionais de Restauração.

Fig. 3 Planta da ESL



Fonte: Projeto Educativo da Escola, 2012: 13 (cf. anexo digital B)

### 1.2.3 OFERTA EDUCATIVA E RECURSOS HUMANOS

No ano letivo 2012/2013 a escola abrangia uma população de cerca de mil e duzentos alunos que frequentavam o ensino secundário diurno e noturno.

A ESL recebe maioritariamente alunos provenientes das escolas EB 2,3 Padre João Coelho Cabanita (Loulé), Engenheiro Duarte Pacheco (Loulé), Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva (Boliquireime), Doutor António de Sousa Agostinho (Almancil) e Professor Sebastião Teixeira (Salir).

A oferta formativa da ESL é determinada pelas expectativas e necessidades de formação da população envolvente, auscultadas maioritariamente através de parceiros sociais e encarregados de educação.

Neste sentido, no ensino diurno a oferta divide-se entre cursos científico-humanísticos (vocacionados para o prosseguimento de estudos) e de formação profissional (vocacionados para a integração no mundo do trabalho).

Os cursos científico-humanísticos distribuem-se pelas seguintes opções:

- Curso de ciências e tecnologias;
- Curso de ciências socioeconómicas;
- Curso de línguas e humanidades;
- Curso de artes visuais.

As ofertas para os cursos de formação profissional dividem-se entre:

- Animador sociocultural;
- Técnico de restauração (variante restaurante-bar e variante cozinha-pastelaria);
- Técnico de energias renováveis (variante de sistemas solares);
- Técnico de gestão e programação de sistemas informáticos;
- Técnico de turismo;
- Técnico de design gráfico;
- Técnico de turismo ambiental e rural;
- Técnico de gestão de equipamentos informáticos;
- Técnico de secretariado;
- Técnico de manutenção industrial (mecatrónica automóvel);

- Técnico de eletricidade de instalações;
- Técnico de instalação e manutenção de sistemas informáticos;
- Técnico de mecatrónica automóvel;
- Técnico de instalações elétricas.

No ensino para adultos há a opção entre os cursos científico-humanísticos (ensino recorrente) e os cursos EFA.

Paralelamente a todos os cursos, a ESL oferece ainda o *Português Para Todos*, com o objetivo de facilitar a integração dos estrangeiros emigrantes na região.

A distribuição das turmas para os cursos científico-humanísticos é efetuada da seguinte forma: dezasseis turmas na área de Ciências e Tecnologias; três na áreas de Ciências Socioeconómicas; nove turmas na área de Línguas e Humanidades; e seis turmas na área das Artes Visuais.

No ano letivo 2012/2013 a escola integrou cento e setenta docentes, de dezassete grupos disciplinares.

O Departamento de Expressões, no qual a área das Artes Visuais se encontra inserida, é composto por vinte e oito docentes, distribuídos pelos seguintes grupos: oito nas Artes Visuais (grupo 600), treze em Educação Física (grupo 620) e sete em Bar e Pastelaria (grupo 630).

Relativamente ao quadro não docente, este é composto por quarenta e três elementos, distribuídos entre: assistentes operacionais, assistentes técnicos, psicóloga e técnicos do Centro de Novas Oportunidades.

#### 1.2.4 PROJETO EDUCATIVO DA ESCOLA

O PEE (v. anexo digital B) da ESL é um documento orientador, com a duração de três anos, no qual se estabelecem princípios, valores, metas e estratégias que visam preparar cidadãos capazes, intervenientes e críticos, em conjunto com os vários agentes educativos. Assim, foram tidos em conta fatores como o contexto social dos alunos, as características dos recursos humanos e

materiais da escola, os resultados da autoavaliação e o plano de melhoria desenvolvido pelo Observatório da Qualidade da ESL.

Neste seguimento, a ESL adotou para o seu PEE o título “Orientar saberes, Desenvolver aptidões, Preparar para a cidadania”.

Segundo a ESL, este é um documento dinâmico que procura constantemente identificar novas necessidades de todos os intervenientes educativos e, como tal, deve ser periodicamente avaliado e, quando necessário, reformulado de forma a ir ao encontro das suas metas, objetivos e finalidades e assumiu como missão a difusão e aplicação de conhecimentos assentes nos princípios fundamentais da Carta dos Direitos do Homem (tais como a liberdade de pensamento e exercício crítico na promoção da educação e da construção de um modelo de sociedade assente em princípios humanistas que contemplem princípios de desenvolvimento sustentável, de bem-estar e de solidariedade).

Para a concretização da sua missão a ESL desenvolveu os seguintes objetivos estratégicos:

- “Recorrer a metodologias diversificadas que permitam não só as aquisições necessárias no domínio cognitivo, mas que sejam igualmente significativas para o plano afetivo e psicomotor, na procura da autonomia;
- Criar condições que assegurem a formação para a saúde, nomeadamente no âmbito da educação sexual;
- Criar condições que promovam a cidadania num clima agradável e facilitador das interações;
- Criar alternativas aos currículos regulares, de forma a responder a diferentes interesses, aptidões, expectativas sociais, académicas e profissionais;
- Proporcionar cursos vocacionados para o ingresso na vida ativa, que contemplem a qualificação profissional e visem uma melhor integração no mercado de trabalho;
- Promover na população discente conhecimentos, capacidades e atitudes fundamentais, que permitam prosseguir os seus percursos pessoais, académicos e profissionais, com qualidade, criatividade e autonomamente;
- Fomentar as parcerias educativas não só a nível nacional como internacional;
- Contribuir para a melhoria dos níveis de escolarização e formação/qualificação da população adulta do concelho;
- Desenvolver competências que melhorem a integração dos adultos no mercado de trabalho;

- Enriquecer a formação científica, cultural e social do pessoal docente e não docente;
- Valorizar o envolvimento dos alunos nas tomadas de decisão na e para a Escola;
- Incentivar a participação na e com a comunidade – articular as relações Escola/Família, estabelecer parcerias com instituições locais e constituir-se a escola como um recurso para a comunidade, numa perspetiva de criação de sinergias positivas que contribua para a melhoria da formação e qualificação da população do concelho” (PEE: 25,26).

### 1.2.5 PROJECTO CURRICULAR DA ESCOLA

O PCE (v. anexo digital C), tal como o PEE, rege-se pelo princípio de “Orientar saberes, Desenvolver aptidões, Preparar para a cidadania”; cabendo a este documento a missão de adequar a ESL ao currículo nacional.

Assim, através de atas das diversas estruturas educativas e informações partilhadas em reuniões ou mesmo informalmente, foi elaborado o documento que pretende evidenciar falhas que dificultam um percurso escolar de sucesso e que se tornam áreas prioritárias em que investir. Deste modo, a ESL identificou como prioritárias as seguintes áreas: insuficiente domínio da Língua Materna; das Línguas Estrangeiras; da Matemática (nomeadamente a resolução de problemas que envolvam raciocínio lógico, compreensão e interpretação de documentos); insuficiente consciencialização dos alunos do esforço e empenho inerentes à aprendizagem, conduzindo a falta de autonomia; insuficiente interiorização de valores, princípios e regras de convivência; insuficiente envolvimento dos Pais/Encarregados de Educação; e, finalmente, falta de perspetivas futuras a nível académico e profissional.

Com o objetivo de suprir estas lacunas, a ESL criou um conjunto de metas que contemplam uma intervenção para o que a escola designou de Intervenção para a Promoção da Qualidade das Aprendizagens (PCE: 6,7), e que pressupõe uma colaboração entre todas as áreas curriculares, em articulação com os diversos agentes educativos, tais como SPO.

## 1.2.6 PLANO ANUAL DE ATIVIDADES

O PAA (v. anexo digital D) da ESL foi elaborado de acordo com as metas, objetivos e estratégias gerais previstos no PEE, no PCE e no RI, articulado também com as expectativas e necessidades dos alunos, recursos disponíveis e características das turmas e do meio envolvente com vista à operacionalização dos mesmos.

Desde 19 de Julho de 2012, a ESL integra também a Rede do Sistema de Escolas Associadas da UNESCO<sup>2</sup>, em que se pretende que seja um contributo efetivo na mobilização dos utentes da escola para o cumprimento dos Objetivos do Milénio<sup>3</sup>.

Desta forma, a ESL estabeleceu como objetivos de intervenção prioritária, por considerar aqueles em que poderá ter uma ação mais eficaz, os seguintes:

---

<sup>2</sup> *ASPnet, Associated Schools Project Network* - rede de colaboração internacional, onde mais de 8000 escolas em todo o mundo partilham os objetivos educacionais e os projetos que são propostos pela UNESCO. A ESL integrou, desde 19 de Julho de 2012, a Rede do Sistema de Escolas Associadas da UNESCO. Na base desta candidatura, esteve, entre outros, um projeto *Comenius* – parcerias de Escolas, no âmbito do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida, entre a instituição e quatro escolas europeias, *IES Blas Infante* de Córdoba, Espanha, *Liceo Rosina Salvo* de Trapani, Itália, *LO Dr<sup>a</sup> Tytusa Chalubinskiego w Radomiu* de Radom, na Polónia e *Lycée Chateaubriand* de Rennes, França, que desenvolvem trabalho colaborativo sobre o tema *Culturas Diferentes, Objetivos Humanos Comuns*.

Este projeto, coordenado pela docente Ermelinda Travia, baseia-se na Declaração do Milénio das Nações Unidas, mais precisamente nos Direitos Humanos e Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), junta professores e alunos que, no âmbito dos *curricula*, desenvolvem pesquisas, trabalhos, divulgam e partilham resultados, comemoram dias temáticos, sensibilizam a comunidade sobre questões e problemas que poderão inviabilizar a concretização das metas estabelecidas para 2015, pelas Nações Unidas.

Até ao momento, foram realizados três encontros internacionais que proporcionaram maior conhecimento histórico-cultural, linguístico, económico, educacional sobre a realidade dos parceiros, mas sobretudo permitiram o debate sobre estado de cada região no que concerne os ODM e os Direitos Humanos.

<sup>3</sup> Em Setembro de 2000, os dirigentes mundiais reunidos na Cimeira do Milénio reafirmaram as suas obrigações comuns para com “todas as pessoas do mundo, especialmente as mais vulneráveis e, em particular, as crianças do mundo a quem pertence o futuro”. Comprometeram-se a atingir um conjunto de objetivos específicos, os ODM, que irão guiar os seus esforços colectivos nos próximos anos no que diz respeito ao combate da pobreza e ao desenvolvimento sustentável. Até 2015, os 189 Estados Membros das Nações Unidas comprometeram-se a: 1. erradicar a pobreza extrema e a fome; 2. alcançar o Ensino Primário universal; 3. promover a igualdade de género e a autonomização da mulher; 4. reduzir a mortalidade de crianças; 5. melhorar a saúde materna; 6. combater o VIH/SIDA, a malária e outras doenças; 7. garantir a sustentabilidade ambiental; 8. criar uma parceria global para o desenvolvimento (Fonte: [http://www.unicef.pt/docs/os\\_objectivos\\_de\\_desenvolvimento\\_do\\_milenio.pdf](http://www.unicef.pt/docs/os_objectivos_de_desenvolvimento_do_milenio.pdf); consultado em 28/07/2013).

- Combate à fome e à miséria;
- Acesso à educação para todos;
- Defesa da igualdade de género;
- Combate à SIDA;
- Qualidade de vida e respeito pelo meio ambiente.

As atividades constantes do PAA procuram envolver alunos, professores e meio envolvente, numa perspetiva de transversalidade pedagógica e didática, em que a escola se assuma como parte integrante da comunidade educativa em que se insere.

### 1.2.7 REGULAMENTO INTERNO

O RI (v. anexo digital E) é a formalização que regulamenta e operacionaliza os princípios contidos no PEE, definindo o regime de funcionamento da escola, dos seus órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços administrativos, técnicos e técnico-pedagógicos assim como os direitos e deveres de todos os membros da comunidade educativa, no que concerne à escola.

O RI tem como bases normativas para a sua elaboração a Lei de Bases do Sistema Educativo, o PEE e os objetivos gerais e específicos definidos para o 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário.

Este documento estabelece um conjunto de regras explícitas a aplicar por todos os indivíduos da comunidade escolar; regras essas que normalizam e asseguram uma coexistência, saudável e crítica entre os diferentes estatutos e papéis, tendo estes a obrigação de os respeitar, cumprir e fazer respeitar, numa perspetiva informativa e formativa.

## **2. A DISCIPLINA – DESENHO A**

A disciplina de Desenho A (v. anexo digital F) é uma das disciplinas que integra o curso científico-humanístico de Artes Visuais – regulado pela portaria nº550-D/2004, de 21 de Maio – e integra os 10º, 11º e 12º anos de escolaridade. Tratando-se de um curso vocacionado para o prosseguimento de estudos de nível superior, é uma disciplina continuada, finalizada com um exame nacional.

Segundo os autores do manual do programa, Ramos, Queiróz, Barros & Reis (2001), é uma disciplina destinada a proporcionar aprendizagens científicas de base que correspondam, simultaneamente, às exigências de uma formação de nível pré-profissional e de nível intermédio.

Como referido no Programa de Desenho A, o desenho é uma “forma universal de conhecer e comunicar” (Ramos, Queiróz, Barros & Reis, 2001:3), daí a importância desta disciplina transversal. O programa refere ainda que o desenho proporciona aptidões de expressão e perceção, tendo no entanto, objetivos mais amplos:

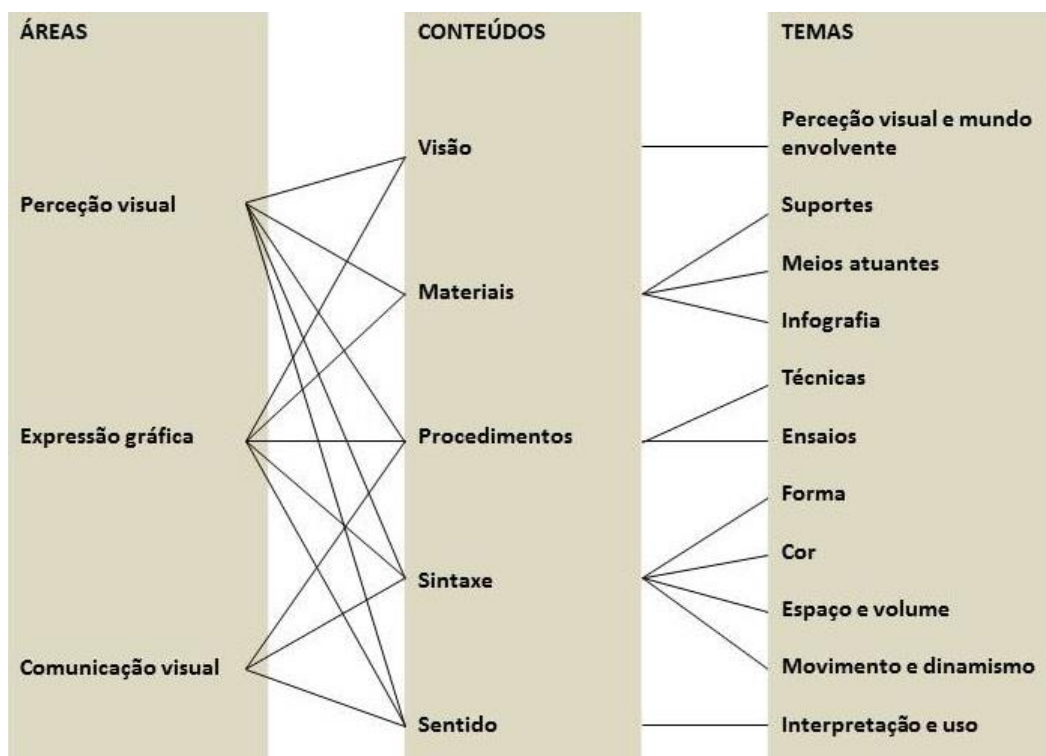
“(…) é também forma de reagir, é atitude perante o mundo que se pretende atenta, exigente, construtiva e liderante. Marca ontologicamente o jovem estudante no sentido em que concorre para que este venha a ser um profissional responsabilizado perante a mais-valia com que a proposta gráfica enriquece a dinâmica social; se torne mais capaz de ver criticamente e de intervir, na interação cultural” (Ramos, Queiróz, Barros & Reis, 2001:3).

Assim, como um espaço de elasticidade onde se abordam temas específicos da arte, as artes visuais (neste caso específico, o desenho) permitem evocar outras temáticas fora dos programas definidos, para que os alunos consigam *ver* e *perceber* num sentido amplo e interrelacionado de conhecimentos. Cabe ao professor a forma de agilizar estas questões que dizem respeito ao “currículo oculto” (Ramos, Queiróz, Barros & Reis, 2001:4) podendo-se este revelar como um espaço de criatividade, um espaço entre linhas para alunos e professores. O desenho tem uma natureza dinâmica e esquiva, que

contraria a rigidez e permanência de procedimentos, sendo mais um caso em que o professor se revela fundamental para corroborar, ou não, essa imutabilidade.

Sendo o desenho uma área disciplinar dinâmica e, conseqüentemente, de difícil sintetização pela sua constante transformação de formas e conceitos, o Ministério da Educação sistematizou sob a forma de esquema as áreas de exploração propostas, operacionalizando conteúdos globais e temas práticos em articulação (de modo a tornar o ensino do desenho um exercício que seja eficaz e produza resultados).

Quadro 1: Operacionalização de Áreas, Conteúdos e Temas proposto pelo Ministério da Educação para o Ensino Secundário



Fonte: Ramos et al., 2001:4

Assim, o programa de Desenho A para o Ensino Secundário, está dividido em três áreas de exploração: percepção visual, expressão gráfica e comunicação visual.

“A percepção visual debruça-se sobre as condicionantes bio-psicológicas presentes perante o que é percebido visualmente. O seu estudo permite apontar procedimentos que tomarão a expressão gráfica mais eficaz ou competente quanto à sintaxe perceptiva e cognitiva e uma crescente acuidade analítica na percepção e expressão.

No estudo da expressão gráfica está incluído o domínio das convenções sociais ou culturais no que respeita a recursos de comunicação; e, também, os contributos que advêm directamente da capacidade tecnológica humana. Cabe aqui o estudo de suportes, normalizações, instrumentos, meios de registo, alfabetos do traço e da mancha, convenções matéricas e todos os restantes recursos do desenho, incluindo a infografia.

No que respeita ao estudo dos processos de comunicação, são inscritas áreas que tomam como objecto a função semântica que o desenho encerra, distinguindo-se os respectivos planos de expressão e de conteúdo. Cabe aqui também uma perspectiva do desenho quer contemporâneo (sincronia) quer ao longo dos tempos (diacronia).”

(Ramos et al., 2001:5)

Nas finalidades globais da disciplina de Desenho A e segundo o seu programa, pretende-se o seguinte:

- “Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação.
- Desenvolver as capacidades de representação, de expressão e de comunicação.
- Promover métodos de trabalho individual e colaborativo, observando princípios de convivência e cidadania.
- Desenvolver o espírito crítico face a imagens e conteúdos mediatizados e adquirir, com autonomia, capacidades de resposta superadoras de estereótipos e preconceitos face ao meio envolvente.
- Desenvolver a sensibilidade estética, formando e aplicando padrões de exigência.
- Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação.”

(Ramos et al., 2001:6)

Quanto aos objetivos, o Ministério da Educação propõe:

- “Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.
- Conhecer as articulações entre percepção e representação do mundo visível.
- Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.
- Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.

- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.
- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.
- Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.
- Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiosincrasias e posições discriminatórias.
- Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.
- Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.
- Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.
- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.”

(Ramos et al., 2001:6-7)

## **2.1 ORIENTAÇÕES DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Como estratégias metodológicas, pretende-se genericamente um equilíbrio entre a dimensão conceptual e a dimensão prática dos conhecimentos e saberes, através de uma experimentação diversificada de actividades, processos, materiais e exercícios.

Para tal, o Ministério da Educação sugere as seguintes orientações:

- “Combinar a realização de aulas tanto no interior da sala como fora dela;
- Combinar e articular diferentes meios pedagógicos (abordagem oral, demonstração audiovisual, trabalho de atelier, investigação fora da sala de aula, exposição, debate, visita de estudo, etc.);
- Combinar actividades e exercícios que valorizem, simultaneamente, a descoberta e a interrogação, a aprendizagem prática e a compreensão conceptual, a expressão pessoal e a reflexão individual e colectiva;
- Combinar actividades que permitam a obtenção rápida de resultados com actividades de projecto que envolvam planificação e faseamento do trabalho;

- Combinar actividades de aprendizagem individual com actividades de trabalho em equipa, propiciando, em qualquer dos casos, a reflexão, a troca de experiências e o confronto criativo;
- Confrontar de forma sistemática os alunos com diferentes obras e exemplos visuais, com incidência especial nos autores portugueses, fornecendo desse modo meios para a compreensão visual e plástica das questões e da diversidade da sua abordagem, contribuindo, ao mesmo tempo, para a construção de uma cultura visual individual.”

(Ramos et al., 2001:9)

Quanto a uma relação pedagógica eficaz, o programa sugere ao professor os seguintes procedimentos:

- “Auscultar expectativas através de inquérito diagnóstico e procurar o enquadramento dos alunos no contexto cultural;
- Enfatizar as horas de trabalho aplicadas à prática do desenho, tanto no espaço da aula como fora dele;
- Ser exigente quanto às respostas de trabalho, no que respeita ao grau de empenhamento com que são executadas;
- Procurar um clima lectivo positivo e motivante através do comentário atento, de reforço, aos desenvolvimentos sucessivos do aluno, potenciando-os;
- Promover o confronto quotidiano, pelo recurso habitual a meios audiovisuais, com algumas imagens comentadas de desenhos oriundos de áreas diversas;
- Concretizar de visitas de estudo e promover, junto da turma, a pesquisa autónoma dos roteiros para as eventuais visitas, individuais e colectivas;
- Fomentar a recolha de informação através da rede *www*, sem deixar de alertar quanto à qualidade e credibilidade dos conteúdos e salvaguardando os procedimentos de citação e de direito de autor;
- Provocar momentos de comentário pelos alunos dos trabalhos executados e expostos (exposição permanente em aula, com rotatividade frequente);
- Propor actividades de verbalização da experiência;
- Criar hábitos de registo gráfico quotidiano pelo uso de pequenos cadernos portáteis integráveis no arquivo pessoal a constituir;
- Afixar, como actividade paralela, um jornal de parede com recolhas de índole informativa, artística e técnica, formando grupos com tarefas específicas neste âmbito;

- Estimular o gosto por tarefas concretas e bem definidas de extensão do trabalho da aula, a executar fora do seu espaço e tempo, quer de carácter gráfico quer de carácter escrito (exemplos: recensões, registo de locais, esboços, levantamentos gráficos);
- Incentivar a recolha de desperdícios recicláveis e o desafio da recriação a partir de materiais inesperados.
- Promover uma cultura de liberdade, participação, reflexão e avaliação que realce a responsabilidade individual nos processos de mudança social.”  
(Ramos et al., 2001:9-10)

## 2.2 COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER

Relativamente às competências a desenvolver, o Ministério da Educação aponta três pontos fundamentais: “Ver-Criar-Comunicar”, com as seguintes ramificações:

**“Observar e analisar** – o aluno estará capaz de observar e registar com elevado poder de análise, tendo em atenção as singularidades presentes e a forma como estas se relacionam com outras, bem como a integração de todas num todo ou unidade decomponível em elementos estruturais. O aluno deverá, mercê do exercício da observação analítica, observar e registar com crescente aptidão: o quotidiano natural ou técnico, por meios manuais – riscadores e/ou de mancha – ou meios informáticos. Esta área é adequada para permitir o desenvolvimento das capacidades psicomotoras ao nível da aptidão adaptativa simples, composta, e complexa.

**Manipular e sintetizar** – o aluno estará apto a aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correcção e a criar imagens novas. Estará em evidência a capacidade de síntese, quer por tratamento da soma de experiências e de esboços analíticos prévios, quer por aplicação de princípios, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstractas. Pressupõe o exercício de sentido crítico, de método de trabalho e a integração num projecto que responda a necessidades da pessoa e do seu contexto, estando implicado o estabelecimento prévio de uma base de conhecimentos que qualifiquem informadamente as respostas.

**Interpretar e comunicar** – o aluno conseguirá ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas.

Esta competência pressupõe um domínio crescente nos processos de interpretação e de sentido assentes num “pano de fundo” culturalmente informado. A comunicação poderá dimensionar a disseminação da experiência, do meio próximo ao global e, ao mesmo tempo, constituir ocasião para a exploração de competências transversais no âmbito da cidadania.”

(Ramos et al., 2001:10-11)

## 2.3 AVALIAÇÃO

A avaliação deve ser encarada como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, tendo uma função reguladora e orientadora desse processo.

A avaliação deve ter simultaneamente uma função formativa, permitindo obter informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens, com vista à definição e ao ajustamento de processos e estratégias, e uma função sumativa, de classificação e certificação dos saberes adquiridos (Portaria n.º 244/2011, art.ºs 12.º e 13.º).

A avaliação tem por objeto a aferição de conhecimentos, competências e capacidades dos alunos e a verificação do grau de cumprimento dos objetivos globalmente fixados para o nível secundário de educação, bem como para os cursos, disciplinas e áreas disciplinares neles integrados (Decreto-Lei n.º 50/2011, art.º 10.º).

Segundo a avaliação proposta pelo Ministério da Educação, são três os objetos de avaliação a considerar no plano curricular da disciplina de Desenho A: a aquisição de conceitos, a concretização de práticas e o desenvolvimento de valores e atitudes.

De uma forma sumária poderão ser considerados da seguinte forma:

- relativamente à aquisição de conceitos considera-se alvo da avaliação o domínio dos conceitos dos conteúdos programáticos, dos vocábulos

específicos do desenho e o conhecimento das condicionantes psicofisiológicas da percepção e da representação gráfica;

- relativamente à concretização de práticas, pretende-se avaliar o domínio de diversidade de suportes, de meios atuantes, de organização formal, cromática, espacial e dinâmica; de estratégias de composição e estruturação, capacidade de análise e representação sintetizada de objetos (proporção, escala, distâncias, eixos, volumetria, configuração, contorno e pontos de inflexão); adequação da fórmula gráfica à função; eficácia técnica na utilização de recursos gráficos e utilização e aplicação das novas tecnologias no domínio do desenho;
- relativamente aos valores e atitudes deve-se considerar o desenvolvimento da observação e hábitos de registo; a capacidade de desenvolver objetivamente as atividades de trabalho propostas; a capacidade de iniciativa e integração; a demonstração de criatividade; de interpretação crítica; de valorização estética e de conhecimento e aplicação de cuidados de segurança e de responsabilidade ecológica.

São instrumentos de avaliação: desenhos ou trabalhos realizados na disciplina, textos (relatórios, comentários, entrevistas, etc.); provas de carácter prático e eventuais exposições, jornais de parede ou outras ações do género.

## **2.4 PLANO CURRICULAR DESENHO A – 10º ANO**

Neste subcapítulo é descrito o Plano Curricular proposto pelo Ministério da Educação para a disciplina de Desenho A, nomeadamente do 10º ano de escolaridade, no que concerne aos conteúdos propostos e sugestões metodológicas específicas.

## 2.4.1 CONTEÚDOS PROPOSTOS

Os conteúdos da disciplina de Desenho A para o 10º de escolaridade do curso de Artes Visuais têm a particularidade de se inserirem numa disciplina contínua do ensino secundário. Esta disciplina desenvolve-se num trabalho gradual e, a longo prazo, durante os três anos do ensino secundário. Os seus conteúdos e temas consequentes são os seguintes: visão, materiais, procedimentos, sintaxe e sentido, sendo estes ainda divididos em dois tipos: de sensibilização (que pressupõe a construção de um quadro de referências elementares, possível de ser desenvolvido posteriormente) e de aprofundamento (que implica um domínio completo e correta aplicação dos conteúdos envolvidos).

Desta forma, o Ministério da Educação propõe a seguinte aplicação de conteúdos/temas:

Quadro 2: Conteúdos propostos pelo Ministério da Educação – disciplina de Desenho A, 10º ano

Item de sensibilização ou aprofundamento	Conteúdos / Temas
Sensibilização	<b>1. Visão</b> 1.1. Perceção visual e mundo envolvente 1.1.1. O meio ambiente como fonte de estímulos 1.1.1.1. Estímulos visuais: a luz como fonte de informação 1.1.1.2. Estímulos não visuais: perceção auditiva, perceção olfativa, perceção táctil, perceção gustativa 1.1.1.3. Outros estímulos (culturais e sociais)
Sensibilização (de carácter transversal ao longo dos 10º, 11º e 12º anos)	<b>2. Materiais</b> 2.1. Suportes: papéis e outras matérias, propriedades do papel (espessuras, texturas, cores), formatos, normalizações e modos de Conservação  2.2. Meios atuantes: riscadores (grafite e afins), aquosos (aguada, têmperas, aparos e afins) e seus formatos (graus de dureza, espessuras e modos de conservação)  2.3. Infografia: tipos de ficheiro gráfico, graus de compressão, número de cores, codificação da cor, captura de imagem, alteração de dimensão em pontos de ecrã.

Item de sensibilização ou aprofundamento	Conteúdos / Temas
<p>Aprofundamento (de carácter transversal ao longo dos 10º, 11º e 12º anos)</p> <p>Aprofundamento</p> <p>Sensibilização</p>	<p><b>3. Procedimentos</b></p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo</p> <p>3.1.1.1. Traço: natureza e carácter (intensidade, incisão, texturização, espessura, gradação, amplitude mínima e máxima do movimento, gestualidade)</p> <p>3.1.1.2. Mancha: natureza e carácter (forma, textura, densidade, transparência, cor, tom, gradação)</p> <p>3.1.1.3. Misto: combinações entre traço e mancha e experimentação de novos modos (colagem)</p> <p>3.1.2. Modos de transferência</p> <p>3.1.2.1. Quadrícula, decalque, pantógrafo</p> <p>3.1.2.2. Projeção, infografia, fotocópia e outros processos fotomecânicos.</p> <p>3.2. Ensaios</p> <p>3.2.1. Processos de análise</p> <p>3.2.1.1. Estudo de formas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estruturação e apontamento (esboço)</li> <li>• Estudo de formas naturais (de grande e de pequena escala)</li> <li>• Estudo de formas artificiais, contextos e ambientes (objetos artesanais, objetos industriais e espaços interiores e exteriores)</li> <li>• Estudo de objetos com apontamento das convergências perspéticas</li> </ul> <p>3.2.2. Processos de síntese</p> <p>3.2.2.1. Transformação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Gráfica: ampliação, sobreposição, rotação, nivelamento, simplificação, acentuação e repetição</li> <li>• Infográfica: utilização de filtros</li> <li>• Invenção: construção de formas, texturas, padrões</li> </ul>
<p>Sensibilização</p> <p>Aprofundamento</p> <p>Sensibilização</p>	<p><b>4. Sintaxe</b></p> <p>4.1. Conceitos estruturais da linguagem plástica: forma pontual, forma linear, forma pluridimensional, valor, cor, textura, escala, espaço, ritmo, equilíbrio, movimento e unidade.</p> <p>4.2. Domínios da linguagem plástica</p> <p>4.2.1. Forma</p> <p>4.2.1.1. Figura positiva e figura negativa: figura e fundo, forma e informe, limite, contorno e linha</p> <p>4.2.1.2. Plano e superfície</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Linhas: linhas medianas, linhas diagonais, linhas oblíquas</li> <li>• Centro, campo e moldura</li> </ul> <p>4.2.2.1. Natureza física da cor</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cor e luz: espectro eletromagnético de radiação e estrutura retínica</li> <li>• Cor como sensação e suas dimensões: cambiante, luminosidade e saturação</li> </ul>

Item de sensibilização ou aprofundamento	Conteúdos / Temas
Aprofundamento	4.2.2. Cor 4.2.3. Espaço e volume 4.2.3.1. Organização da profundidade <ul style="list-style-type: none"> <li>• Noções básicas de profundidade e extensão</li> <li>• Alguns processos de sugestão de profundidade: sobreposição, convergência, deformação</li> </ul> 4.2.3.2. Organização da tridimensionalidade <ul style="list-style-type: none"> <li>• Objeto: massa e volume</li> <li>• Luz: claridade, sombras (própria e projetada), claro-escuro</li> </ul>
Sensibilização	<b>5. Sentido</b> 5. 1. Visão sincrónica do desenho 5. 2. Visão diacrónica do desenho

Fonte: Ramos et al., 2001:14-16

## 2.4.2 SUGESTÕES METODOLÓGICAS ESPECÍFICAS

No programa de Desenho A, o Ministério da Educação inclui ainda uma série de sugestões, exemplos aos quais o professor pode recorrer, e onde se encontra um leque de resumos de exercícios, respetivos conteúdos e previsão de duração. Este conjunto de sugestões, tal como o nome indica, funcionam apenas como possíveis unidades de trabalho, podendo o professor efetuar as alterações que considerar oportunas. Convém ainda mencionar que os exemplos sugeridos “não constituem um conjunto ordenado e sequencial nem pretendem coincidir com o tempo total disponível” (Ramos et al. 2001:17).

Quadro 3: Sugestões metodológicas específicas propostas pelo Ministério da Educação –  
Desenho A, 10º ano

Unidade de Trabalho	Sinopse	Conteúdos envolvidos	Tempo previsto
<b>Desenho cego</b>	A partir da observação de um dado objeto, figura ou situação, elaborar a sua representação gráfica, primeiro, sem olhar para o papel (recorrendo, se necessário, à ocultação das mãos e do suporte) e, numa segunda fase, de modo habitual. Comparar as diferenças, quer ao nível do processo, quer dos resultados. Esta unidade de trabalho destina-se à avaliação diagnóstica dos conceitos e competências essenciais adquiridas no ensino básico sendo, por isso, o momento de triagem e reposição de conhecimentos.	Visão Procedimentos Sintaxe Sentido	13,5 horas
<b>Desenho de formas naturais</b>	Desenho de frutos, árvores, flores, pedras, a realizar em duas fases: primeira, em A4, vários esboços segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global; segunda, em A3, representação atenta e objetiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.	Visão Procedimentos	22,5 horas
<b>Desenho de formas artificiais</b>	Desenho de objetos artesanais e de interesse etnográfico; desenho de objetos do quotidiano como mobiliário rústico, pão, vime, panejamento simples, sapatos, velharias, papéis amarrotados. Exercício a realizar em duas fases: primeira, em A4, vários esboços segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global; segunda, em A3, representação atenta e objetiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.	Visão Materiais Procedimentos	27 horas
<b>Infografia (captura de imagens pré existentes)</b>	Trabalho em infografia com aplicação de filtros e mudanças de escala ou definição. Impressão com configuração prévia de página.	Materiais Procedimentos	9 horas
<b>Herbário</b>	Execução de um herbário, recorrendo à representação linear e ao claro-escuro por tramas de pontos. Encadear esta unidade na de infografia, com a digitalização direta dos espécimes no <i>scanner</i> , com a possível aplicação dos processos contidos na unidade de trabalho «infografia». Confronto com exemplos da história do desenho científico.	Procedimentos Sentido	13,5 horas

<b>Unidade de Trabalho</b>	<b>Sinopse</b>	<b>Conteúdos envolvidos</b>	<b>Tempo previsto</b>
<b>Figura-Fundo</b>	Silhuetas, perfis projetados usando os candeeiros de estirador como foco; preferência da figura ou do fundo, ou até do contorno usando contrastes tonais ou cromáticos.	Procedimentos Sintaxe	13,5 horas
<b>Alternância Figura-Fundo</b>	A partir de desenhos realizados previamente pelos alunos, ou imagens por si recolhidas (p.e., fotograficamente) criar ensaios gráficos baseados numa redução à oposição figura-fundo e diferentes possibilidades da sua alternância perceptiva.	Sintaxe Procedimentos Sentido	13,5 horas
<b>Alto Contraste</b>	Exploração de limite e contorno. Criar imagens de alto contraste, indutoras da perceção de contornos ilusórios: por exemplo, traduzir uma imagem fotográfica, constituída por uma gama completa de valores lumínicos, numa imagem ampliada (recorrendo, por exemplo, a uma grelha de ampliação) formada apenas por áreas brancas e pretas. O exercício deve ser precedido de diversos estudos que veiculem diferentes possibilidades de tradução lumínica das diferentes formas.	Sintaxe Procedimentos Sentido	13,5 horas
<b>Limite e Reconhecimento</b>	Usando reproduções de obras de arte previamente escolhidas, criar representações gráficas que contenham exclusivamente as principais linhas de limite e/ou contorno das formas aí presentes. Analisar e discutir as transformações que se operam ao nível da reconhecibilidade quer das figuras individualmente, quer das obras no seu todo.	Sintaxe Sentido	13,5 horas
<b>Séries de Transformação</b>	Planear e realizar sequências de transformação de uma dada forma noutra forma (mais simples ou mais complexa, representativa ou abstrata), por via de um número determinado de passos sucessivos e utilizando e manipulando os conceitos de campo, centro, linhas e moldura.	Sintaxe Procedimentos Sentido	13,5 horas
<b>Estudos de Cor</b>	Usando diferentes meios colorantes e diferentes suportes, efetuar estudos analíticos de cor envolvendo misturas cromáticas, opacidade e transparência. Efetuar estudos que envolvam a manipulação sistemática do cambiante, da luminosidade e da saturação e utilizá-los na criação de composições ou padrões visuais, nalguns casos para fins aplicados (padrões têxteis, papéis decorativos, etc.). Deverá incluir extra horário «trabalho de casa».	Materiais Sentido Procedimentos	18 horas

<b>Unidade de Trabalho</b>	<b>Sinopse</b>	<b>Conteúdos envolvidos</b>	<b>Tempo previsto</b>
<b>Ensaio de Perspetiva</b>	Representação à mão livre de espaços propícios à deteção de pontos de fuga e linha de horizonte. Deverá incluir extra horário «trabalho de casa».	Visão Procedimentos Sintaxe	18 horas
<b>Convergência Perspética</b>	A partir de recolha de imagens fotográficas (de revistas etc.) com dimensão adequada e que apresentem ponto de fuga organizador do espaço, traçar a grelha perspética subjacente. Sobre esta grelha ensaiar a variável tamanho distância através da justaposição de objetos (por foto montagem). Fazer levantamento de imagens com estruturas perspéticas diferenciadas, e o ensaio dos seus traçados. Trabalho extra aula com apoio pontual do professor.	Procedimentos Sintaxe Sentido	13,5 horas
<b>Padrões Modulares</b>	Criar padrões a partir da repetição e variação de unidades ou módulos idênticos, explorando as sugestões óticas por si induzidas; ensaios com planificação de cubos e desmontagem do cubo por planos secantes articulados; construção de formas novas a partir do cubo e sua planificação por dobragem; estudo de progressões sequenciadas de formas em grelha. Trabalho parcialmente feito fora do espaço de aula.	Procedimentos Sintaxe	18 horas

Fonte: Ramos et al., 2001:17-20

### **3. PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Neste capítulo, que incide diretamente na prática pedagógica, começo por apresentar as motivações no que respeita à minha escolha pelo Mestrado em Ensino das Artes Visuais.

A minha perspetiva educativa tem-se formado não só no decorrer do presente mestrado (e plano curricular precedente) mas, também, da experiência de lecionar anteriormente durante um ano letivo (3º ciclo do ensino básico) e, conseqüentemente, do caminho percorrido até este momento e que irá continuar a formar-se e transformar-se.

Aquilo que me levou a seguir o caminho das Artes Visuais está relacionado com a minha paixão em relação ao fazer/saber artístico. Sempre me fascinaram as artes plásticas, a manipulação dos materiais para criar algo novo.

Durante a minha formação escolar e académica, sempre nutri especial consideração pelos professores que revelavam conhecimento e gosto pelas matérias/áreas que lecionavam; não só por aquilo que se aprende ao nível dos saberes específicos e gerais de cada disciplina, mas também por aquilo que se vivencia.

No decorrer da minha formação universitária em Artes Plásticas e à medida que essa formação se foi desenvolvendo, apercebi-me que me estava a capacitar de conhecimentos e ensinamentos importantes que tanta falta me fizeram enquanto aluna do ensino secundário (em parte, acredito também que a localização geográfica e o meio envolvente onde estudei não foram propícios ao desenvolvimento desses conhecimentos por exemplo na escassez de galerias de arte ou museus). Essa perceção ajudou-me a alimentar a intenção de ser professora.

Assim, a minha motivação prende-se com a vontade de fazer com que o ensino das artes visuais seja capaz de proporcionar conhecimentos e experiências educativas/formativas que sejam importantes na formação e educação dos alunos.

Contudo, e diretamente experienciado tanto no estágio como na anterior lecionação, uma das grandes dificuldades que senti foi como transmitir aos alunos a paixão pela Arte. Esta questão (e o que dela advém) resulta, muitas vezes, numa perplexidade potenciadora de motivação ou desmotivação nos professores. Questão que foi formulada e analisada por Housen, ao referir que tem dificuldades em perceber o porquê de muitas pessoas não partilharem da mesma paixão que ela, ao olhar para a arte, e o prazer que isso lhe dá, a propósito de um estudo sobre os níveis estéticos dos indivíduos (cf. Fróis, J. P. et al 2000: 150). Este é um dos grandes desafios que os professores têm na prática de ensino, pois têm de conceber uma justificação de algo que lhes é intrínseco, básico. No entanto, esse questionamento pode ser importante para nos conhecermos melhor a nós próprios, e extrapolar para uma postura mais entusiasta e sincera para com os alunos.

### **3.1 A TURMA - 10ºM**

Na ESL existiram duas turmas de Artes Visuais no 10º ano, no ano letivo 2012/2013, a turma M e N, respetivamente com catorze e dezassete alunos. A turma na qual realizei o estágio pedagógico foi a M, uma turma relativamente pequena pois integrava dois elementos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), sendo que um deles nunca chegou a frequentar as aulas (pois atingiu a maioria e foi opção dos pais colocar o aluno noutra escola).

Dos catorze alunos inscritos, dois mudaram para outra turma no início do ano letivo e a turma integrou um elemento proveniente do Curso Profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural também da ESL ficando assim, a turma com um total de doze alunos.

Ao abrigo da alínea e) do capítulo IV artigo 21º do D. L. nº3/2008 de 7 de Janeiro, a aluna com NEE teve um Currículo Específico Individual em que só frequentava as disciplinas de Desenho A, Língua Portuguesa e Educação Física em conjunto com a turma; nas disciplinas de Filosofia, Geometria Descritiva A e Matemática, a turma M teve aulas em conjunto com a turma N. Ainda

relativamente a esta aluna, foram apresentados pelo docente de Educação Especial ao Concelho de Turma as informações fundamentais acerca de Necessidades Especiais e Respostas Educativas (v. anexo digital G).

No que diz respeito à disciplina de Desenho A, foi lecionada conjuntamente pela professora titular e por mim, dividindo-se em noventa e cinco aulas lecionadas e setenta e seis aulas assistidas, cumulativamente com o cargo de Direção de Turma ao longo de todo o ano letivo.

A carga horária semanal da disciplina de Desenho A para a turma M foi de cinco tempos de quarenta e cinco minutos, divididos entre dois tempos às terças-feiras e três tempos às sextas-feiras.

O manual adotado pela ESL (Ramos & Porfírio, 2007a) não era de carácter obrigatório, por conseguinte, o contato que os alunos tiveram como manual aconteceu nas aulas expositivas, quando as professoras o apresentavam a título de exemplo.

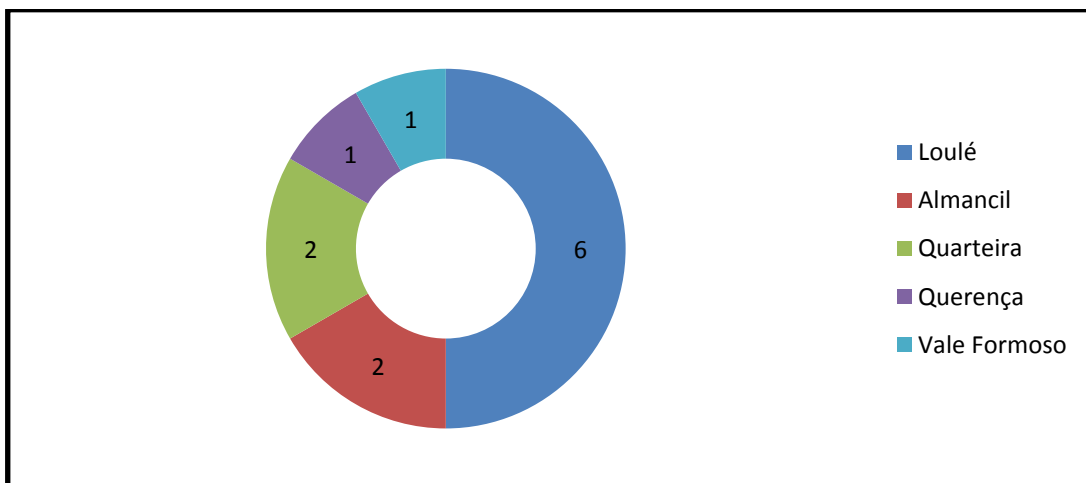
Na primeira aula, foi entregue aos alunos um inquérito socioeconómico e cultural (v. anexo 1), fornecido pela ESL e de preenchimento obrigatório. Juntamente com os inquéritos, foram entregues aos alunos, pedidos de autorização de registo fotográfico dos alunos e/ou trabalhos por eles realizados, para serem entregues aos Encarregados de Educação, onde se expôs a permanência de uma professora estagiária na referida disciplina / direção de turma, no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais (v. anexo 2), pelo que toda a informação apresentada no presente relatório, encontra-se devidamente autorizada.

Como já referi, a turma era constituída por um total de doze elementos: quatro do sexo masculino e oito do sexo feminino; sendo que 11 são de nacionalidade portuguesa, um de nacionalidade ucraniana; com uma distribuição de cinco alunos com quinze anos, seis com dezasseis e um com dezoito, à data do preenchimento do inquérito (Setembro 2012).

Todos os alunos residiam no concelho de Loulé sendo, no entanto, distribuídos em cinco localidades, conforme o gráfico 1.

Por conseguinte, os dados que a seguir apresento têm como fonte a análise de resultados das respostas obtidas aquando da aplicação do inquérito de caracterização acima mencionado.

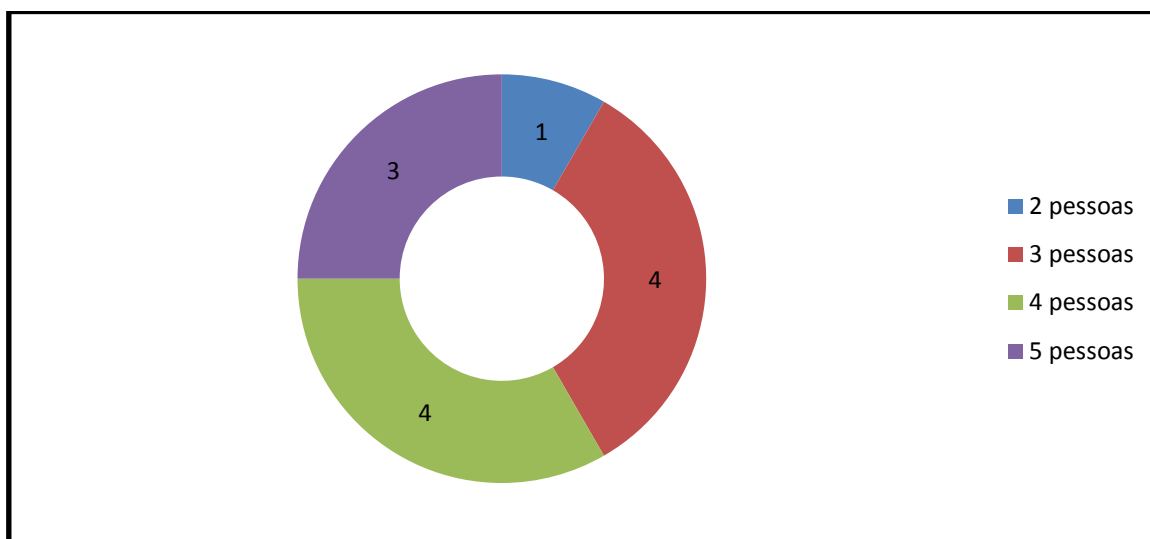
**Gráfico 1. Distribuição do nº de alunos da turma 10º M por localidade**



A maioria dos Encarregados de Educação era a mãe (dez), sendo que apenas em dois casos era o pai.

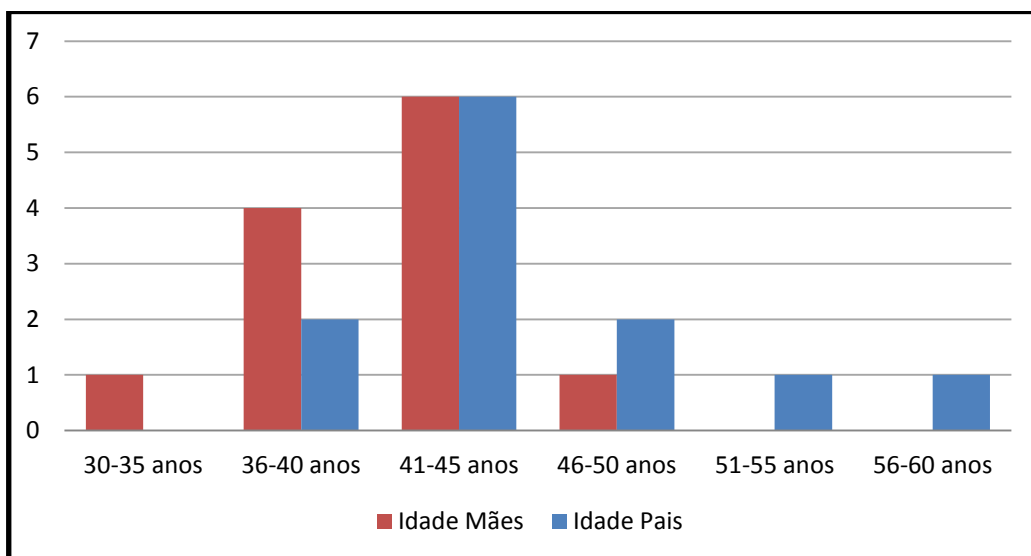
O agregado familiar era composto entre duas a cinco pessoas, conforme ilustra o gráfico 2.

**Gráfico 2. Nº de alunos segundo a composição do agregado familiar**



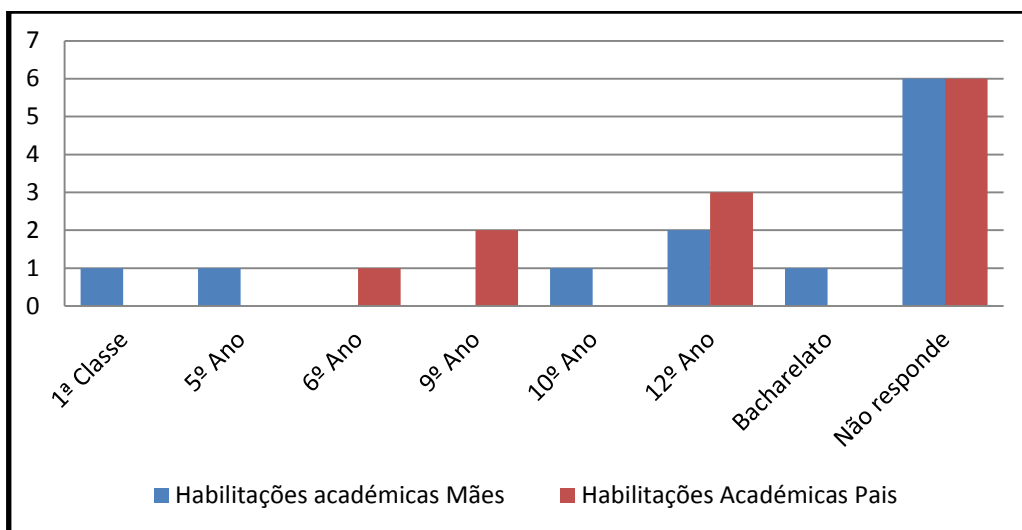
As faixas etárias dos pais oscilavam entre os 30 e os 60 anos, sendo que a das mães era mais jovem que a dos pais (conforme gráfico 3).

**Gráfico 3. Nº de alunos segundo as idades das mães e dos pais**



Quanto às habilitações académicas dos pais, metade (seis) dos alunos não responderam, e a habilitação ao nível do Ensino Secundário foi a que apresentou maior frequência – gráfico 4.

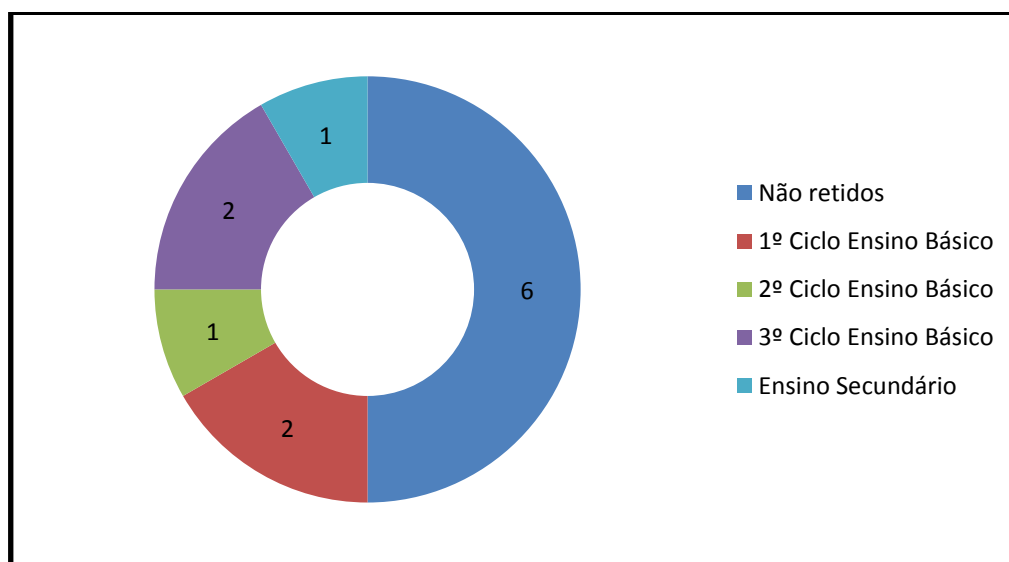
**Gráfico 4. Nº de alunos segundo as habilitações académicas das mães e dos pais**



A grande maioria dos alunos tinha quarto individual, apenas um partilhava o quarto, assim como em relação a ter acesso a internet em casa se verificava a mesma ocorrência.

Relativamente ao percurso escolar dos alunos, metade ficaram retidos em diferentes ciclos de ensino, conforme ilustra o gráfico 5.

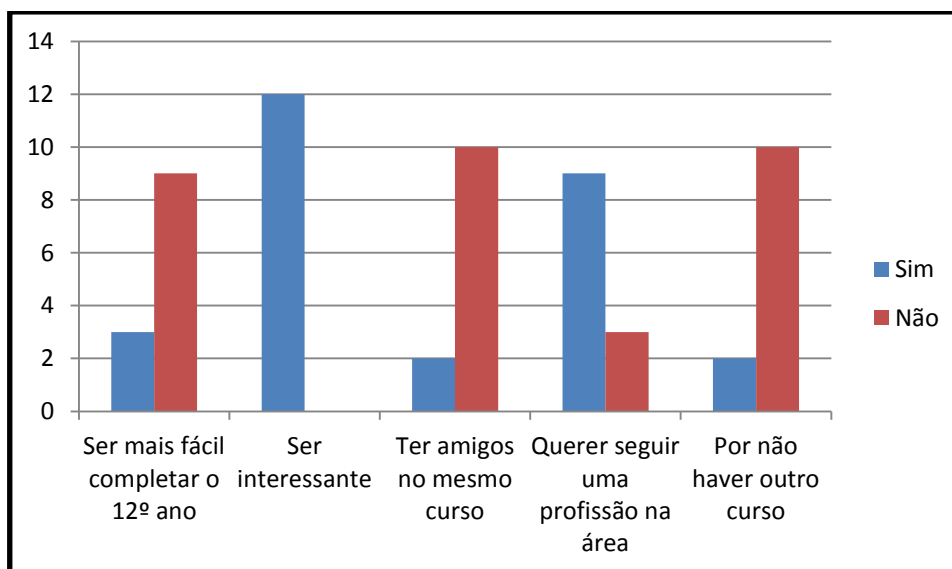
**Gráfico 5. Nº de alunos retidos por ciclo de ensino**



Da totalidade de alunos, apenas três já frequentavam a ESL e os restantes foram provenientes de diferentes estabelecimentos de ensino. Relativamente ao ano transato, sete dos alunos referiram ter tido pelo menos uma negativa, por oposição a cinco alunos que transitaram sem nenhuma negativa.

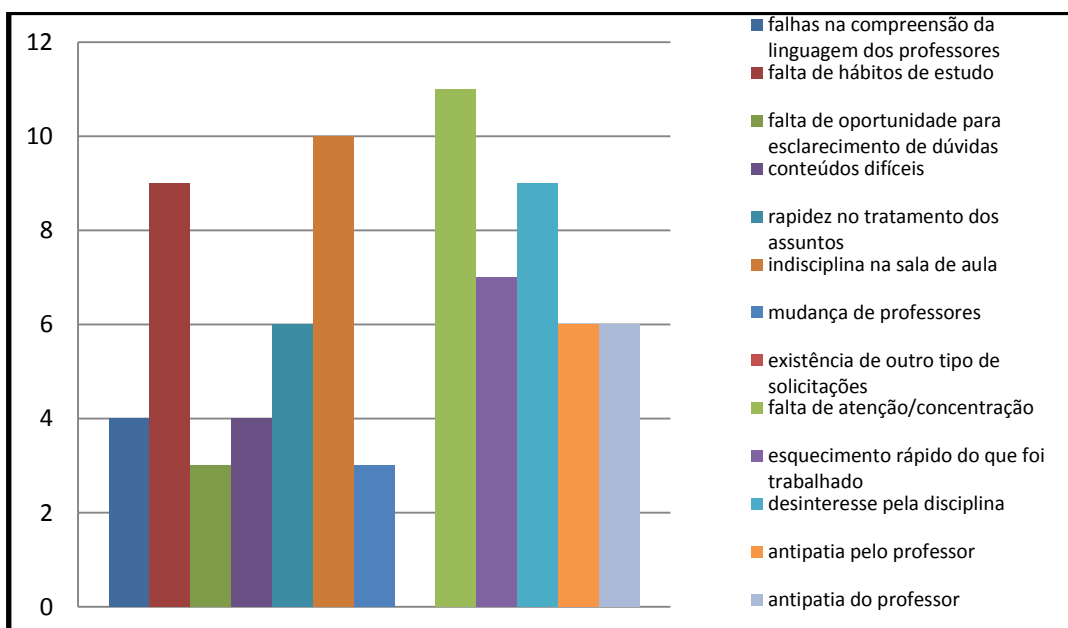
Quanto à escolha da área de ensino, a totalidade dos alunos respondeu que um dos fatores em consideração foi o interesse; sendo que três alunos referiram que tiveram ainda em consideração o facto de considerarem uma área em que seria mais fácil completar o 12º ano; e ainda dois alunos optaram pela hipótese de não haver outro curso que lhes agradasse (gráfico 6).

**Gráfico 6. Fatores que condicionaram a escolha da área de ensino**



Relativamente aos principais fatores que contribuem para o insucesso dos alunos, foi fornecida uma lista aos alunos, pedindo que assinalassem quais os sete fatores que consideravam relevantes – como se pode verificar no gráfico 7.

**Gráfico 7. Fatores que contribuem para o insucesso, segundo opinião dos alunos**



Em relação ao prosseguimento de estudos três alunos referiram não saber ainda se iriam prosseguir para o ensino superior; e os restantes nove manifestam intenção de continuar os estudos, com distribuição entre várias profissões (com maior incidência para Arquitetura e Design de Moda).

O grupo não apresentava problemas de saúde proeminentes, sendo que apenas um aluno referiu sofrer de asma e outro de problemas de origem alérgica.

O facto de a turma ter apenas doze alunos resultou positivamente tanto a nível de comportamento, como ao nível dos resultados das atividades desenvolvidas, pois tive a possibilidade de acompanhar individualmente cada um dos alunos.

As aulas decorreram num bom ambiente de trabalho, o grupo funcionou de forma unida, com espírito de ajuda e partilha, com especial destaque para a integração da aluna com NEE que foi extremamente bem acolhida pelos colegas permitindo a sua total participação em todas as atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula.

### **3.2 PLANIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES – 10ºM**

A planificação das atividades da disciplina de Desenho A, do 10ºM, foi realizada no início do ano letivo, em conjunto com a professora coorientadora Maria José Jerónimo.

Tal como o nome indica, *planificação* tem como objetivo estabelecer e prever um conjunto de etapas a atingir, não conseguindo antecipar eventuais condicionantes à sua concretização - pelo que, teve que ser naturalmente reajustada ao longo do ano letivo.

No quadro 4 é apresentada a versão final da planificação, com o desenvolvimento real das atividades desenvolvidas.

Quadro 4: Planificação das atividades da disciplina de Desenho A, 10ºM

Conteúdos	Estratégias	Tempo
<p><b>Visão</b> Perceção visual e mundo envolvente O meio ambiente como fonte de estímulos</p> <p><b>Materiais</b> <u>Suportes</u>: papéis e outras matérias, propriedades do papel (espessuras, texturas, cores), formatos, normalizações e modos de conservação <u>Meios atuantes</u>: riscadores, aquosos e seus formatos <u>Infografia</u>: tipos de ficheiro gráfico</p> <p><b>Procedimentos</b> <u>Técnicas</u> Modos de registo: traço, mancha, misto Modos de transferência: quadrícula, decalque, infografia, fotocópia e outros processos fotomecânicos. <u>Ensaio</u> Processos de análise: estudo de formas - estruturação e apontamento (esboço), estudo de formas naturais, estudo de formas artificiais, contextos e ambientes, estudo de objetos com apontamento das convergências perspéticas Processos de síntese: transformação gráfica e infográfica Invenção: construção de formas, texturas, padrões</p>	<p><b>Diário Gráfico</b> Utilização de um caderno portátil para registo regular do quotidiano.</p> <p><b>Desenho cego (avaliação diagnóstica)</b> A partir da observação de um dado objeto, elaborar a sua representação gráfica, primeiro, sem olhar para o papel (recorrendo, se necessário, à ocultação das mãos e do suporte) e, numa segunda fase, de modo habitual. Comparar as diferenças, quer ao nível do processo, quer dos resultados.</p> <p><b>Desenho de formas naturais</b> Desenho de frutos, árvores, flores, pedras. Realização de vários esboços segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global; e posterior representação atenta e objetiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.</p> <p><b>Cartaz Direitos Humanos</b> No âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Direitos Humanos e a partir do visionamento de filmes e debates (articulação com Filosofia) elaborar um cartaz em grupo para apresentar à comunidade escolar.</p> <p><b>Desenho de formas artificiais</b> Desenho de objectos do quotidiano como mobiliário, pão, panejamento simples, sapatos, velharias, papéis amarrotados. Exercício a realizar em duas fases: primeira, vários esboços segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global; segunda, representação atenta e objetiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.</p> <p><b>Estudo da Figura Humana / Reconhecimento</b> A partir de obras de arte previamente escolhidas, representar graficamente o colega mimetizando a obra original. Realizar diferentes estudos de representação do todo e de pormenor. Analisar e discutir as transformações que se operam ao nível da reconhecibilidade quer das figuras individualmente, quer das obras no seu todo.</p>	<p>Ano Letivo</p> <p>1ª e 2ª Aula</p> <p>1º Período</p> <p>1º Período</p> <p>1º Período</p> <p>2º Período</p>

Conteúdos	Estratégias	Tempo
<p><b>Sintaxe</b>  <u>Conceitos estruturais da linguagem plástica</u>: forma pontual, forma linear, forma pluridimensional, valor, cor, textura, escala, espaço, ritmo, equilíbrio, movimento e unidade.  <u>Domínios da linguagem plástica</u>: forma, figura positiva e negativa, figura e fundo, forma e informe, limite, contorno e linha  <u>Plano e superfície</u>: linhas, centro, campo e moldura  <u>Cor</u>:  Natureza física da cor  Cor e luz: espectro eletromagnético de radiação e estrutura retínica  Cor como sensação e suas dimensões: cambiante, luminosidade e saturação  <u>Espaço e volume</u>:  Organização da profundidade  Noções básicas de profundidade e extensão  Alguns processos de sugestão de profundidade: sobreposição, convergência, deformação  Organização da tridimensionalidade  Objeto: massa e volume  Luz: claridade, sombras (própria e projetada), claro-escuro</p> <p><b>Sentido</b>  Visão sincrónica do desenho  Visão diacrónica do desenho</p>	<p><b>Estudos de Cor</b>  Usando diferentes meios colorantes, efetuar estudos analíticos de cor envolvendo misturas cromáticas, opacidade e transparência. Efetuar estudos que envolvam a manipulação sistemática do cambiante, da luminosidade e da saturação e utilizá-los na criação de composições ou padrões visuais.</p> <p><b>Transformação</b>  A partir dos desenhos / estudos previamente realizados a partir de obras de arte e visionamento do documentário “Lixo Extraordinário” de Vik Muniz, criação de uma nova obra de arte em formato 50x66cm recorrendo à utilização de materiais alternativos / não convencionais.</p> <p><b>Ensaio de Perspetiva</b>  Representação à mão livre de objetos e espaços propícios à deteção de pontos de fuga e linha de horizonte.</p> <p><b>Claro-Escuro</b>  Representação à vista de uma composição objeto/panejamento, tendo em conta valores formais, de claro-escuro, volume e recorrendo à utilização de diferentes suportes e meios atuantes.</p> <p><b>Alternância figura-fundo</b>  A partir de desenhos realizados previamente pelos alunos, ou imagens por si recolhidas criar ensaios gráficos baseados numa redução à oposição figura-fundo e diferentes possibilidades da sua alternância perceptiva.</p> <p><b>Composição Livre</b>  Realização de uma composição livre em formato A3 utilizando a técnica de sopro com palhinha.</p>	<p>2º Período</p> <p>2º Período</p> <p>3º Período</p> <p>3º Período</p> <p>3º Período</p> <p>3º Período</p>

### 3.3 DESENVOLVIMENTO DAS UNIDADES DE TRABALHO

Neste subcapítulo são descritas as Unidades de Trabalho (UT) desenvolvidas ao longo do ano letivo.

Uma vez que acompanhei a turma em todas as aulas, durante todo o ano letivo, torna-se difícil “separar” as aulas assistidas, das aulas lecionadas. No entanto, houve duas UT que estiveram inteiramente à minha responsabilidade, desde a preparação, apresentação e acompanhamento.

Assim, irei expor de modo detalhado as UT que lecionei (cf. subcapítulos 3.3.6 e 3.3.7), e irei apenas fazer uma apresentação sucinta das UT que assisti.

#### 3.3.1 DIÁRIO GRÁFICO

Esta UT teve a particularidade de se desenvolver ao longo de todo o ano letivo.

Pela prévia experiência profissional de docência de que dispunha, na disciplina de Educação Visual (9º ano), e na minha própria experiência enquanto aluna, sabia que não seria uma UT que representasse dificuldades técnicas relevantes para os alunos, mas que no entanto poderiam debater-se com dificuldades motivacionais.

Tinha presente que o desenho em Diário Gráfico (DG) era visto pelos alunos sobretudo como uma “obrigação”, uma forma de cumprir um dos itens avaliativos da disciplina, ao invés de assumir uma forma de desenvolvimento da auto expressão do aluno, enquanto indivíduo e enquanto (possível) futuro artista pela procura dos seus interesses conceptuais, estéticos e técnicos.

Uma vez que se tratava de um 10º ano de escolaridade e início de um novo ciclo de ensino, os alunos não tinham ainda hábitos de registo sistemático e revelaram-se bastante “perdidos” quando apresentada a proposta de realização de um DG, pelo que, em diálogo com os mesmos, se chegou à conclusão que seria mais produtivo que o DG assumisse um papel de “retaguarda” das UT que iam sendo desenvolvidas ao longo do ano.

Assim, ficou definido que cada aluno teria um caderno/suporte de pequenas dimensões, onde iria registar concretizações gráficas, de observação direta da realidade ou de carácter inventivo, utilizando materiais à sua escolha. Os temas iriam acompanhar as unidades desenvolvidas nas aulas e eram revistos semanalmente (nas aulas de sexta-feira por se tratar de uma aula de três tempos de 45 minutos) onde se realizava também uma avaliação do trabalho desenvolvido até ao momento. A pedido dos alunos foi sugerido um número de cinco registos por semana.

Na primeira aula em que o projeto foi apresentado à turma, fiz-me acompanhar de alguns DG (uns meus, outros que pedi emprestados a amigos) para que os alunos pudessem ter um contato direto, tanto com o suporte físico, como com a “magia” de observar diferentes personalidades nos diferentes DG, demonstrando a pluralidade de resultados que se podem obter.

Também na primeira aula, foi entregue à turma a respetiva ficha de trabalho (v. anexo 4) e projetada uma pequena introdução (cf. anexo 5) ao tema do *desenho* que mostrava a evolução do DG e alguns exemplos diversificados de vários autores. Durante a apresentação, os alunos foram conduzidos a refletir e a contribuir com as suas próprias ideias em género de debate. Foi interessante observar quais as imagens que mais suscitaram o interesse dos alunos, como estavam interligadas com as suas aspirações relativamente ao futuro e, mais tarde, comparar com as concretizações gráficas que eles próprios foram realizando.

A apresentação iniciava-se com uma citação do Programa Nacional de Desenho A para 10º ano (Ramos et al., 2001:3) que afirma:

“O Desenho é forma universal de conhecer e comunicar. Integrando as áreas do saber, actua na aquisição e na produção de conhecimento: traduz-se em mapas, esquemas, espécimes; concretiza planos, antecipa objectos, interroga-nos sob a forma de testemunho artístico. Nas suas variantes, vive, e faz criar, quer como testemunho de um passado, quer como intermediário do futuro.”

Assim, passando do geral para o particular, foi apresentada uma breve introdução ao que é e foi o DG.

Tendo em si várias definições, o DG apresenta-se como uma espécie de herdeiro de séculos de história, onde o *desenho* foi gradualmente assumindo um papel autónomo nos círculos de criação artística. Tenha-se em conta o percurso do *desenho* presente desde o *livro de padrões*, *livro de modelos*, *caderno ou álbum de esboços* e *cadernos de viagem* apontado por Manuel San Payo<sup>4</sup> (2009:20). Todavia, foi sobretudo a partir do século XV, que o *desenho* assumiu o seu carácter de suporte de estudo e experimentação,

“O pequeno caderno ou álbum de esboços fará cada vez mais parte do equipamento habitual do artista, que muitas vezes acumula as funções de ourives, escultor, arquitecto e engenheiro. Neles aparecerão, ao lado de desenhos técnicos, de esboços, exercícios em que se ensaiam soluções para os mais variados problemas, reflexões, apontamentos, recolhas e citações de ideias. O pintor e o desenhador têm nestes cadernos uma ferramenta que os integra nos círculos humanistas e intelectuais letrados dos quais se aproximam socialmente” (San Payo, 2009:37).

Fig. 4: Fólio de livro de padrões; Ms. 83-1972, do Fitzwilliam Museum de Cambridge



Fonte: San Payo, 2009: 28

---

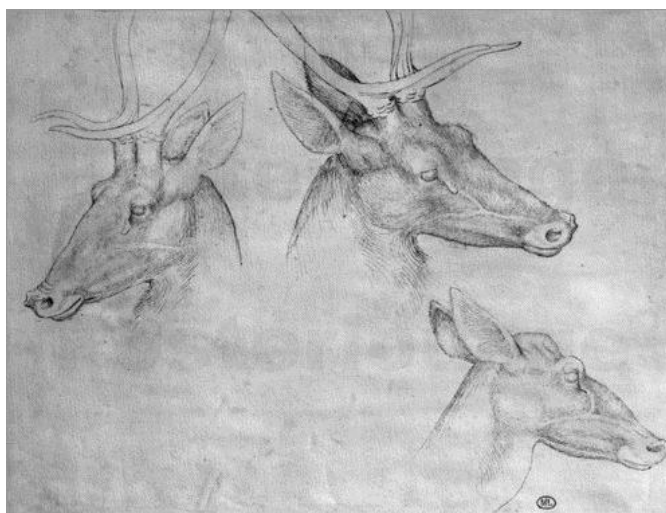
<sup>4</sup> Nascido em Lisboa a 1958, Artista Plástico e Professor de Desenho na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Fig. 5: Livro de modelos atribuído a Giovannino de Grassi (1389-1398)



Fonte: San Payo, 2009: 33

Fig. 6: Caderno de esboços de Antonio Pisanello



Fonte: <http://img.posterlounge.de/images/wbig/antonio-pisanello-zwei-koepfe-von-hirschen-174144.jpg>;  
consultado em 03/09/2012

Visto sobre perspectivas convergentes, atualmente o Diário Gráfico – expressão cunhada pelo professor/escultor Lagoa Henriques - é considerado

como um suporte de registo de memórias visuais, pensamentos e outras experiências pessoais e gráficas; é um meio de (auto) conhecimento do seu autor, de dimensão pessoal e íntima. Seja pela linguagem gráfica que apresenta, pela curiosidade técnica desenvolvida ou pelos assuntos retratados (uma vez que também se encontra associado, enquanto objeto, à prática de várias profissões), o DG é um complexo e interessante veículo de informações, que transcende a aprendizagem académica, transportando para o quotidiano, a importância e o valor do *desenho* e da experimentação plástica.

Como aponta Eduardo Salavisa (2008:14-15), o DG pode ser entendido como “*uma companhia (...) um espaço de liberdade onde tudo é permitido; como um objeto íntimo capaz de receber uma forte carga experimental e criativa*”. Pode ser interpretado como um “objeto de prazer”, no sentido de que guarda em si, momentos de contemplação do seu autor perante o que vê, pensa e reflete, ou ainda como forma de comunicação e relação com o outro, aquele que é desenhado e, que dessa forma, se encontra “convocado” pelo desenhador para esta relação circunstancial trazida pelo *desenho*.

No seguimento da apresentação à turma, foi efetivada uma pequena *viagem* pelo website [www.diariografico.com](http://www.diariografico.com), da autoria de Eduardo Salavisa. Todas as figuras que apresento abaixo encontram-se no referido website, sendo que todas elas foram retiradas dos DG dos próprios autores.

Fig. 7: DG Rodrigo Alonso. Espanha. Estudante de Comunicação Audio-visual



Fig. 8: DG Luís Ançã. Artista Plástico e Professor



Fig. 9: DG Pedro Baptista. Portugal. Fotógrafo. Designer Gráfico

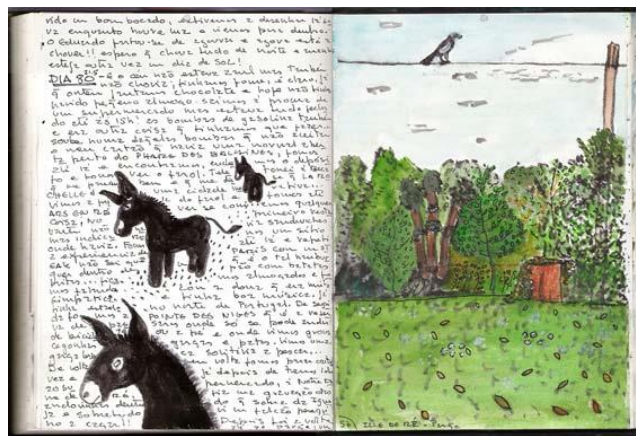


Fig. 10: DG Sara Brandão. Estudante de arquitetura

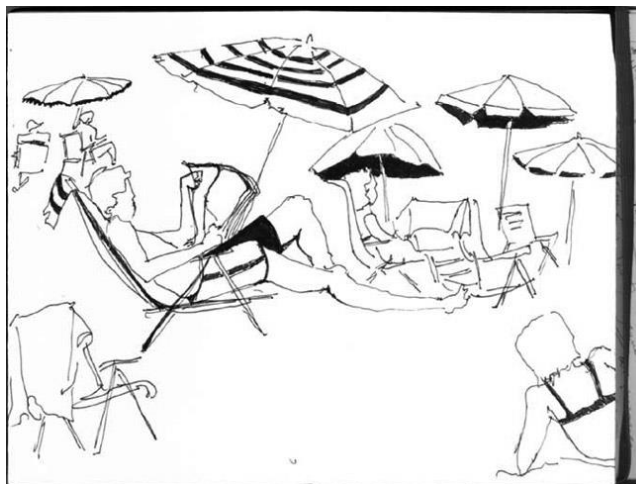




Fig. 14: DG Artur Cruzeiro Seixas. Portugal. Pintor. Poeta



Fig. 15: DG Lucile Dubroca. França. Arquitecta Paisagista



Fig. 16: DG Pedro Fernandes. Portugal. Geólogo. Ilustrador

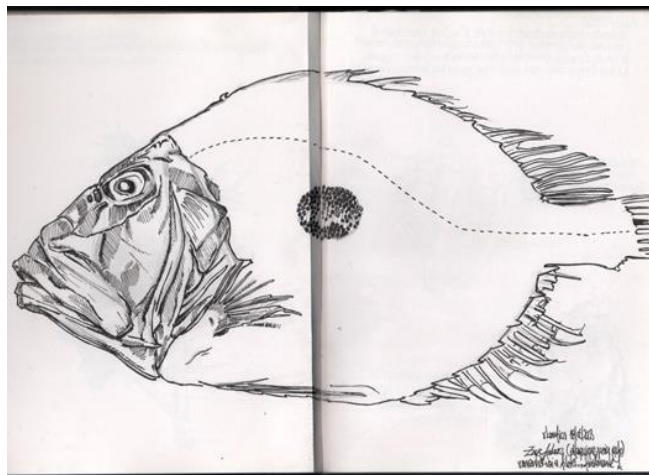


Fig. 17: DG Miguel Herranz. Espanha. Ilustrador

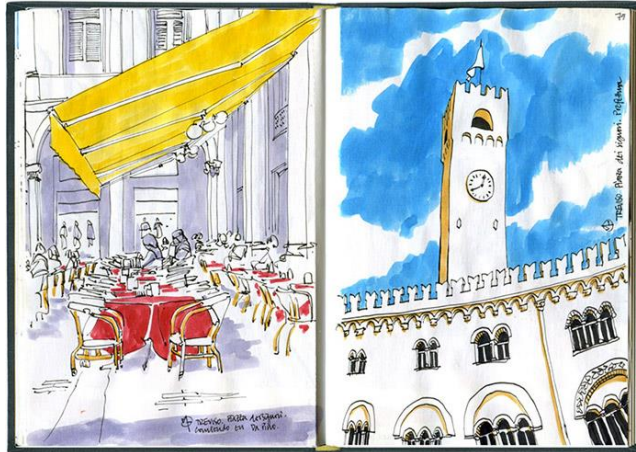


Fig. 18: DG Henry Moore. Inglaterra. Escultor

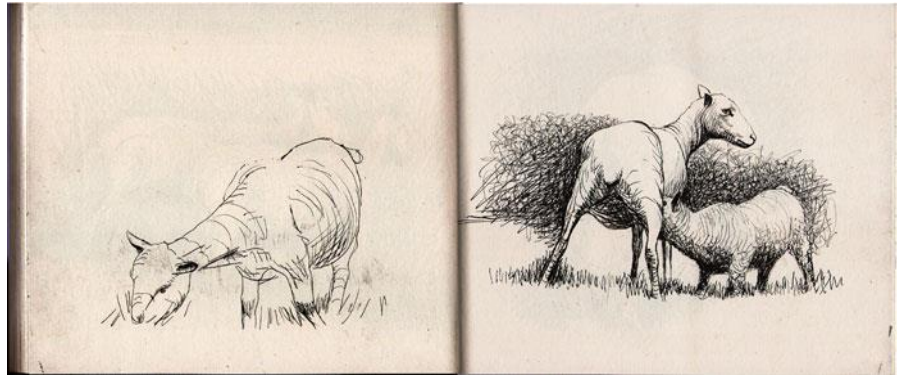


Fig. 19: DG Mauro Moro. Italiano a viver em Portugal. Arquiteto

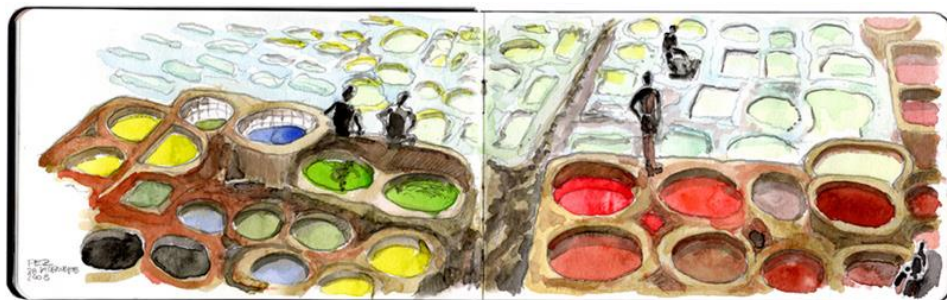


Fig. 20: DG Manuel San Payo. Portugal. Professor. Artista Plástico. Ilustrador



Fig. 21: DG Francisco Vidal. Cabo-Verde. Pintor



Com a apresentação, procurou-se incitar os alunos à procura e pesquisa de registos com os quais se identificassem, em que pudessem encontrar um estilo próprio, individual.

A atual utilização do DG no meio escolar e nos currículos nacionais, universidades e práticas artísticas diversas, continua a demonstrar a sua utilidade e pertinência enquanto instrumento didático de liberdade, experimentação e criação na vida dos seus utilizadores.

Este objeto, num contexto escolar, permite o desenvolvimento de competências críticas nos alunos e ajuda-os a descodificar e entender a sociedade que os envolve, assim como o seu papel na mesma.

Atualmente, a utilização do DG, como se pode verificar nos exemplos acima apresentados, é feita por professores, ilustradores científicos, banqueiros, designers, geólogos, arquitetos, artistas e todas as pessoas que simplesmente se interessam pelo desenho e por este objeto. Cada um com o seu ponto de partida, o seu interesse, mas todos partilham o gosto pela procura através do desenho e deste objeto que os acompanha nas suas vidas.

Para finalizar, irei colocar alguns exemplos dos DG realizados pelos alunos ao longo do ano letivo. Desde já menciono que a escolha foi efetivada de forma aleatória, devido à proximidade afetiva que fui desenvolvendo com os alunos e ao carácter individual inerente ao DG. Todas as imagens apresentadas são resultantes de registos fotográficos próprios e autorizada a sua divulgação pelos seus autores/encarregados de educação.

Fig. 22: DG Jéssica



Fig. 23: DG Miguel

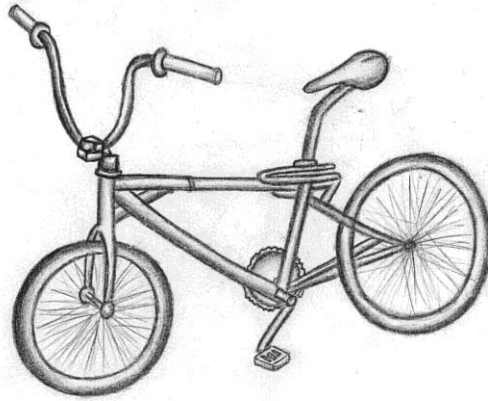


Fig. 24: DG Iara (1)



Fig. 25: DG Iara (2)



Fig. 26: DG Carina



Fig. 27: DG Patrícia (1)

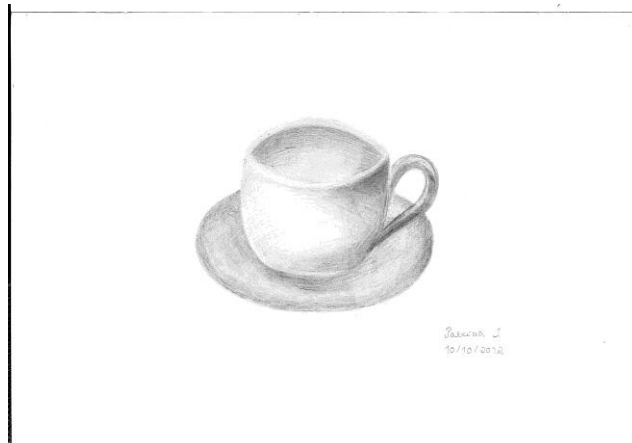


Fig. 28: DG Patrícia (2)



Fig. 29: DG Ruben (1)

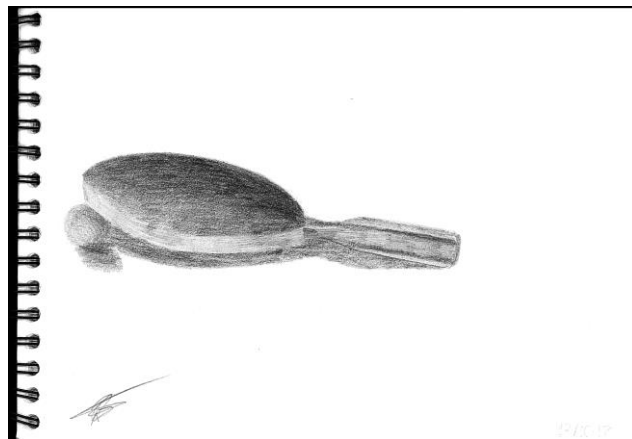


Fig. 30: DG Ruben (2)

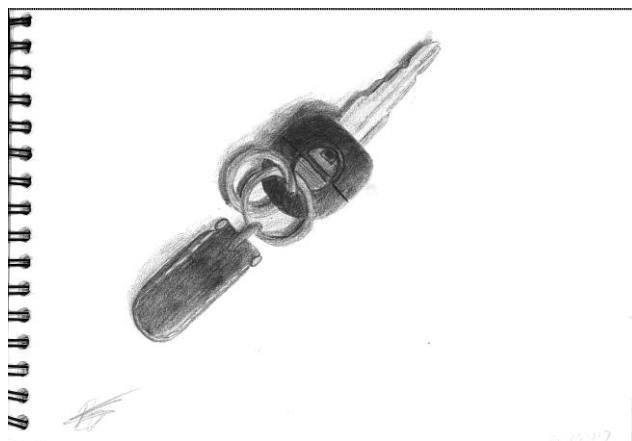


Fig. 31: DG Ruben (3)

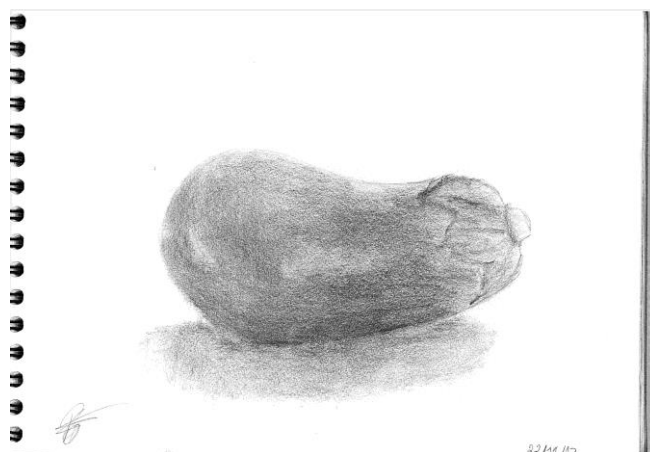


Fig. 32: DG Ruben (4)

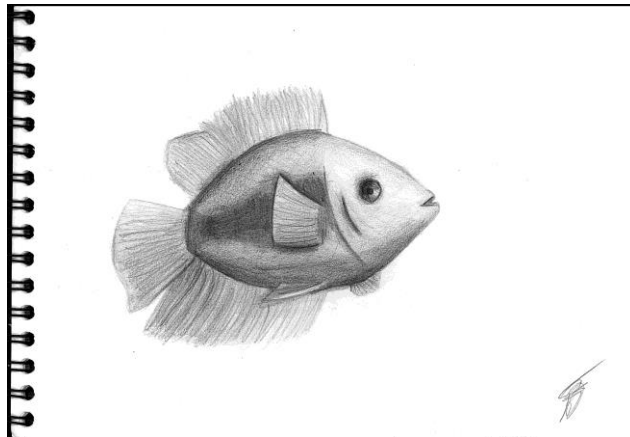


Fig. 33: DG Ruben (5)



Fig. 34: DG Ruben (6)

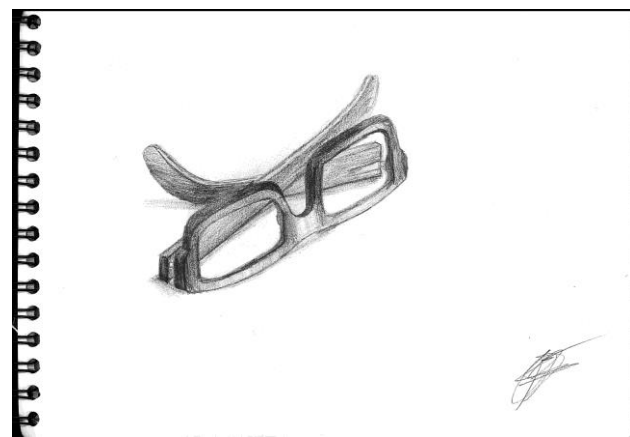


Fig. 35 DG Nuno



Fig. 36 DG Mariana



Fig. 37: DG Ruben (7)

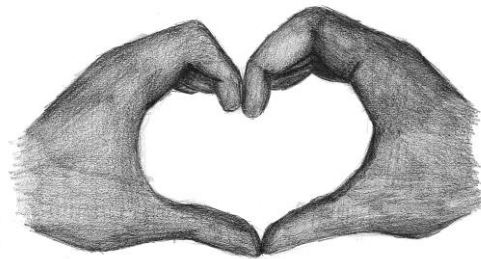
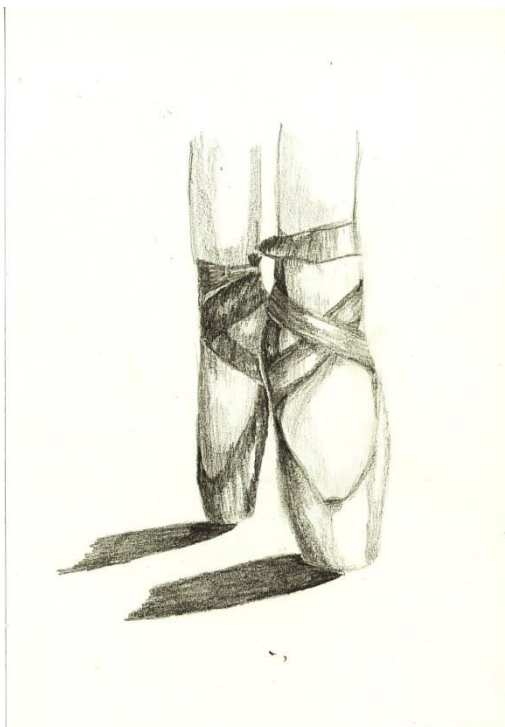


Fig. 38: DG Filipa



Fig. 39: DG Mónica



### 3.3.2 DESENHO CEGO

A primeira atividade desenvolvida e que funcionou como uma avaliação diagnóstica, foi o *Desenho Cego*. Esta atividade foi lecionada pela professora

coordenadora e teve a duração de sete tempos de quarenta e cinco minutos, perfazendo um total de 5.15 horas (v. anexo 6).

Nesta atividade pretendeu-se que os alunos, a partir da observação de objetos por eles selecionados, elaborassem a sua representação gráfica; num primeiro momento, sem olhar para o papel (recorrendo à ocultação das mãos e do suporte) e, num segundo momento, de modo habitual.

Os materiais utilizados foram papel cavalinho em formato A3 e lápis de grafite.

Com este exercício pretendeu-se treinar a capacidade de observação e concentração e tornar conscientes os modos de perceber e traduzir o mundo envolvente. Os conteúdos envolvidos na atividade foram: a Visão, os Procedimentos, a Síntaxe e o Sentido.

Esta atividade faz parte das sugestões metodológicas específicas apontadas pelo Ministério da Educação no programa de Desenho A, do 10º ano, e fez todo o sentido integrá-la como a primeira atividade do ano letivo, uma vez que a perceção visual é a base dos aspetos físicos e psicológicos envolvidos no ato de representar. Partindo da constituição orgânica do olho (recepção ótica da luz, seleção celular dos estímulos que se irão traduzir na coordenação psicológica consciente das sensações e dos vários tipos de reconhecimento) para o espaço estruturado das perceções visuais, chega-se à distinção entre *ver* e *olhar*. Assim, *ver* implica uma atitude de escolha sensível e consciente dos estímulos que nos rodeiam.

“Ver é ir ao encontro das coisas, é a coordenação consciente dos vários olhares, das diferentes sensações, das diferentes percepções, das próprias memórias que nos informam, em boa medida, os actos e as escolhas. Na verdade, e porque não dizê-lo?, ver é escolher e é julgar. É compreender” (Rocha de Sousa, 1995:32).

Para além dos objetivos pedagógicos envolvidos já referidos, uma vez que se tratava de uma turma de 10º ano, ou seja, que iniciou um novo ciclo de escolaridade, a maior parte dos alunos não só não conhecia a escola como os colegas; assim, esta atividade serviu também como um “quebra-gelo” e uma

forma de desmistificar o que significa desenhar bem e de demonstrar que todos são capazes.

Abaixo são apresentados alguns dos resultados dos trabalhos realizados pelos alunos, mais uma vez de fonte própria e selecionados de forma aleatória.

Fig. 40: UT Desenho cego, Carina

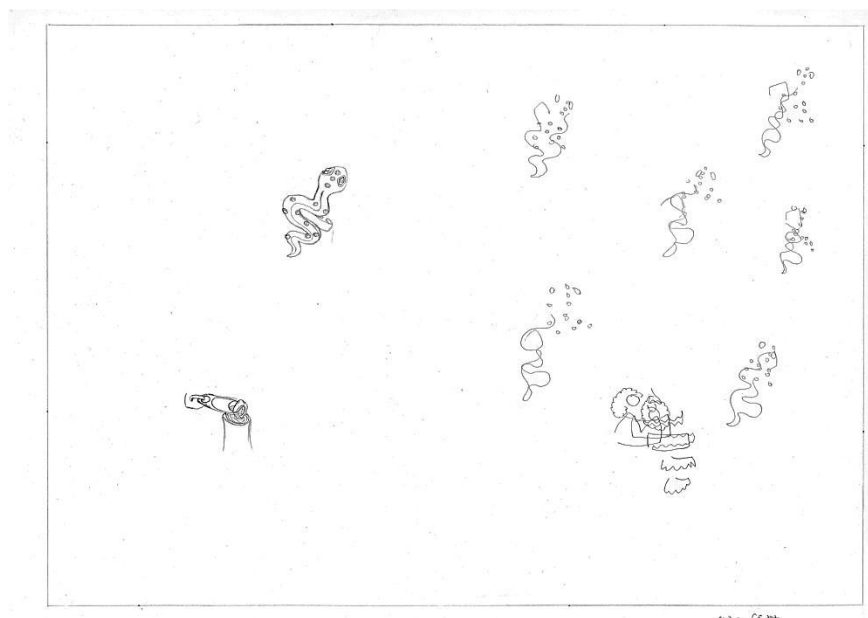


Fig. 41: UT Desenho cego, Filipa



Fig. 42: UT Desenho cego, Mónica

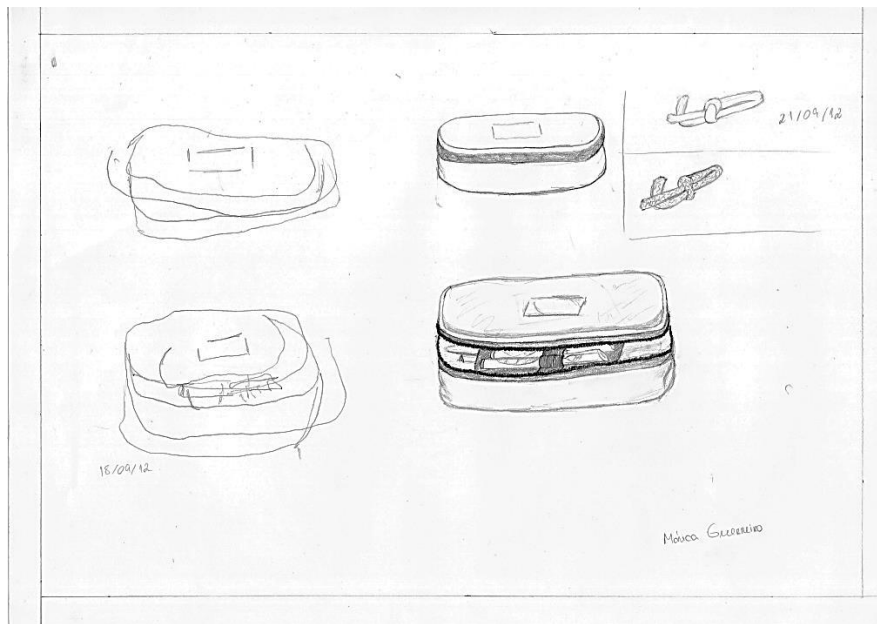
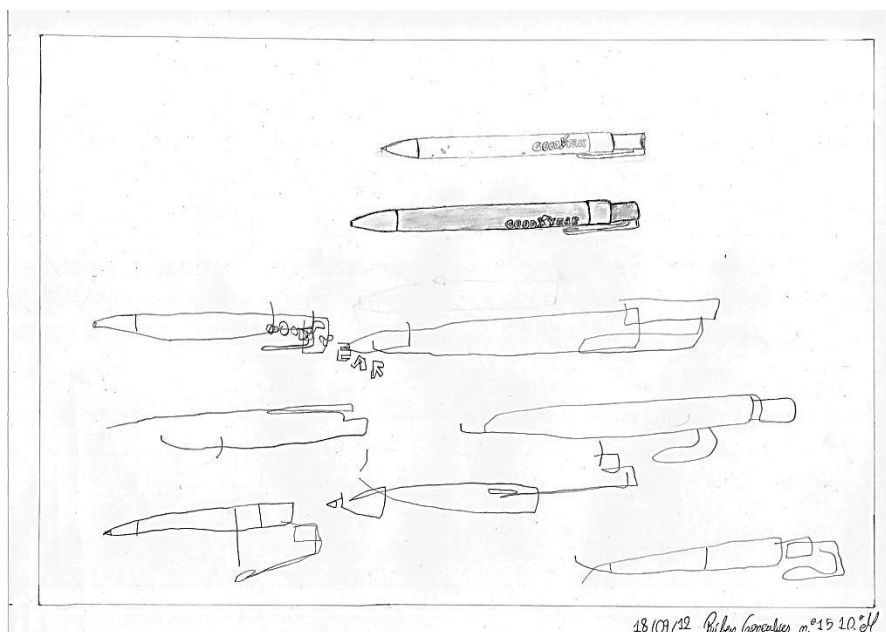


Fig. 43: UT Desenho cego, Ruben



### 3.3.3 DESENHO DE FORMAS NATURAIS

A segunda UT desenvolvida foi o *desenho de formas naturais*, foi lecionada pela professora coordenadora. Esta UT teve a duração de quinze tempos, com um total de 10.30 horas.

A atividade, tal como o seu nome indica, consistiu no desenho de elementos retirados da natureza, tais como: frutos, árvores, flores, pedras, através da realização de vários esboços, segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global; e posterior representação atenta e objetiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno. Os conteúdos programáticos envolvidos na atividade foram a Visão, Materiais e Procedimentos.

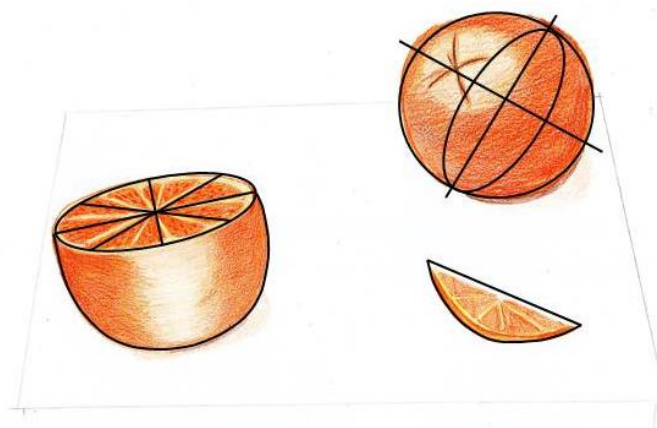
No início da atividade, a professora coordenadora fez uma breve exposição à turma, recorrendo ao manual da disciplina e entregou a respetiva ficha de trabalho (v. anexo 7); seguidamente a turma foi, acompanhada pelas professoras, ao Parque Municipal de Loulé (que é contíguo à escola), para que pudessem selecionar alguns dos materiais que iriam utilizar para representar.

Após a recolha dos diversos materiais, e com estes presentes já em sala de aula, a professora conduziu os alunos a olhar de forma atenta para as formas e a reconhecer os seus eixos estruturantes, inclinações, pontos de inflexão e de concordância das linhas de contorno e determinantes para a sua forma global.

Relativamente à forma global, importa ainda perceber que a sua forma exterior resulta da inter-relação dos elementos visuais que a constituem; nomeadamente, a sua estrutura, cor, textura que, por sua vez, depende diretamente da sua estrutura interior. A organização dos elementos visuais pode ser interpretada através de traçados geométricos.

Para exemplificar, criei um esquema de linhas sobre um trabalho realizado por um aluno (Miguel) para esta UT, onde se podem observar os eixos estruturantes, as inclinações, os pontos de inflexão e concordância, conforme se pretendia que os alunos tivessem em conta aquando das suas realizações pictóricas (fig. 44).

Fig. 44: Esquema de eixos estruturantes, inclinações, pontos de inflexão e concordância



Fonte: captação própria

Assim, quando se procede à *análise* de um elemento, esta implica um processo de seleção e síntese. Esta capacidade de análise requer um *treino* dos olhos, da mente e da mão para que se alcance uma representação legível do objeto através do desenho. Para esta análise deve-se ter presente:

- a *visão serial*, ou seja, a observação do objeto de diferentes ângulos e distancias;
- a *visão circular*, rodando à volta do objeto;
- e finalmente, a *visão de aproximação/afastamento*, verificando a organização e globalização dos elementos da forma, desenvolvendo uma percepção analítica.

Os materiais utilizados para esta UT foram papel cavalinho em formato A4 e A3, lápis de grafite de diferentes durezas e lápis de cor.

Abaixo encontram-se alguns exemplos dos trabalhos realizados pelos alunos. A escolha dos desenhos teve em conta a diversidade de abordagens representativas da atividade.

Fig. 45: UT Desenho de formas naturais, Nuno (1)



Fig. 46: UT Desenho de formas naturais, Mónica (1)



Fig.47: UT Desenho de formas naturais, Miguel



Fig. 48: UT Desenho de formas naturais, Mónica (2)

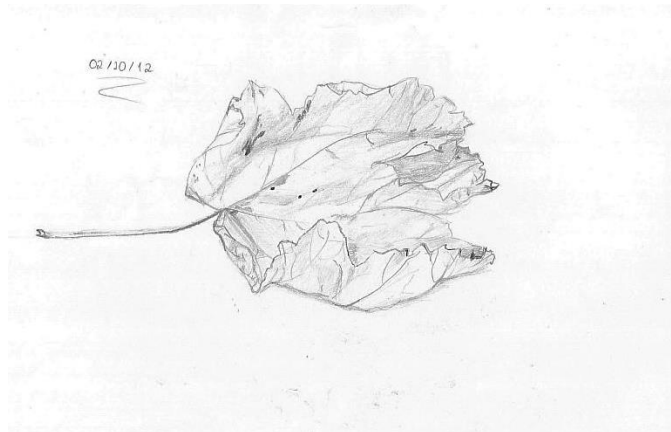


Fig. 49: UT Desenho de formas naturais, Ruben



Fig. 50: UT Desenho de formas naturais, Igor (1)

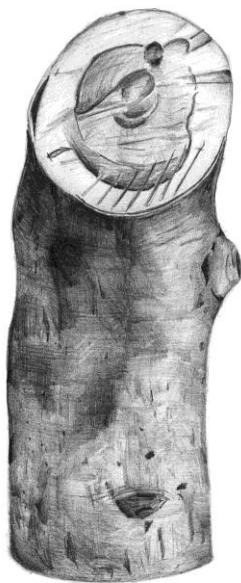


Fig. 51: UT Desenho de formas naturais, Igor (2)

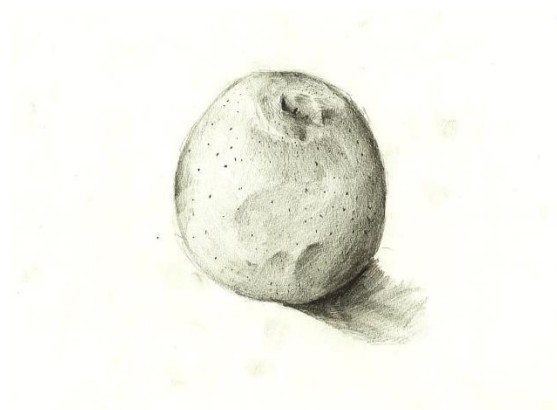


Fig. 52: UT Desenho de formas naturais, Igor (3)



Fig. 53: UT Desenho de formas naturais, Mónica (3)



Fig. 54: UT Desenho de formas naturais, Jéssica

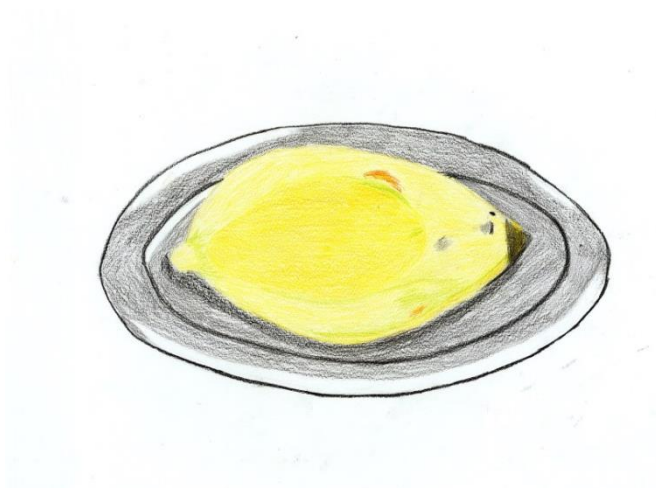


Fig. 55: UT Desenho de formas naturais, Nuno (2)



### 3.3.4 DESENHO DE FORMAS ARTIFICIAIS

Cronologicamente, esta UT não sucedeu a anterior; uma vez que, devido ao cumprimento de datas, a UT relativa ao cartaz realizado no âmbito das comemorações da Declaração Universal dos Direitos do Homem teria que estar concluída antes do dia 10 de Dezembro, foi necessário adiar para data posterior. No entanto, apresento-a aqui sequencialmente por uma questão de seguimento de lógica.

A UT de *desenho de formas artificiais* foi lecionada pela professora coordenadora e, tal como a anterior teve a duração de 15 tempos, ou seja, 10.30horas.

Conforme na UT anterior, no início da atividade, a professora coordenadora fez uma breve exposição à turma, recorrendo ao manual da disciplina e entregou a respetiva ficha de trabalho (v. anexo 8).

A UT consistiu na representação através do desenho de objetos criados pelo homem; tais como: panejamento simples, sapatos, velharias, papéis amarrotados, garrafas. Este exercício foi realizado em duas fases: primeira, vários esboços segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global; segunda, representação atenta e objetiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.

Os conteúdos envolvidos foram a Visão, os Materiais e os Procedimentos.

Tal como na atividade descrita anteriormente, esta requereu uma observação e análise atenta dos objetos selecionados, quer na sua forma externa quer pela sua estrutura interna; e uma atitude de *ver, perceber e fazer*.

Os materiais utilizados foram papel cavalinho de formato A3 e lápis de grafite de diferentes durezas.

Apresentam-se abaixo alguns exemplos dos trabalhos realizados pelos alunos, de fonte fotográfica própria.

Fig. 56: UT Desenho de formas artificiais, Mariana



Fig. 57: UT Desenho de formas artificiais, Nuno



Fig. 58: UT Desenho de formas artificiais, Carina

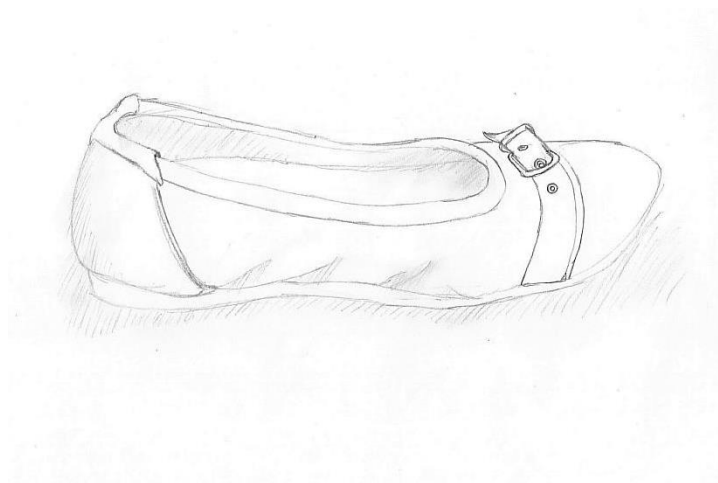


Fig. 59: UT Desenho de formas artificiais, Igor (1)

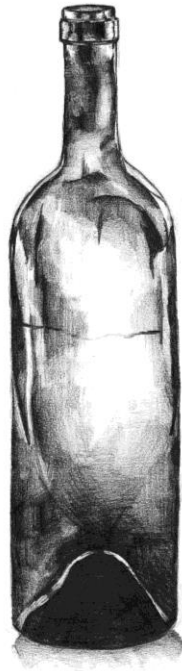


Fig. 61: UT Desenho de formas artificiais, Igor (2)



### 3.3.5 CARTAZ DIREITOS HUMANOS

Para esta UT e no âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Direitos Humanos, a partir do visionamento de filmes e realização debates em sala de aula, (articulação com Filosofia) pretendia-se que os alunos elaborassem um cartaz em grupo, para apresentar à comunidade escolar.

A UT teve uma duração de vinte e cinco tempos letivos, 18.45 horas.

A disciplina de Desenho A acompanhou o processo de execução do cartaz e a disciplina de Filosofia acompanhou a turma no que concerne aos conteúdos temáticos a desenvolver. Assim, na aula de Filosofia a turma foi previamente dividida em quatro grupos de trabalho, onde foram debatidos os temas e assistido ao visionamento de dois filmes no âmbito: *Kony 2012*<sup>5</sup> e *A valsa dos brutos*<sup>6</sup>.

Assim, na disciplina de Desenho A deu-se atenção às questões relacionadas com as técnicas a desenvolver na execução do cartaz. Para tal, foi entregue à turma a respetiva ficha de trabalho da UT (v. anexo 9) e exposta uma projeção com informação sucinta relativamente ao tema *comunicação visual*.

Os conteúdos envolvidos foram a Visão, a Sintaxe e o Sentido.

A *comunicação* é um fenómeno espontâneo pelo qual nos ligamos uns aos outros e compreendemos o nosso meio evolvente, através da capacidade para emitir e receber *mensagens*.

Para este processo é indispensável a participação entre o *emissor*, o *recetor* e obviamente, a *mensagem*.

---

<sup>5</sup> **Kony 2012** - documentário criado pela *Invisible Children, Inc.* e que funciona como uma denúncia, tendo como objetivo principal, tornar conhecido o nome de Joseph Kony, (líder de guerrilha, acusado de raptar sessenta mil crianças e jovens para atuar como soldados e escravos sexuais), para que autoridades americanas sintam-se pressionadas a tomar alguma atitude. Nos primeiros seis dias após a publicação do vídeo, este alcançou 100 milhões de visualizações, tornando-se, conforme estudo da *Visible Measures*, o maior vídeo viral da história.

(Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Kony\\_2012](http://pt.wikipedia.org/wiki/Kony_2012); consultado em 11/06/2013)

<sup>6</sup> **A valsa dos brutos** (2007) – Filme produzido pelo ONFC em associação com a UNICEF e o Min. da Justiça do Canadá que aborda algumas das facetas da violência que, muitas vezes, se encontra escondida, mas latente, e se manifesta transversalmente em toda a sociedade. No presente caso, violência nas relações entre jovens, simbolizando a própria sociedade, e focando a atenção em questões como as pressões exercidas pelo grupo e a desigualdade de forças presentes no mesmo. Entre a violência psicológica e velada e a violência física e explícita, o filme tem o objetivo de fazer refletir e procurar estratégias.

(Fonte: [http://flaminia.pt/Fla/Filmes/valsa.html?=valsa\\_main.html](http://flaminia.pt/Fla/Filmes/valsa.html?=valsa_main.html); consultado em 11/06/2013)

Tal como existem diferentes intenções quando comunicamos por palavras, também existem diversas formas de comunicar visualmente por imagens. Os sinais de trânsito ou pegadas deixadas numa praia são exemplos de *signos* com o auxílio dos quais se estabelece a comunicação.

Para que a comunicação se processe e o recetor perceba a mensagem do emissor, este tem que organizar os signos/símbolos de forma correta; a este processo designa-se *codificar* a mensagem. O processo inverso designa-se *descodificar*. Para que a comunicação seja possível existem ainda as *regras*; por exemplo, na linguagem verbal os signos são as palavras e as regras a gramática.

Uma das grandes vantagens das linguagens visuais, como a pintura, a escultura, a arquitetura, a dança, a sinalética, etc., é a de poderem ser compreendidas por pessoas de várias nacionalidades e culturas diversas.

Assim, em linguagem visual, o uso da *imagem* é fundamental; irá variar quanto à função e objetivo a que se destina e encontra-se relacionada com os conceitos de *significante* (a representação de uma coisa material, que existe na realidade) e *significado* (representa uma ideia, um raciocínio, um pensamento).

Neste seguimento, e já com a turma dividida em grupos, os temas a tratar foram: a *paz*, a *liberdade*, o *bullying* e a *violência contra as mulheres*; importava agora *codificar* a mensagem a transmitir sob a forma de imagens / símbolos.

Os materiais utilizados foram de escolha livre e de acordo com o efeito pretendido; variaram entre o cartão, ligadura de gesso, arame, algodão e tecido - conforme se pode observar nas figuras 61 e 62.

Como já mencionado, o cartaz destinou-se a ser exposto na escola (concretamente no Centro de Aprendizagem), onde ficou durante o mês de Dezembro. Os alunos participaram também no processo de montagem e desmontagem da exposição.

A atividade decorreu de uma forma bastante positiva com a participação integral e ativa da turma em todo o processo. A figura 64 mostra a turma e as professoras, junto do cartaz já finalizado, no dia da montagem da exposição.

Fig. 61: Cartaz Direitos Humanos



Fonte: captação própria

Fig. 62: Cartaz Direitos Humanos, pormenor



Fonte: captação própria

Fig. 63: Cartaz Direitos Humanos, fotografia de grupo



Fonte: captação própria

### 3.3.6 ESTUDO DA FIGURA HUMANA

A apresentação desta UT aconteceu na segunda aula do segundo período, desenrolou-se durante todo o período e início do terceiro; ou seja, teve uma duração total de cinquenta e cinco tempos letivos, 41.15 horas.

O motivo da extensão desta UT deveu-se ao facto de se encontrar subdividida em três fases, cada qual com os seus propósitos e objetivos (cf. anexo 10).

#### 3.3.6.1 RECONHECIMENTO

A primeira fase iniciou-se com o visionamento do documentário “Lixo

Extraordinário” do artista plástico Vik Muniz<sup>7</sup>.

A turma do 10º N de Artes Visuais também compareceu ao visionamento do documentário no auditório.

O documentário mostra o artista brasileiro Vik Muniz desde o início ao fim de um projeto realizado no Jardim Gramacho, a maior lixeira do mundo, localizada no Rio de Janeiro. No Jardim Gramacho, Muniz conhece os catadores do lixo, homens e mulheres que separam o lixo que se pode reciclar de todo o restante. Serão eles os protagonistas do seu trabalho e com isso ganharão também uma força e uma dignidade que mostra que a arte tem também um poder transformador.

Foi interessante observar o interesse dos alunos, à medida que o documentário avançava, do qual pude observar que todos gostaram bastante, devido aos comentários no final do filme e diálogo seguinte já em sala de aula.

Com esta UT os conteúdos envolvidos foram a Visão, os Procedimentos e o Sentido (v. anexo11) .

Assim, e a partir do exemplo do filme, foi pedido aos alunos, que realizassem, tanto em sala de aula, como em casa, uma pesquisa sobre obras de arte reconhecidas e que integrassem a figura humana, à semelhança do que Vik Muniz faz nas suas obras. Para esta pesquisa foram utilizados os recursos da biblioteca escolar e internet.

A partir das obras de arte previamente escolhidas, o objetivo foi representar graficamente o colega mimetizando a obra original. Para tal, a turma foi dividida em pares. Os materiais utilizados foram papel cavalinho formato A3 e lápis de grafite.

Pretendeu-se também que os alunos realizassem diferentes estudos de representação do todo e de pormenor, ao qual se seguiu a análise e discussão das transformações que se operam ao nível da reconhecibilidade quer das figuras

---

<sup>7</sup> **Vik Muniz**, (n. S. Paulo, 1961), artista plástico radicado em Nova Iorque e conhecido pelas suas experimentações artísticas com materiais pouco habituais nas artes, tais como comida ou lixo. Em 2010 é publicado o documentário **Lixo Extraordinário** que relata o trabalho do artista, com catadores de lixo reciclável num dos maiores aterros controlados do mundo. O documentário mostra, ao longo de dois anos, a produção de obras de arte com o material recolhido e as transformações que se produzem na visão do mundo dos sete catadores participantes no projeto. (Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lixo\\_Extraordin%C3%A1rio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lixo_Extraordin%C3%A1rio); consultado em 11/06/2013)

individualmente, quer das obras no seu todo.

Esta etapa iniciou-se com a introdução da questão de escala e proporção (cf. anexo 12).

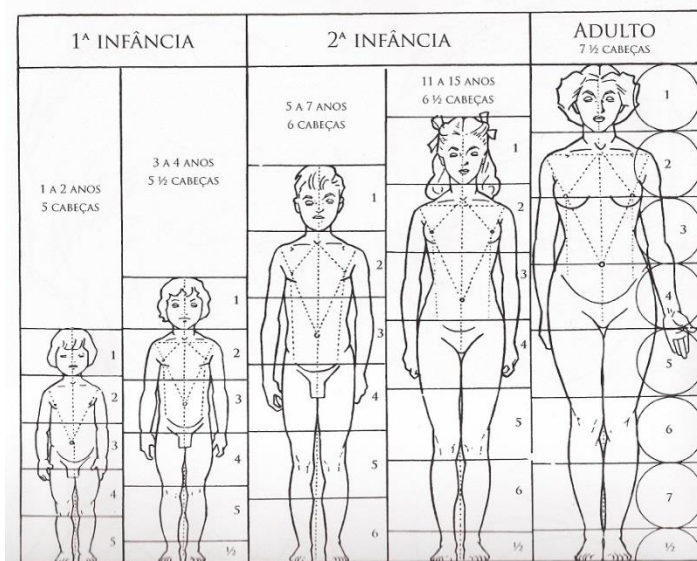
Todos os elementos visuais possuem a característica de se definirem e modificarem uns entre os outros. A este processo de comparação dos elementos visuais denominamos de *escala*.

A *escala* é o que nos permite estabelecer relações entre os elementos visuais, por exemplo, não há grande sem pequeno, nem escuro sem claro.

Uma das escalas mais utilizadas é a medida do homem.

Por proporção entende-se a relação entre as várias partes de um todo, seja esta uma forma ou uma composição. O estudo das proporções do corpo humano, ao longo da história, levou à criação de cânones – padrão, modelo, norma – resultantes dos ideais estéticos e simbólicos de cada época. Atualmente, é considerada ideal e utilizada como módulo a altura da cabeça, com um cânone de sete cabeças e meia de altura por duas de largura, na representação da figura humana adulta, tanto masculina, como feminina. Na representação de crianças, esta proporção altera-se, quanto menor for a idade, menor serão as alturas das cabeças, conforme ilustra a figura abaixo.

Fig. 64: Cânone das proporções do corpo humano

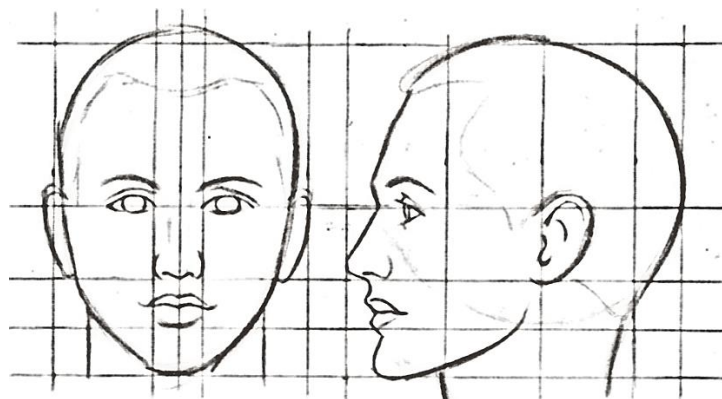


(Fonte: <http://desenhetudo.blogspot.pt/p/anatomia-humana-e-animal.html>; consultado em Dezembro 2012)

Para além da medida da cabeça, foi também explicado aos alunos que podem utilizar, como auxiliares, as linhas horizontais e verticais e que embora sejam imaginárias servem-nos para permitir a construção proporcional do todo.

Tal como é exemplo a simetria aparente do rosto, que permite que se use um processo de esquematização para que os elementos idênticos do lado esquerdo e direito (sobrancelhas, olhos, narinas, orelhas) se situem no mesmo nível e com afastamentos semelhantes relativamente a uma linha vertical, centrada, que funciona como eixo (cf. figura 65).

Fig. 65 Proporções do rosto



Fonte: Modesto et al., 2007: 90

Abaixo apresento alguns exemplos dos trabalhos realizados pelos alunos, todos de captação própria.

Fig. 66: UT Estudo da figura humana / Reconhecimento, Carina



Fig. 67: UT Estudo da figura humana / Reconhecimento, Iara



Fig. 68: UT Estudo da figura humana / Reconhecimento, Patrícia



Fig. 69: UT Estudo da figura humana / Reconhecimento, Nuno (1)



Fig. 70: UT Estudo da figura humana / Pormenores, Miguel

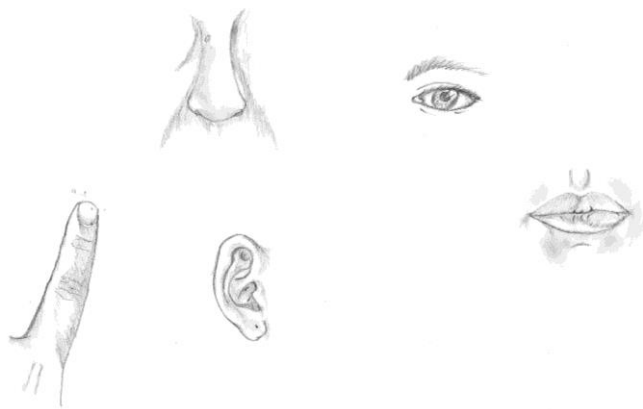


Fig. 71 UT Estudo da figura humana / Pormenores, Nuno (2)

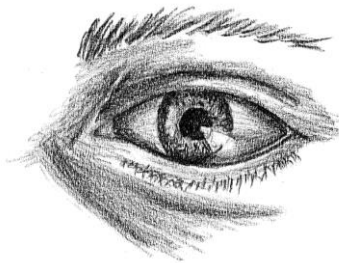


Fig. 72 UT Estudo da figura humana / Pormenores, Igor



### 3.3.6.2 ESTUDOS DE COR

Esta UT corresponde à segunda fase do trabalho relativa ao estudo da figura humana e consiste em utilizar, a partir dos desenhos previamente realizados, diferentes meios colorantes, e efetuar estudos analíticos de cor envolvendo misturas cromáticas, opacidade e transparência (que envolvam a manipulação sistemática do cambiante, da luminosidade e da saturação) e utilizá-los na criação de composições ou padrões visuais.

Apesar da disponibilidade de materiais que a escola dispõe para os alunos utilizarem, a totalidade optou por usar lápis de cor e uma das alunas lápis de cor aguareláveis. Inicialmente, os alunos realizaram experiências com pastel seco, pastel de óleo e aguarelas, que acabaram por abandonar, em detrimento dos lápis de cor, devido à minúcia que os detalhes exigiram.

Esta etapa teve o objetivo de produzir ensaios de cor que seriam utilizados na fase posterior relativa à *transformação*.

No início desta fase de trabalho foi exposto aos alunos uma projeção acerca da temática da *cor* (cf. anexo 13).

A cor é um dos elementos que compõem a linguagem visual, e um dos mais importantes, uma vez que através dela apreendemos uma enorme quantidade de informação. Através da cor e dos seus atributos somos capazes de apreender e compreender o mundo que nos rodeia (por exemplo, as estações do ano, se uma laranja está podre, ou reconhecer determinada bandeira de um país).

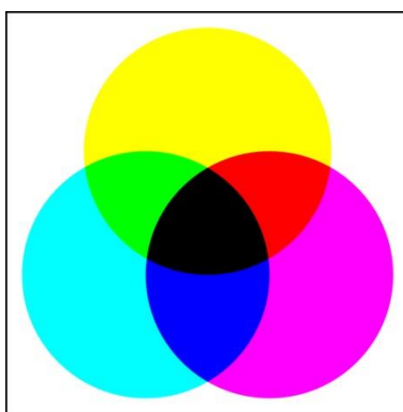
No entanto e fundamentalmente, falar de cor é falar de luz.

Sem luz não há cor.

Aquilo que hoje conhecemos como espectro lumínico foi descoberto pelo físico Isaac Newton, em 1676, em que, através da ajuda de prisma triangular transparente, fez passar um raio de luz branca, obtendo por decomposição as cores do espectro – vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. A esse processo de separação da luz branca nas cores do espectro dá-se o nome de refração.

No processo de mistura de cores, este pode ser de dois tipos: *síntese subtrativa* e *síntese aditiva*. A *síntese subtrativa* ocorre na mistura de cores produzidas por pigmento (como por exemplo as tintas) e tem a designação de *subtrativa* por a cor obtida será sempre uma cor menos luminosa que as suas constituintes, conforme figura 73.

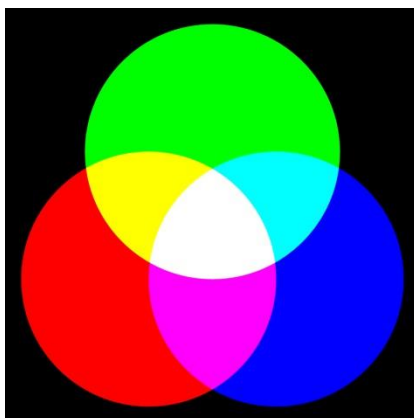
Fig. 73: Síntese subtrativa



(Fonte: Ramos e Porfírio, 2007: 140)

A *síntese aditiva* é o processo de mistura de cores de luzes, como utilizada por exemplo na fotografia, televisão ou simplesmente focos de luz para criar determinado efeito. Neste caso, a partir da combinação das três luzes coloridas primárias – azul-violeta, verde e vermelho – é possível obter outras luzes do espectro; ou seja, da soma de duas a duas, obtém-se uma terceira cor; da soma das três obtém-se o branco (cf. figura 74).

Fig. 74: Síntese aditiva



(Fonte: Ramos e Porfírio, 2007: 141)

As cores possuem três qualidades, ou atributos, que estão subjacentes às suas funções plásticas; são elas o *tom* ou *matiz*, a *luminosidade* ou *valor*, e a *intensidade* ou *saturação*.

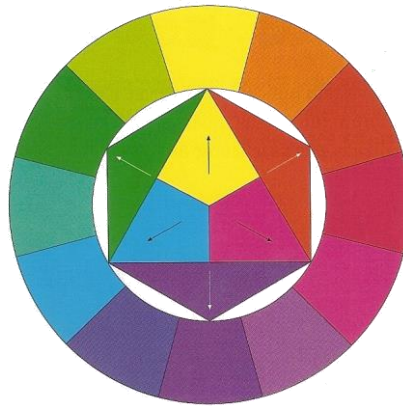
O *tom* refere-se à própria cor, ao que lhe dá o nome. Aos diferentes matizes de uma cor dá-se a designação de tonalidade.

O *valor* está relacionado com o grau de *luminosidade* do *tom*, ou seja corresponde ao grau de claridade ou obscuridade das cores.

A *saturação* corresponde ao grau de pureza do tom, ou seja, podemos afirmar que um tom apresenta a sua pureza máxima ou 100% de saturação quando não se juntou a cor branca ou preta. Assim, inversamente, ao adicionar branco ou preto ao tom, vamos diminuir o seu grau de saturação, ao aclarar ou escurecer o tom.

A coordenação dos conhecimentos sobre a cor, levou à sua organização em sistemas, sendo o mais utilizado, o *círculo cromático*. O círculo cromático pode ser dividido em maior ou menor número de cores, no entanto é sempre disposto em três níveis: no primeiro são inscritas as cores primárias, entre as quais são localizadas as cores secundárias e, entre estas, as cores terciárias.

Fig. 75: Círculo cromático



(Fonte: Modesto, Alves & Ferrand, 2007:29)

As cores *primárias* – amarelo, azul-ciano e magenta – são as cores que não se obtêm por mistura de outras cores.

As cores *secundárias* – verde, violeta e vermelho – são as cores obtidas pela mistura em partes iguais de duas cores primárias.

Finalmente, as cores terciárias – verdes, violetas e laranjas – são cores obtidas pela mistura de uma cor primária com uma cor secundária, que resulta em seis novas tonalidades diferentes.

Para além destas, existem ainda as cores *complementares*, que são aquelas que, no círculo cromático, se localizam no ponto diametralmente oposto.

Por último, temos aquelas que não são representadas no círculo cromático, por não serem consideradas cores – o branco, mistura de todas as cores e o preto, ausência de cor – e que se designam por *cores neutras*. As cores neutras, quando misturadas a determinados tons, têm a capacidade de alterar o seu tom ou saturação.

As cores têm ainda a capacidade de transmitir sensações térmicas, ou seja, de quente ou frio. Estas sensações podem verificar-se tanto nas artes plásticas, como em ambientes. A distinção entre *cores frias* e *cores quentes* está relacionada com a intensidade luminosa, ou seja, as cores quentes ligadas à luz, ao dia, ao sol e as cores frias à luz noturna, ao arrefecimento. Assim, e segundo esta classificação, podemos dividir o círculo cromático em duas partes,

considerando o lado vermelho-laranja as cores quentes e o lado azul-ciano-verde o das cores frias.

Quando falamos de cor é necessário ainda referir dois conceitos que se encontram interligados, e são eles o *contraste* e a *harmonia*. O *contraste* é uma forma de estabelecer relações entre as cores, seja de aproximação, de claro-escuro, de complementares, ou de quente-frio. Assim, quando aproximamos duas cores vizinhas no círculo cromático, por exemplo o laranja e o vermelho ou dois tons da mesma cor, estas criam uma relação de *harmonia*. O que não significa, no entanto, que um contraste de complementares não possa criar uma relação igualmente harmoniosa, o que aliás acontece frequentemente em publicidade.

Passando das características e sensações físicas da cor, importa também referir o seu *significado simbólico* que, para além de representar uma ajuda na vida prática do nosso dia-a-dia (por exemplo na sinalização de trânsito) e associada a convenções reconhecidas mundialmente (bandeiras), pode transmitir sensações psicológicas. A simbologia das cores está fortemente relacionada com os valores culturais de cada povo e varia de região para região (veja-se por exemplo, o preto na cultura Ocidental representa luto e está associado à morte, enquanto nas culturas Orientais, como a China ou Japão, o luto é associado à cor branca, à leveza, pureza).

No entanto, para além destas variações culturais podemos encontrar aspetos comuns no que concerne à simbologia das cores:

- o azul evoca o espaço, o céu, o infinito, o imaginário, transmitindo uma sensação de pureza, tranquilidade, equilíbrio;
- o amarelo diretamente relacionado com a luz, cor do sol que gera a vida, é expansivo e estimulante, é também utilizado para simbolizar perigo, advertência;
- o vermelho é a cor com maior saturação, aquela que mais distinguimos e está associada a sensações diversas como perigo, paixão, revolta, proibição, calor.
- o violeta, também considerado o equilíbrio entre o azul e o vermelho é uma cor relacionada com esoterismo, transformação espiritual, penitência, mistério;

- o verde, associado à natureza, frescura, simboliza saúde, esperança, juventude e bem-estar;
- o branco e o preto, devido à polaridade que os caracteriza tanto podem simbolizar o começo como o fim. O branco representa pureza e expectativa, o nada antes do começo, a paz, a inocência, enquanto a cor preta evoca a noite, o inconsciente, a tristeza.

No âmbito das artes visuais, a cor desempenha um papel fundamental, pelo seu valor estético, simbólico ou pragmático. Apesar de, nas manifestações artísticas as cores assumirem um papel subjetivo, que varia em função de interesses pessoais, estas exercem diversos efeitos sobre o espectador: de atração, chamar à atenção, de expressão, diversas emoções que transmitem e de construção, uma vez que o seu significado adquire um valor simbólico.

Pretendia-se que os alunos considerassem estes saberes na realização das suas experimentações plásticas. Nesta fase do trabalho, ainda não foi notória a influência da cor; no entanto, na etapa seguinte, de *transformação*, a maioria dos trabalhos alcançou os objetivos de aplicação da cor como valor expressivo.

Abaixo encontram-se algumas imagens, de captação própria, que fui recolhendo ao longo das aulas.

Fig. 76: UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Ruben



Fig. 77: UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Nuno

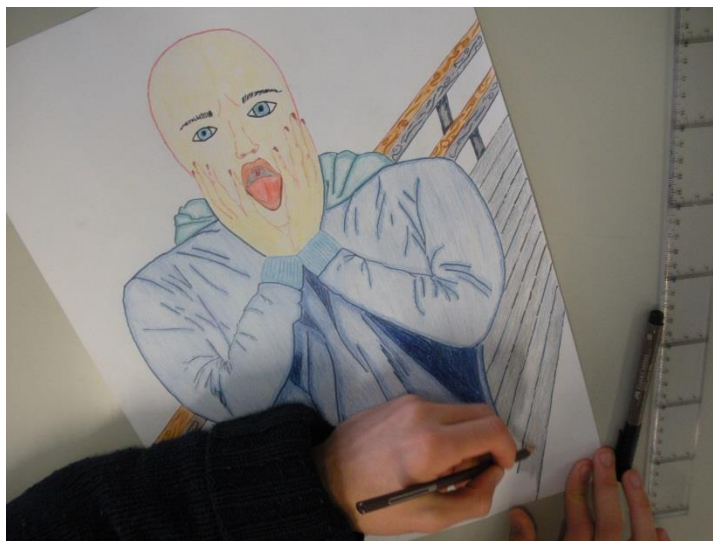


Fig. 78: UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Patrícia

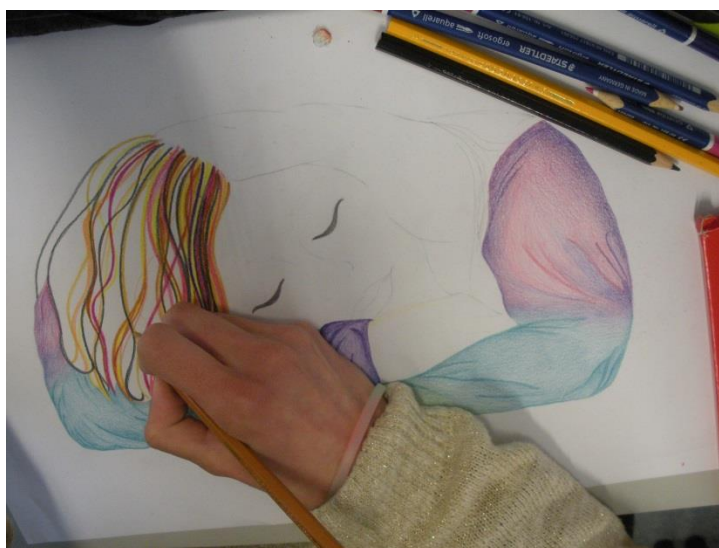


Fig. 79: UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Mariana

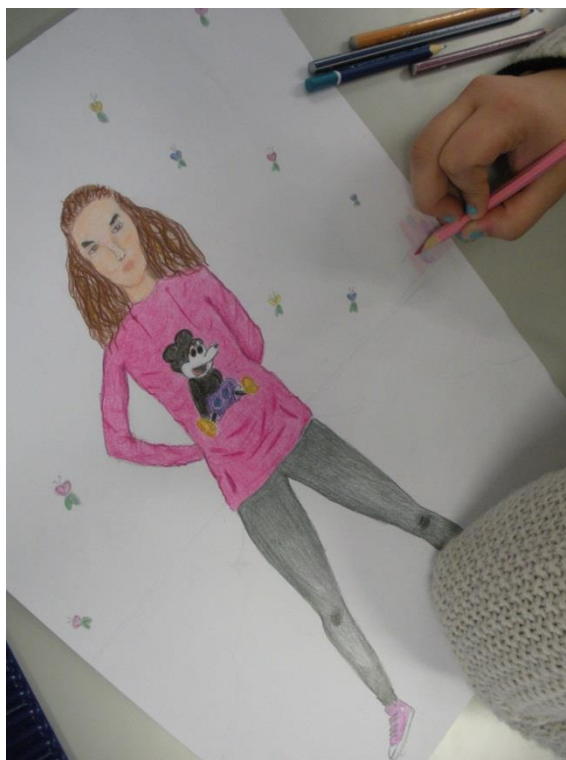


Fig. 80: UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Vanessa



Fig. 81: UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Carina



Fig. 82: UT Estudo da figura humana / Estudos de cor, Miguel



### 3.3.6.3 TRANSFORMAÇÃO

Para a terceira e última fase da UT relativa ao estudo da figura humana pretendia-se que os alunos, a partir dos desenhos / estudos previamente realizados com base em obras de arte reconhecidas e visionamento do documentário “Lixo Extraordinário” de Vik Muniz, criassem de uma nova obra de

arte em formato 50x66cm recorrendo à utilização de materiais alternativos / não convencionais.

Os conteúdos envolvidos foram os Materiais, Sintaxe, Procedimentos e Sentido.

Já realizada a fase de desenho e estudos de cor, importava agora a concretização expressiva de um trabalho que envolvesse alguns dos conteúdos até ali abordados, tais como: a *percepção*, por se tratar de uma tarefa personalizada e individual resultante das experiências de vida de cada sujeito que, no campo do desenho, e aliada à noção de *gesto*, permite-nos distinguir a expressividade de cada indivíduo; e a *cor* que, não só por ser um dos elementos visuais que nos acompanha permanentemente, em arte assume um papel predominante na obtenção de resultados expressivos.

Para além dos aspetos já mencionados, pretendia-se também que os alunos utilizassem o *material* (neste caso o material *atuante*, uma vez que os *suportes* foram comuns a todos os alunos e indicados pela professora) de forma a *transformar* as experimentações realizadas na primeira e segunda etapas, em novas criações artísticas, tendo por referência a obra do artista Vik Muniz.

Neste sentido, foi apresentada à turma uma projeção que contemplou uma breve biografia de Vik Muniz e alguns exemplos das suas obras (cf. anexo 14). A apresentação levou os alunos a refletir sobre inúmeras possibilidades de criação expressiva que os materiais permitem e elucidar sobre aquilo que se pretendia para esta UT.

O ato de *expressar* pode ser entendido como o uso de palavras ou gestos para transmitir uma ideia; ou seja, algo físico, concreto que traduz conceitos, ideias (imaterial).

Para tal, o artista mune-se de instrumentos que lhe permitem essa tradução da ideia para a realidade, por exemplo um escritor poderá utilizar papel e caneta e um pintor uma tela, tinta e pincéis.

Ao analisarmos o percurso do homem no mundo, verificamos que este desde sempre teve necessidade de exteriorizar e comunicar o que sente e pensa. O percurso de vida e evolução do indivíduo e das culturas projeta-se em factos,

objetos, marcas que são registadas e permanecem materializadas sob diversas formas.

Deste modo, à arte estão associadas metodologias, técnicas, instrumentos e suportes que foram evoluindo através dos tempos.

Na base das artes visuais está o mecanismo da visão, o cérebro e as mãos.

É com a mão que fazemos os gestos de desenhar, pintar, esculpir, entre muitos outros. Os instrumentos surgem então como objetos que fazem o prolongamento das mãos, facilitando a expressão das ideias.

Manipulados pelo homem, os instrumentos fazem o registo das ideias, materializando visualmente o pensamento.

Assim, os instrumentos artísticos vão desde o lápis ao computador, passando por uma infinidade de objetos vocacionados para riscar, pintar, cortar, de acordo com a finalidade a alcançar.

Os materiais associados às artes visuais são muito variados e vão desde os ligados ao domínio bidimensional do desenho e pintura, como riscadores e tintas, aos ligados às técnicas de impressão como papéis, telas, linóleos, madeiras, assim como os associados ao domínio tridimensional - barro, gesso, metais, entre outros.

No séc. XX a noção de instrumento, material e suporte artístico alargou-se com a alteração e a integração de novos conceitos na arte. Assim, o próprio corpo humano passa a ser considerado *material e suporte*, como é exemplo a *body art*, ou *arte do corpo*. Objetos já existentes, que foram tirados do seu contexto habitual e integrados no domínio artístico, como os *ready-made* dos grupos Dada e Surrealista, são também exemplos de novas e revolucionárias aceções dos termos suporte e material.

Como exemplo desta diversidade do uso dos materiais na criação artística, e no âmbito do cumprimento dos *Objetivos do Milénio* (cf. anexo digital 4) pela ESL, onde refere a *promoção da qualidade de vida e respeito pelo meio ambiente*, considereei pertinente usar a obra de Vik Muniz como referência.

Vik Muniz é um artista plástico brasileiro, nascido em São Paulo, em 1961, e radicado em Nova Iorque. As suas obras caracterizam-se pelo recurso a

matérias pouco usuais em conjugação com o médium fotográfico. As fotografias são *esculpidas*, *redesenhadas* e *reproduzidas* com algodão, terra, açúcar, chocolate e até caviar e diamantes.

Como temas, Vik *apropria-se* de imagens conhecidas da história da arte, de artistas como Pollock, Courbet, Andy Warhol, Leonardo da Vinci, entre muitos outros. A destreza com que Vik reproduz estas imagens contrasta com os materiais que utiliza para o efetuar.

As imagens abaixo retratam alguns exemplos da obra de Vik Muniz e foram retiradas do website oficial do artista (<http://vikmuniz.net/>).

Fig. 83: Vik Muniz, *Dupla Mona Lisa (Depois de Warhol)*, 1999



Fig. 84: Vik Muniz, *Autorretrato*, 2003



Fig. 85: Vik Muniz, *Criança de Açúcar*, 1996



Fig.86: Vik Muniz, *Pintura com Chocolate*, 1997



Fig. 87: Vista da exposição *Vik*, Museu Berardo, 2011



Esta etapa da UT decorreu de forma extremamente satisfatória. Os alunos mostraram-se empenhados, motivados e divertidos na realização do mesmo, o que se refletiu diretamente nos resultados dos trabalhos por eles realizados.

Para esta etapa, pela diversidade das propostas apresentadas, optei por colocar imagens de todos os trabalhos realizados pela turma. As imagens são de registo fotográfico próprio.

Fig. 88: UT Estudo da figura humana / Transformação  
Carina, Lã s/ cartolina, a partir da obra *Mulheres nuas ao ar livre*, Otto Mueller (1920)



Fig. 89: UT Estudo da figura humana / Transformação,  
Filipa, Purpurinas s/ cartolina, a partir da obra *O longo vestido azul*, Henri Matisse (1937)



Fig. 90: UT Estudo da figura humana / Transformação,  
Iara, Açúcar e pigmento s/ cartolina, a partir da obra *Mulher em frente ao espelho*, Picasso (1932)



Fig. 91: UT Estudo da figura humana / Transformação  
Igor, Chocolate negro s/ cartolina, a partir da obra *Pierrot*, Picasso (1918)



Fig. 92: UT Estudo da figura humana / Transformação  
Jéssica, Massa e algodão s/ cartolina, a partir da obra *Menina com pomba*, Picasso (1901)



Fig. 93: UT Estudo da figura humana / Transformação  
Mariana, saís de banho s/ cartolina, a partir da obra *Retrato de Mada Primavesi*, G. Klimt (1912)

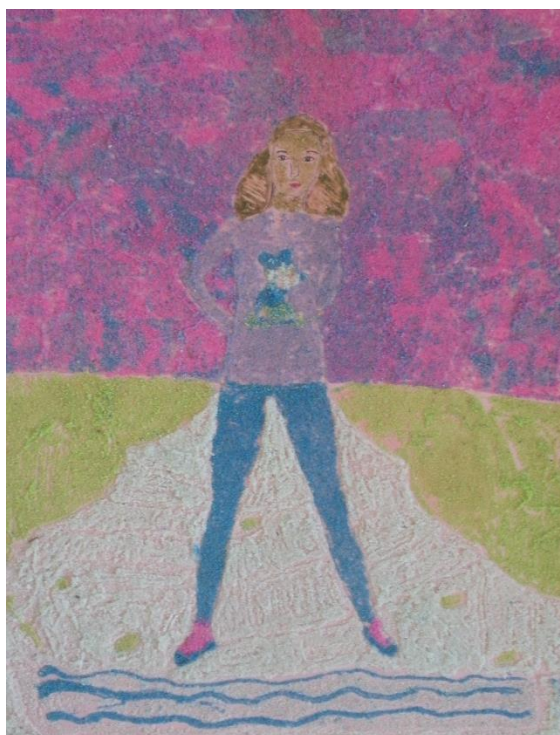


Fig. 94: UT Estudo da figura humana / Transformação  
Miguel, Açúcar s/ cartolina, a partir da obra *Friso de Beethoven*, G. Klimt (1902)



Fig. 95: UT Estudo da figura humana / Transformação  
Mónica, Chocolate branco s/ cartolina, a partir da obra *Mulher à janela*, Salvador Dali (1925)



Fig. 96: UT Estudo da figura humana / Transformação  
Nuno, papel s/ cartolina, a partir da obra *O grito*, Edvard Munch (1893)

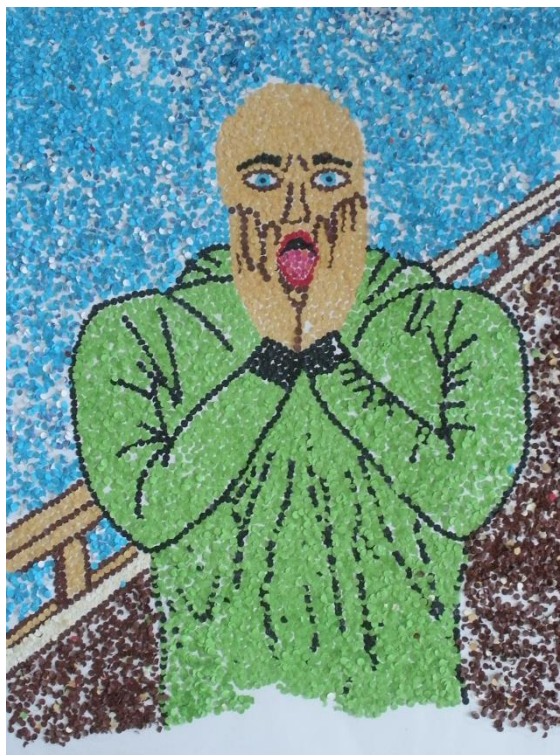


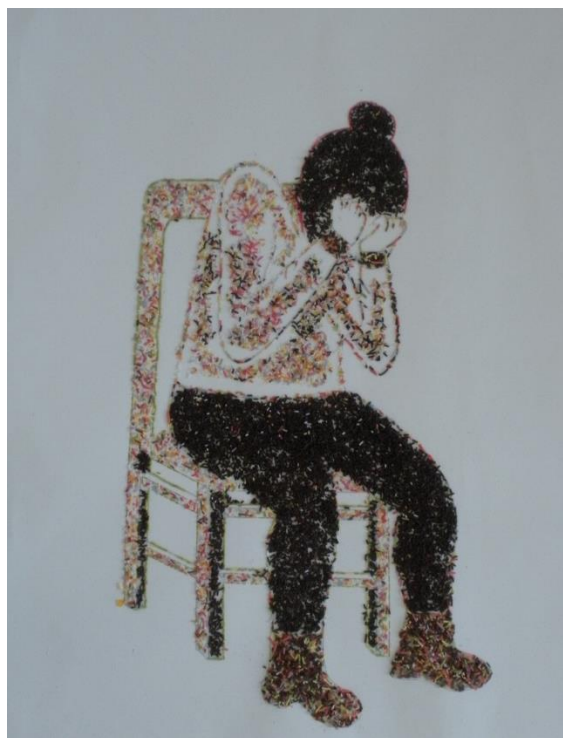
Fig. 97: UT Estudo da figura humana / Transformação  
Patrícia, *clips* s/ cartolina, a partir da obra *Jeune fille endormie*, Picasso (1935)



Fig. 98 UT Estudo da figura humana / Transformação  
Ruben, aparas de lápis s/ cartolina, a partir da obra Girafa em chamas, Salvador Dali (1937)



Fig. 99: UT Estudo da figura humana / Transformação  
Vanessa, granulado de chocolate s/ cartolina, a partir da obra *Old man in sorrow*, Van Gogh (1980)



### 3.3.7 ENSAIOS DE PERSPETIVA

A UT de *ensaios de perspetiva*, desenvolveu-se a partir da décima primeira aula do terceiro período letivo e até ao seu final, tendo uma duração de quarenta tempos letivos, 30 horas.

Esta UT, tal como a anterior, subdividiu-se em três etapas de trabalho: claro-escuro; alternância figura-fundo; e composição livre (cf. anexo 15).

Assim, foi entregue à turma a respetiva ficha de trabalho da UT (v. anexo 16) e exposta uma projeção acerca da temática da perspetiva (cf. anexo 17) com o objetivo que no final os alunos fossem capazes de representar à mão livre objetos e espaços propícios à deteção de pontos de fuga e linha de horizonte.

A representação rigorosa de um determinado objeto no espaço bidimensional, requer o conhecimento de alguns processos, normas, técnicas e meios adequados. Deste modo, a *perspetiva* irá auxiliar o artista no modo como este irá ordenar as formas, numa superfície, de modo a criar uma representação coerente.

A perspetiva é uma forma de representar o mundo que nos rodeia numa superfície plana; sendo um dos aspetos que nos permite a perceção visual do espaço e objetos nele contidos, pelo olho humano. Depende de um determinado ponto de vista e das condições do observador.

A perspetiva, neste caso, corresponde a como o ser humano apreende visualmente seu ambiente, sendo confundida com a ilusão de ótica. Por exemplo, as linhas paralelas de uma estrada, relativamente ao observador, parecerão afunilar-se e tenderão a se encontrar na linha do horizonte.

Assim, a perspetiva é utilizada para representar a noção de espaço tridimensional, num espaço bidimensional.

No entanto, para além dos sistemas de representação rigorosos da perspetiva (tais como perspetiva cónica, axonométrica ou cavaleira), pode-se ainda recorrer a outras técnicas, para criar a noção de profundidade no plano, tais como: a utilização do valor claro-escuro, a variação das dimensões das formas, a sobreposição de formas e ainda a gradação de cor e/ou textura.

A figura 100 capta a *encenação* dos modelos utilizados na sala de aula, para desenho à vista, utilizados nesta UT.

Fig. 100: Modelos para desenho à vista



Os trabalhos elaborados pelos alunos nesta etapa foram, como já referido, realizados a partir de modelo à vista.

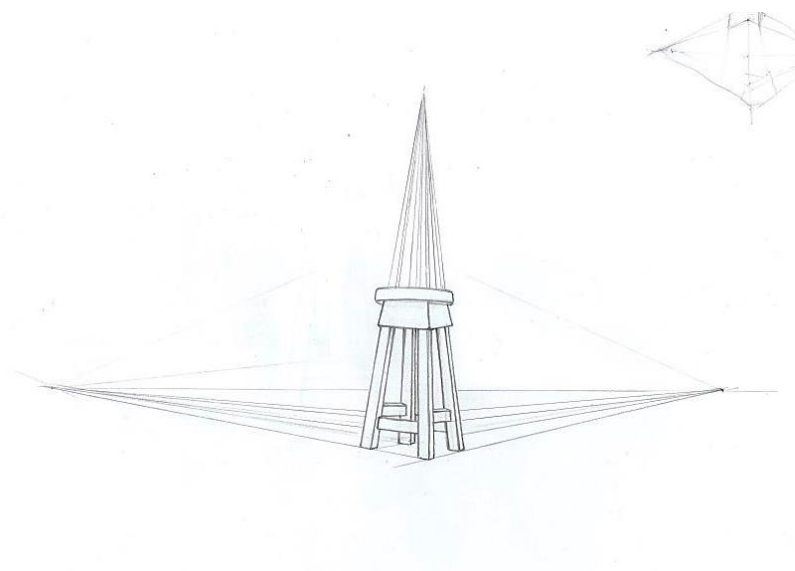
Assim, foi proposta a representação gráfica do modelo tendo em conta proporções, volumetria e perspetiva frontal, com um, dois ou três pontos de fuga.

Na representação de objetos com recurso à perspetiva frontal com pontos de fuga podemos observar algumas características:

- os objetos parecem manter a sua forma, mas diminuem de tamanho à medida que se afastam do observador;
- todas as linhas perpendiculares à linha de terra convergem para um ponto de fuga comum;
- as linhas paralelas à linha de terra continuam a sê-lo na perspetiva;
- o efeito de altura sobre figuras planas horizontais, provoca o seu achatamento.

Na figura 101, podemos observar um exemplo da aplicação da perspectiva frontal com pontos de fuga, num dos trabalhos realizados por uma aluna no âmbito da UT.

Fig. 101: UT Ensaios de perspectiva, Patrícia



### 3.3.7.1 CLARO-ESCURO

Para esta etapa da UT, já com algumas noções adquiridas relativas à perspectiva, pretendeu-se que os alunos realizassem a representação à mão livre, e à vista, de uma composição objeto/panejamento (fig. 100), tendo em conta valores formais, de claro-escuro, volume e recorrendo à utilização de diferentes suportes e meios atuantes.

Os suportes utilizados foram papel cavalinho, cenário e craft de diversos formatos; os materiais riscadores foram lápis e/ou barra de sépia ou sanguínea, preto, branco e sanguínea, aparos e pincéis. Os aparos utilizados, tiveram a particularidade de terem sido feitos manualmente, em cana, por um professor da ESL, conforme se pode observar na figura 102.

Fig. 102: Exemplos de aparos utilizados pelos alunos



Os conteúdos envolvidos nesta UT foram Materiais, Procedimentos, Síntaxe e Sentido.

O principal objetivo desta etapa foi que os alunos conseguissem transmitir a tridimensionalidade dos objetos com recurso ao emprego da mancha e da sombra, apercebendo-se das mudanças de tonalidade de luz e de sombra, também designadas de *valores tonais*.

Ao incidir a luz sobre determinado objeto, os *valores tonais* permitem-nos apercebermo-nos de formas tridimensionais, através das diferentes tonalidades de luzes e de sombras.

Deste modo, torna-se pertinente perceber os fatores que condicionam o desenho de sombreamento, sendo eles:

- a *direção da luz* – frontal, lateral, contraluz, entre outros;
- a *quantidade de luz* – intensa, ténue;
- a *qualidade da luz* – natural, artificial, direta, difusa.

No seguimento desta lógica, podemos afirmar ainda que a luz ao cair sobre os objetos, irá produzir sombra, definindo assim outros aspetos, tais como:

- o *claro* – zona onde a luz cai diretamente sobre o objeto, logo mais iluminada;
- a *sombra projetada* – sombra mais escura produzida pelo objeto ao bloquear a fonte de luz;

- a *sombra própria* – área de sombra que pertence ao próprio modelo;
- a *penumbra* – área de tonalidade intermédia, situada entre uma zona de luz e de sombra
- o *escuro* – área de sombra mais intensa.

Abaixo apresento algumas imagens (de captação própria) dos trabalhos dos alunos, selecionadas de acordo com a diversidade de exemplos representativos da UT.

Fig. 103: UT Ensaios de perspetiva / Claro-Escuro, Nuno



Fig. 104: UT Ensaios de perspetiva / Claro-Escuro, Ruben (1)



Fig. 105: UT Ensaios de perspectiva / Claro-Escuro, Filipa (1)



Fig. 106: UT Ensaios de perspectiva / Claro-Escuro, Miguel



Fig. 107: UT Ensaios de perspectiva / Claro-Escuro, Mariana



Fig. 108: UT Ensaios de perspectiva / Claro-Escuro, Patrícia



Fig. 109: UT Ensaios de perspectiva / Claro-Escuro, Mónica



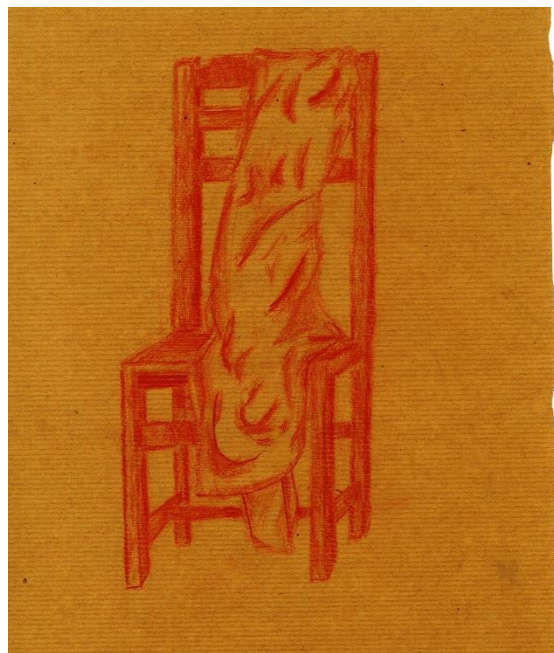
Fig. 110: UT Ensaios de perspectiva / Claro-Escuro, Filipa (2)



Fig. 111: UT Ensaios de perspectiva / Claro-Escuro, Ruben (2)



Fig. 112 UT Ensaios de perspectiva / Claro-Escuro, Ruben (3)



### 3.3.7.2 ALTERNÂNCIA FIGURA-FUNDO

Para a segunda etapa da UT *ensaios de perspectiva*, pretendia-se que os alunos, a partir de desenhos previamente realizados, criassem ensaios gráficos baseados numa redução à oposição figura-fundo e diferentes possibilidades da sua alternância perceptiva.

Para entender a relação figura-fundo, importa perceber que tudo o que vemos e possui forma é percebido nesta espécie de relação. Assim, a forma é usualmente compreendida como ocupando um espaço; e o fundo aquilo que fica por trás/ao redor da forma, ou seja, a figura destaca-se do fundo pelo recorte do seu contorno e assim somos levados a identificar e separar os dois elementos.

No entanto, a forma pode não ser só apreendida como a ocupação de um espaço, mas também como um espaço vazio circundado por um espaço ocupado, designando-se assim, de forma *positiva* ou *negativa*, respetivamente.

No desenho a preto e branco, em geral, tendemos a considerar o preto como espaço *ocupado* e o branco *não ocupado*, ou seja, a forma preta o espaço *positivo* e a branca o *negativo*. Porém, para o exercício em questão, tais atribuições não são verdadeiras.

Neste seguimento, pretendeu-se que os alunos deixassem a forma em branco e preenchessem o fundo com preto, criando esta relação entre figura-fundo / positivo-negativo, conforme se pode ver nas imagens dos trabalhos realizados pelos alunos (fig. 113-116).

Apesar de parecer um exercício simples, pela ambiguidade desta relação, os alunos em geral, revelaram algumas dificuldades na realização do trabalho.

Fig. 113: UT Ensaios de perspectiva / Figura-Fundo, Patrícia

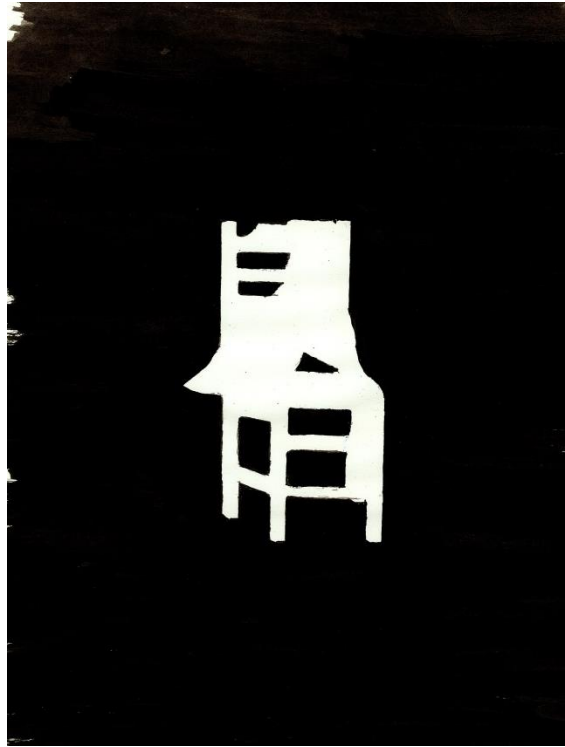


Fig. 114: UT Ensaios de perspectiva / Figura-Fundo, Jéssica

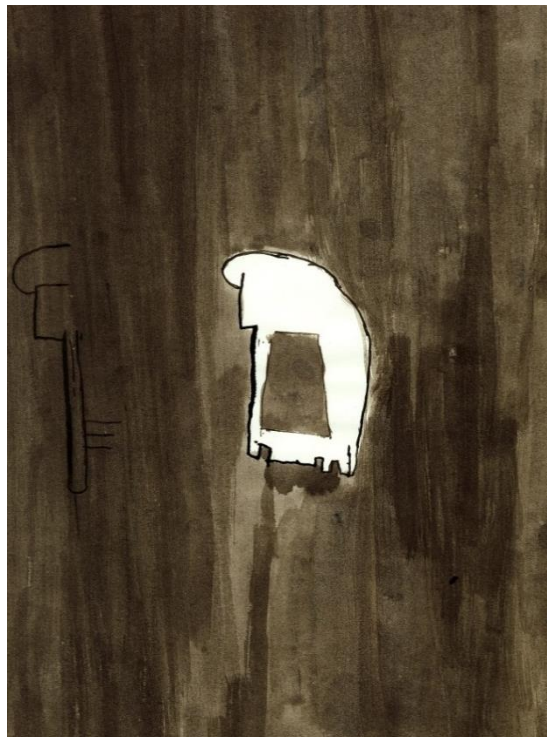


Fig. 115: UT Ensaios de perspectiva / Figura-Fundo, Mariana



Fig. 116: UT Ensaios de perspectiva / Figura-Fundo, Igor



### 3.3.7.3 COMPOSIÇÃO LIVRE

Nesta última etapa da UT, pretendia-se que os alunos, a partir dos estudos de *ensaios de perspetiva* previamente realizados e dos conceitos adquiridos, realizassem uma composição livre recorrendo a diversos materiais e que incluísse a técnica de sopro com palhinha.

Para esta etapa, por se tratar de uma composição *livre*, não foram dadas muitas indicações aos alunos, para além de que deveria conter algumas referências às etapas anteriores e a técnica a utilizar.

Uma vez que esta etapa final coincidiu também com o término do ano letivo foi bastante difícil manter os alunos concentrados no objetivo proposto, pelo que os resultados foram bastante dispersos.

No entanto, devido às características da técnica de sopro com palhinha, a adesão foi total e os resultados plasticamente muito interessantes, daí a minha opção por manter esta etapa no relatório, ressaltando porém que acabaram por não seguir nenhuma linha proposta.

Abaixo coloco algumas imagens de exemplos dos trabalhos de *composição livre* realizados pelos alunos, de captação própria, terminando assim a descrição das UT desenvolvidas ao longo do meu percurso de estágio na ESL.

Fig. 117: Composição livre Nuno (1)



Fig. 118: Composição livre Carina

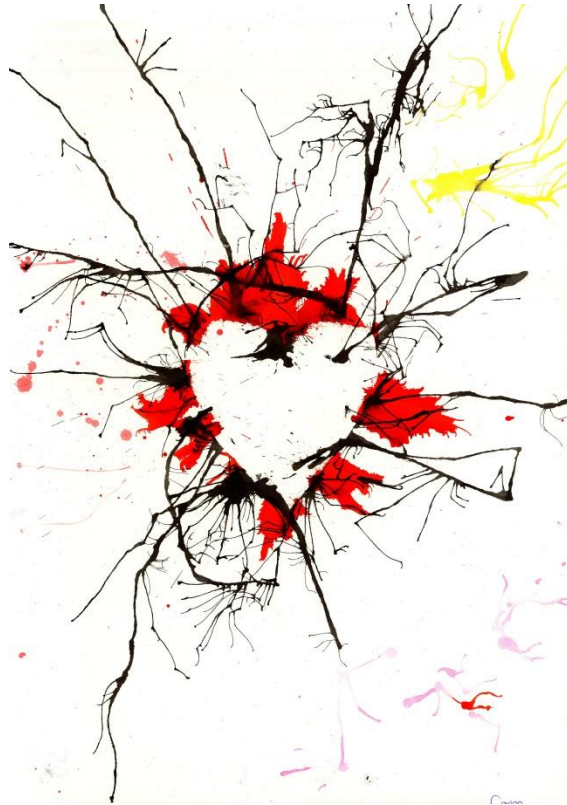


Fig. 119: Composição livre Miguel

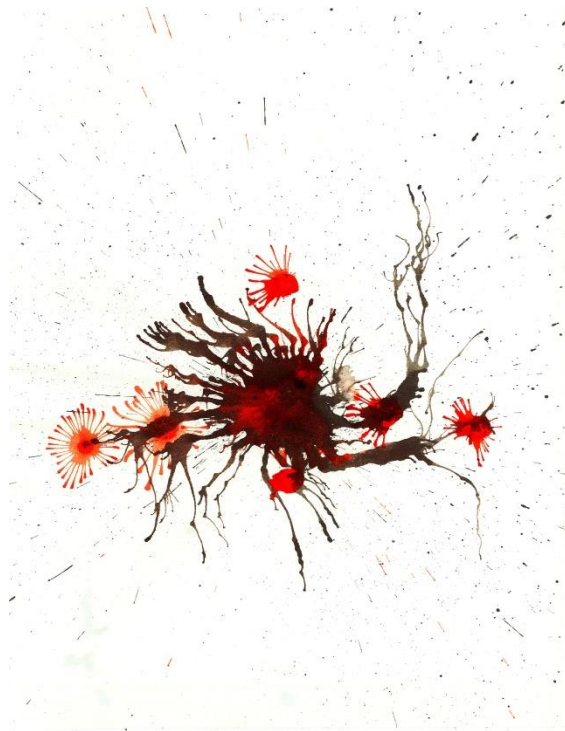


Fig. 120: Composição livre Patrícia (1)

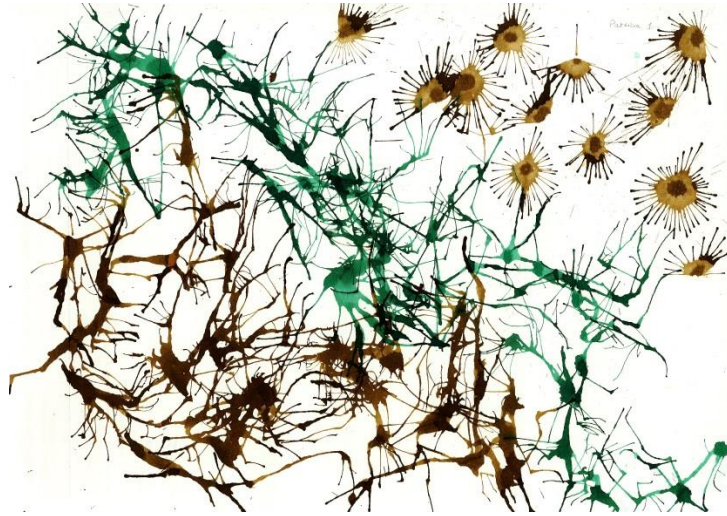


Fig. 121: Composição livre Nuno (2)

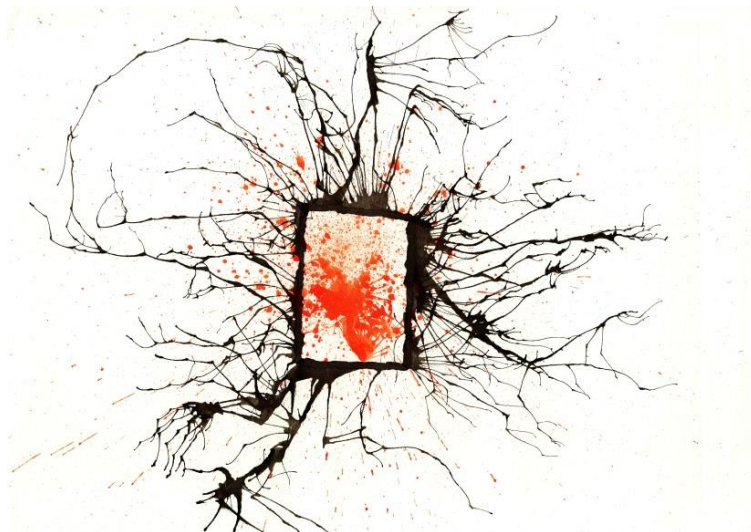


Fig. 122: Composição livre Mariana

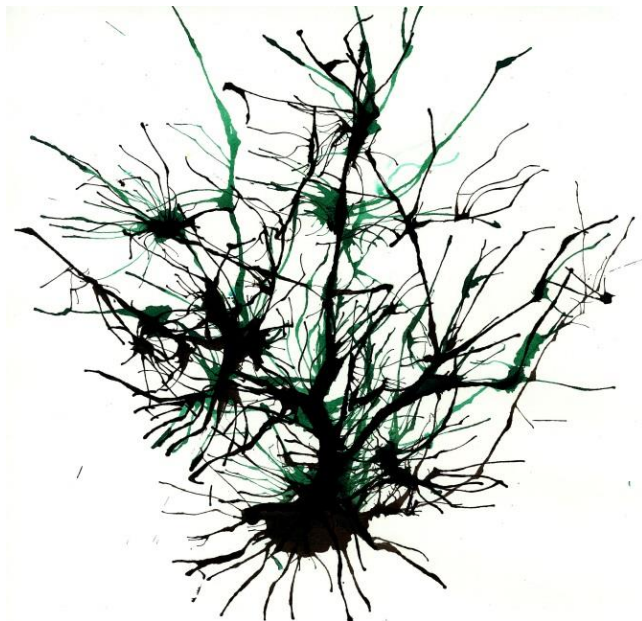
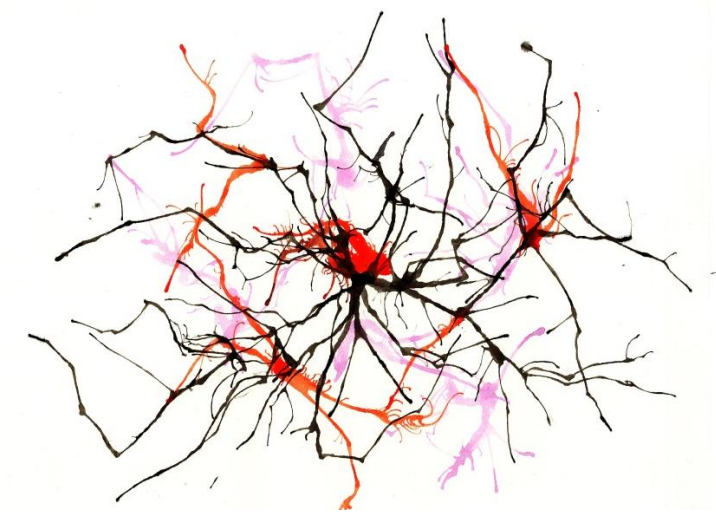


Fig. 123: Composição livre Patrícia (2)



Fig. 124: Composição livre Filipa



### 3.4 AVALIAÇÃO

A avaliação das aprendizagens dos alunos foi, para mim, um processo difícil, tendo em conta a subjetividade inerente ao processo artístico. No entanto, e segundo as muito úteis diretrizes propostas pelo Ministério da Educação, é possível reunir um conjunto de domínios a avaliar, que permitem não só estruturar e aferir a experiência da aprendizagem, como também constituem uma forma de ensaio crítico a explorar com os alunos.

A definição dos critérios de avaliação foi realizada conjuntamente com a professora coordenadora e, como ação contínua que desempenha, teve um carácter formativo e sumativo.

Para todas as UT foram objeto de avaliação:

- a aquisição de conceitos (5%);
- a concretização de práticas (70%)
- o desenvolvimento de valores e atitudes (10%)

Quanto à aquisição de conceitos foram considerados os domínios e aplicação de conceitos e vocábulos específicos do *desenho*.

Na concretização das práticas, avaliaram-se as capacidades técnicas e capacidades criativas.

Relativamente ao desenvolvimento de atitudes e valores foram objeto de avaliação, a assiduidade/pontualidade, autonomia, cooperação, participação, integração e cumprimento dos prazos de entrega dos trabalhos.

Optou-se ainda por atribuir um valor de 15% à UT Diário Gráfico, que se distribuía entre a verificação semanal da utilização do mesmo e a sua concretização prática.

Os domínios a avaliar foram conformes a proposta do Ministério da Educação (apresentados no capítulo 2.3).

Foram utilizadas grelhas de observação de aula para cada aula (v. anexo 18), em que se utilizou uma escala qualitativa com as seguintes correspondências quantitativas: Muito Bom/Excelente (correspondente a 17-20 valores); Satisfaz Bastante (correspondente a 14-16 valores); Satisfaz (correspondente a 10-13 valores); e Insuficiente (correspondente a 0-9 valores).

Conforme a alínea e) do Currículo Especifico Individual, a aluna com NEE teve uma avaliação diferenciada/adaptada, cuja grelha de registo de avaliação correspondente aos três períodos letivos (v. anexo 19).

As grelhas de registo de avaliação correspondentes ao 1º, 2º e 3º períodos encontram-se em anexo (anexo 20, 21 e 22 respetivamente).

Para todas as UT foi também solicitado aos alunos que efetuassem a sua autoavaliação, tentando sempre em diálogo com a turma auscultar os fundamentos apresentados pelos mesmos e relacionar com as informações de avaliação já recolhidas pelas professoras.

Para finalizar, reitero a dificuldade que foi e é para o professor avaliar os trabalhos produzidos nas aulas pela carga subjetiva envolvida, pois:

“...mais do que qualquer outra actividade de despertar, a educação artística faz intervir a totalidade da pessoa: inteligência, sensibilidade, afectividade, são integradas no acto de criação ou no acto de contemplação”.

(Besth in Ferraz e Fusari, 1991:10)

Deste modo, eventualmente pode-se incorrer em falta de equidade quando se avaliam aprendizagens com tal subjetividade. O professor terá o difícil exercício de se afastar de preconceitos estéticos, culturais e pessoais para ser o mais imparcial e justo possível, procurando sempre desenvolver as potencialidades dos alunos e assumir-se como um reforço positivo das mesmas.

Neste sentido, e por ser um assunto já fora do âmbito desta análise, remeto em anexo (v. anexo digital H) um estudo anteriormente realizado na disciplina de Psicologia de Educação onde efetuei uma reflexão acerca dos processos psicológicos presentes na educação, concretamente na relação professor-aluno, através da abordagem psicanalítica, tendo como ponto de partida o contributo de Sigmund Freud e percorrendo algumas contribuições mais recentes (tais como Vítor Franco e Maria A. Morgado).

No centro desta análise encontra-se a figura do professor enquanto sujeito e, simultaneamente, enquanto elemento fundamental para a educação do aluno. Enquanto “professora-sujeito” fui confrontada com situações pertinentes no âmbito desta análise e na minha perspetiva, considero que a psicanálise pode constituir uma proposta interessante na contribuição para a qualidade do processo ensino-aprendizagem (argumento que não desenvolverei no âmbito da escrita do relatório).



#### **4. A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO PELA ARTE**

Como já mencionado na introdução, este capítulo surge da necessidade em dar resposta a um interesse pessoal, acerca da importância das artes na educação e em compreender as razões que levam os alunos a escolher a área de ensino.

Este é um tema que já mereceu a minha atenção no passado e que foi reforçado na atividade pedagógica desenvolvida no estágio.

Aquando da aplicação e análise dos resultados dos inquéritos aos alunos, verifiquei que três dos alunos responderam que escolheram a área porque consideraram ser mais fácil completar o 12º ano; dois alunos porque tinham amigos no mesmo curso; e dois alunos que tomaram a sua decisão por não haver outro curso em alternativa. No mesmo inquérito, cinco alunos referiram ainda que frequentavam a escola por obrigação. Quanto à profissão que gostariam de exercer no futuro, uma das alunas referiu “psicóloga criminal”. Ora estas respostas deixam-me pessoalmente ansiosa, uma vez que estes jovens serão os adultos de amanhã. E o que estamos nós (sociedade) a fazer por eles?

Neste sentido procurei encontrar algumas respostas que possam contribuir para uma intervenção, que considero necessária, na vida dos nossos jovens.

Tendo em conta a proposta da Lei de Bases do Sistema Educativo que introduz uma maior flexibilidade e diversidade nas escolhas educativas a efetuar ao longo do ensino secundário, é essencial criar modalidades eficazes de apoio aos processos psicológicos de escolha e tomada de decisão dos adolescentes.

Essas modalidades não só permitem integrar estratégias para os jovens como incluem a participação e intervenção das principais figuras e identidades que participam na definição e organização do projeto vocacional desses jovens tais como pais, professores, pares e agentes educativos diversos.

A caracterização de um perfil individual e motivacional, que permita identificar os fatores conducentes a uma formação em Artes Visuais é relevante.

Educar vem do latim “educere”, verbo composto do prefixo “ex” (fora) e “ducere” (conduzir, levar), que significa literalmente ‘conduzir para fora’, ou seja, preparar o indivíduo para o mundo. Assim, educação consiste no conjunto de

valores e normas instilados em cada indivíduo visando orientá-lo, formá-lo, com o objetivo da integração em sociedade.

A palavra arte vem do latim “ars”, que por sua vez corresponde ao termo grego “tékne” e significa técnica, habilidade; é geralmente entendida como uma atividade humana ligada a manifestações de ordem estética. Desde o início da história da humanidade, a arte tem sido uma prática e uma realidade em todas as manifestações culturais. Há alguns séculos que são dados contributos reflexivos para o binómio educação e arte. Esses contributos são reconhecidos a filósofos e pedagogos, tais como Platão, Rousseau e Dewey, e mais recentemente a Herbert Read, Elliot Eisner e, em Portugal, Arquimedes da Silva Santos, entre tantos outros.

Jean-Jacques Rousseau contribuiu significativamente ao perceber o carácter particular da personalidade da criança, ao observar que esta não é um adulto pequeno que vai crescer, mas um ser com necessidades próprias e uma mentalidade adaptada a essas necessidades.

O estudo da arte infantil permitiu a compreensão de características específicas da criança e da sua relação com o mundo; permitiu entender que a sua expressão é essencialmente imaginativa e conceptual.

Através da arte, a criança procura organizar o seu mundo interior e comunicar. Deste modo, a Educação pela Arte não visa criar artistas mas sim permitir que o poder criativo do indivíduo se desenvolva em plena liberdade e possa ter uma influência positiva ao longo da sua vida.

Portugal, ao nível europeu, esteve desde o início ligado à fundação da INSEA (*International Society for Education through Art*), criada em 1954, em Londres, sob inspiração da obra de Herbert Read, “Educação pela Arte” (2010). Deste movimento salientam-se as ideias que a arte é uma linguagem universal que desempenha um papel importante em todo o tipo de ensino e um meio pelo qual se desenvolve a compreensão mútua entre os povos; demonstrando o carácter pedagógico e sociocultural da Educação pela Arte.

A obra de Read (2010) tornou visível o papel das artes na educação, retomando a tese original de Platão que defendia que a arte deve ser a base da educação. Segundo Platão, a educação devia corresponder a uma maiêutica (do

grego maíã, parteira) que enfatiza a ideia de “ajudar a nascer” como metáfora de “ajudar a Ser”. Platão propôs o desafio de ajudar a transformar as potencialidades que nascem com o indivíduo, em capacidades que se exprimem através do Ser. Assim, Read defendeu a expressão como ato libertador de energias contidas no ser humano e desconhecidas ao próprio, que conduzem ao desenvolvimento e construção do indivíduo. O autor defendeu que é fundamental uma educação estética ou uma educação para os sentidos, pois é nestes que se fundamenta a consciência, a inteligência e o raciocínio. Para o mesmo autor, a experiência estética abarca tanto um processo biológico (corpo) como social (comunidade), na medida em que a arte contém dois princípios fundamentais: a forma, que resulta da nossa percepção em relação ao que nos envolve, de carácter universal; e a criatividade, que resulta da imaginação, levando à criação de símbolos, mitos.

Recentemente, podemos encontrar na obra de Elliot Eisner (2004), propostas contemporâneas à educação pela arte. Tal como Read, Eisner afirmou que os sentidos são as primeiras vias para a formação da consciência e, que com a ajuda das ferramentas da cultura (linguagem, arte, ciências, valores, etc.), estes contribuem para a construção do Ser. Para este autor o ensino das artes não é apenas uma forma de criar produtos e técnicas mas uma forma de criar as nossas vidas através da ampliação da consciência, moldando as nossas atitudes, encontrando significados e repartindo uma cultura.

Na adolescência, o indivíduo depara-se com a difícil tarefa de estabelecer a sua identidade como adulto, separar-se psicologicamente dos pais e construir simultaneamente um projeto escolar e profissional. É pois fundamental uma orientação vocacional que acompanhe e dê resposta às necessidades dos nossos adolescentes e que serão parte integrante da sociedade.

Neste seguimento, é importante divulgar e promover uma formação na área das Artes Visuais, em que para tal é necessário compreender e desmistificar os mecanismos que contribuem para esta importante tomada de decisão por parte dos alunos.

Ao analisar a evolução do ensino português nos últimos anos, pode-se constatar que o mesmo tem avançado com políticas de democratização do ensino

e prolongamento da escolaridade obrigatória, conseqüentemente trazendo mudanças de caráter quantitativo e qualitativo ao meio escolar.

Um dos aspetos importantes nessas mudanças e que se reflete no trajeto escolar de um adolescente, refere-se à definição da sua vida futura a nível profissional. Deste modo, o 9º ano de escolaridade assume-se como o primeiro momento em que o jovem se vê confrontado com a tomada de decisão da área predominante de estudo nos próximos anos de aprendizagem.

Escolher uma área de estudo pode ser complexo, pelo que é natural que existam dúvidas e indecisões, angústias e receios; implica uma série de fatores que devem ser analisados, como por exemplo, relações entre aptidões, interesses e expectativas, uma vez que existem outros fatores que podem gerar ambivalências no momento da escolha, tais como falta de informação ou influências externas (pais / professores / pares). Face à quantidade de possíveis caminhos a seguir, torna-se difícil a opção por apenas um, pesando os prós e os contras.

De acordo com as Orientações Curriculares (DGIDC) para o 3º ciclo, no que respeita à Educação Artística, pretende-se através das artes promover o “desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno”, articulando “imaginação, razão e emoção” e permitir a participação “em desafios coletivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social” do indivíduo.

Deste modo, a importância de uma exploração vocacional de qualidade com o objetivo de continuidade, é segundo Taveira (1999) um processo que se inicia na infância.

Porém, é na adolescência que se exige ao jovem pensar e assumir compromissos vocacionais, exigindo-se que se conheça a si próprio e ao meio, de modo a ir de encontro a uma escolha que reflita os seus interesses, aptidões e habilidades. Assim, neste seguimento, segundo Hayes & Stratton (1994:18), a aptidão representa “a facilidade com que uma pessoa irá adquirir um novo conjunto de habilidades ou competências”.

Neste contexto importa referir o modelo teórico sociocognitivo, desenvolvido e apresentado por Albert Bandura (1986) e que se fundamenta a

partir da interação entre a pessoa, o meio e o comportamento, caracterizado pela tríade motivação, autoeficácia e ansiedade e que explica as grandes influências que marcam o desenvolvimento de carreira.

Para o autor, o funcionamento psicológico deve ser entendido a partir de três fatores fundamentais: o indivíduo e as suas variáveis pessoais (tais como cognição, motivação, expectativa, interesses e valores, entre outros); fatores ambientais externos, suportes, barreiras; e o comportamento manifestado, ou seja, a quantidade de esforço e tempo com que o indivíduo irá persistir num determinado comportamento, numa determinada atividade. Assim, a persistência torna-se um fator fundamental, na medida em que vai permitir ao sujeito corrigir crenças em relação às suas capacidades e competências. Deste modo, a autoeficácia desempenha um papel importante no alcance dos vários objetivos ao longo da vida, nomeadamente na forma como o sujeito irá perceber a responsabilidade, como lida com situações traumáticas ou mesmo no sentido que dá à vida.

Neste sentido, e fundamental na teoria de Bandura (1986), é a referência às capacidades humanas, em que afirma que todos os indivíduos encontram-se dotados de meios cognitivos que influenciam e determinam a construção do seu próprio percurso. O ser humano é capacitado de ferramentas que lhe possibilitam o conhecimento do meio e a construção do seu próprio conhecimento, tais como a capacidade de criar símbolos que lhe permitem a constante compreensão, processamento e regulação de acontecimentos do meio envolvente; a capacidade de prever acontecimentos e estabelecer objetivos; e a capacidade de aprender através da observação, que permite ampliar conhecimentos e habilidades de cada indivíduo, como é o exemplo da aquisição de regras decorrente de observação deliberada ou ocasional.

Na teoria de Bandura (1986) e no seguimento das capacidades acima descritas surge um outro conceito fundamental que é o de autoeficácia e que atua como agente chave na proatividade do comportamento. No contexto escolar, o estudo da autoeficácia revela-se muito importante na compreensão de quem e em como o indivíduo percebe, compreende, aprende e realiza. Um elevado nível de

autoeficácia no indivíduo leva-o a arriscar e enfrentar desafios e obstáculos; o sucesso na atividade motiva-o a continuar.

Neste seguimento, Bandura (1986) descreve quatro aspectos fundamentais da consequência da crença de autoeficácia no sujeito: o primeiro afirma que quanto maior o sucesso nas experiências de conhecimento, maior o sentimento de autoeficácia, ou seja, maiores desafios são enfrentados por aqueles que possuem crenças de autoeficácia mais positivas e vice-versa, uma vez que o sujeito atua de acordo com a interpretação retirada das suas próprias ações; o segundo aspecto refere-se ao grau de esforço e persistência investido pelo sujeito nas tarefas, que é tanto maior quanto a sua crença de autoeficácia; o terceiro aspecto prende-se com a capacidade de extrair conhecimento através da observação do desempenho dos outros, desde que o modelo seja eficaz, o que conduz a um aumento do sentimento de competência; finalmente, o quarto aspecto relaciona a reação cognitivo-afetiva ao resultado da tarefa realizada, uma vez que a crença de autoeficácia encontra-se relacionada com as emoções do sujeito, e consoante o seu desempenho (bom ou mau), induzem a determinado estado emocional.

Partindo da teoria sociocognitiva geral de Bandura, os investigadores Lent, Brown & Hackett, em *Social Cognitive Career Theory* (1994) vieram propor um entendimento da formação de interesses, da realização de escolhas e do estabelecimento de metas vocacionais, à luz da teoria sociocognitiva de carreira. Esta teoria partiu de três dimensões fundamentais que se relacionam entre si e que pretendem explicar os processos implicados na construção da carreira, sendo eles a já referida autoeficácia, a expectativa de resultados e os objetivos pessoais.

Também à luz desta teoria, a autoeficácia assume um papel fulcral e é definida como uma dimensão dinâmica que se constrói a partir do julgamento que o indivíduo faz das suas capacidades. Assim, as expectativas de resultados estão diretamente relacionadas com esse mesmo julgamento e referem-se aos seus efeitos e consequências. Quanto aos objetivos, estes podem ser entendidos como uma determinação pessoal para realizar uma determinada atividade ou para atingir um resultado, reforçando também a relação intrínseca entre os três fatores autoeficácia-resultados-objetivos. Ao estabelecer objetivos, o indivíduo vai

organizar e dirigir a sua ação para a concretização dos mesmos, regulando o seu comportamento.

Deste modo, os autores sustentam que a autoeficácia e as expectativas de resultado exercem um efeito direto na formação dos interesses de carreira e afirmam que da estabilidade desses interesses por uma determinada atividade resulta uma capacidade de antecipar e alcançar resultados positivos. Quando o indivíduo se sente eficiente, motivado e envolvido na atividade que desempenha, constrói objetivos que lhe permitem manter ou aumentar o seu envolvimento nessa atividade, o que por sua vez irá aumentar a probabilidade de escolha de realização da referida atividade. O nível de fracasso ou sucesso alcançado irá permitir ao indivíduo ajustar e reavaliar continuamente os seus interesses, escolhas e objetivos.

É através deste processo que se estende ao longo da vida que, segundo os autores, se vão desenvolver os interesses de carreira. Consideram também que este processo tende a ter maior variação nas fases da infância e da adolescência e a estabilizar no início da vida adulta; no entanto, em qualquer momento da vida podem surgir mudanças, tais como gravidez ou mudança de emprego, que irão proporcionar o desenvolvimento de novas capacidades.

Ainda segundo este modelo teórico, no desenvolvimento dos interesses estão também envolvidos características do indivíduo, tais como género, raça, estado de saúde, condições socioeconómicas, entre outros, que vão influir igualmente no comportamento do indivíduo face às suas escolhas.

Em suma, a teoria sociocognitiva do desenvolvimento vocacional “ênfatiza o papel da autoeficácia, das expectativas de resultado e dos interesses enquanto principais mediadores entre as experiências do passado e o comportamento futuro, bem como o estabelecimento de objetivos como fonte automotivacional desse mesmo comportamento” (Leitão e Miguel: 2004, cf. Leitão, Paixão e Silva: 2005:11).

Deste modo, entende-se por orientação vocacional, a intervenção que visa não só auxiliar o indivíduo a escolher uma profissão mas, principalmente, a construir um projeto de vida. Ou seja, significa orientar no sentido de "ensinar a

escolher", de fornecer recursos, a fim de facilitar a elaboração de um projeto de futuro.

A orientação vocacional é um dos processos que se iniciam desde o nascimento e que se desenrola ao longo do desenvolvimento humano; onde existem diferentes momentos, uns mais importantes que outros, sendo os mais importantes aqueles que exigem uma tomada de decisão, uma escolha. Um projeto de vida é algo inacabado que deve ser revisto e alterado tantas vezes quantas as necessárias. A designação de desenvolvimento humano traz consigo uma ideia de crescimento e mudança, em que a própria vida deve ser ajustada à medida desse desenvolvimento.

Assim, a orientação vocacional não deverá ser encarada como uma atuação em momentos pontuais na vida do sujeito mas sim como um processo de desenvolvimento que se traduz na elaboração de um projeto de vida. Mais do que aplicar testes, entrevistas ou questionários com o objetivo de clarificar interesses ou aptidões, a orientação vocacional deverá contemplar o desenvolvimento humano, otimizar potencialidades e fornecer ao indivíduo apoio que lhe permita mobilizar os seus próprios recursos em prol da construção do seu projeto de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste relatório por definição foi dar a conhecer o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo 2012/2013 no âmbito do estágio pedagógico realizado a ESL.

Nesse sentido, posso afirmar que a prática do ensino decorreu de forma bastante positiva, enriquecedora e gratificante, não só no que concerne à transmissão de conteúdos mas, de igual modo, enquanto possibilidade de conhecer e contribuir para a *construção* deste grupo de jovens enquanto indivíduos, da mesma forma que eles contribuíram para a minha evolução enquanto pessoa e professora.

Assim, na minha perspetiva enquanto professora tentei não apenas cumprir conteúdos e desenvolver competências mas, simultaneamente, refletir sobre a minha prática na sala de aula, procurando sempre que possível, adequar as necessidades e obrigações às carências dos alunos e compreender cada um, enquanto indivíduo. Deste modo, na preparação e condução das aulas houve sempre a preocupação em respeitar os propósitos que a profissão exige, tornando um hábito a planificação das atividades, tendo em conta as características da turma/alunos, procurando ir ao encontro dos seus interesses, de modo que estes se sentissem motivados não só pelos métodos de aprendizagem como também pelos conteúdos lecionados.

A planificação das atividades da disciplina foi elaborada de acordo com as diretrizes do Ministério da Educação, e foi sofrendo pequenos ajustes ao longo do ano letivo de modo a ajustar-se ao ritmo das aulas / alunos (por exemplo foi alterada a ordem de determinados projetos e incluída a UT Cartaz Direitos Humanos), no entanto foram cumpridos os objetivos inicialmente propostos.

O facto de integrar no estágio as funções de acompanhamento da Direção de Turma foi também de grande relevância pois permitiu o contato com questões burocráticas e obrigações do docente para além do trabalho letivo presencial.

Apesar de este não ter sido o meu primeiro contato com a prática do ensino, terá sido certamente único - uma vez que não existem fórmulas, de escola para escola, de ano para ano, de turma para turma; as circunstâncias mudam,

têm um contexto específico que obriga (de uma forma muito positiva) a procurar soluções diferentes para problemas eventualmente semelhantes.

O processo de ensino-aprendizagem é um processo complexo, diria mesmo “maiêutico” por parte dos seus agentes, o professor não pode deixar de ser aluno sob pena de cair num marasmo e ganhar resistência à mudança. Na construção do professor enquanto tal, é ele quem terá de descobrir o melhor procedimento, escolher as metodologias mais adequadas, responder atempadamente às questões e problemas que surjam - no fundo, gerir soluções para que os objetivos sejam cumpridos. A gestão flexível do currículo permite também esta abertura - de modo a que uma determinada didática não seja entendida como uma imposição mas, antes, como uma sugestão passível de ser moldada, ajustada, adaptada ou até substituída.

Cabe então a nós, professores, dar o que de melhor temos, o entusiasmo, e desejo por ensinar/aprender, a experiência, promovendo competências que transcendem os currículos formais.

Em suma, as filosofias do ensino devem ser orientadas para o aluno, para a sua estrutura emocional, intelectual, criativa e cívica. Ao fornecer plataformas de valorização pessoal e de construção do indivíduo, oferecem-se suportes para um desenvolvimento equilibrado e completo.

Intuo que ao longo deste processo e com a consciência do importante papel do professor no desenvolvimento dos seus alunos, muitas vezes me irei sentir impotente na resolução de problemas ou mesmo na ponderação de que tipo de apoio devo prestar aos meus alunos. Mas tenho também a perceção que inúmeras serão vezes que me irei emocionar por me sentir parte do processo de crescimento de um jovem e quão valiosas serão as aprendizagens que faremos juntos no decurso de cada ano letivo.

Deste ano e desta experiência de estágio, para além de todos os ensinamentos e partilhas imprescindíveis ao meu desenvolvimento profissional e pessoal, levo comigo um conjunto de desenhos oferecidos, no último dia de aulas, pelos alunos do 10º M e que me farão sempre recordar com alegria esta etapa da minha vida, acreditando que não só trouxe um bocadinho de cada um deles como eles têm já um pouco de mim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AREAL, Z.; & MOREIRA, A. (2012). *Visualmente 7|8|9*. Porto: Areal Editores, S.A.
- ASSIS, H. & RODRIGUES, E. (org.) (2011). *Educação das artes visuais na perspectiva da cultura visual*. Goiânia: editora Kelps.
- BANDURA, A. (1986) *Social Foundation of thought and action: A social cognitive theory*. New Jersey: Prentice Hall.
- BRUNER, J. (1999). *Para uma teoria da educação*. Lisboa: Relógio d'água editores Lda.
- BRUNER, J. (1996). *Cultura da Educação*. Lisboa: Edições 70.
- CAMP, J. (1982). *Dibujar com los Grandes Maestros*. Madrid: H. Blume Ediciones.
- CARRILHO DA GRAÇA, C.; FORJAZ, R.; BARRIGA, S.; & FERREIRA, S. (2012). *Ver, Desenhar e Criar*. Lisboa: Raiz Editora.
- CARRILHO DA GRAÇA, C.; & TRINDADE, M. J. (1999). *Ver e Desenhar*. Lisboa: Lisboa Editora, S.A..
- ECO, U. (1998). *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas*. 7a ed. Lisboa: Editorial Presença.
- ECO, U. (1981). *A definição da Arte*. Lisboa: Edições 70.
- EISNER, E. (2004) *El Arte y la Creación de la Mente*. Barcelona: Paidós Arte y Educación.
- FALEIRO, A.; & GOMES, C. (2004). *Gesto Imagem: Educação Visual e Tecnológica | 5º/6º anos*. Porto: Porto Editora.
- FERRARI, S. (2001). *Guia de História da Arte Contemporânea*. Lisboa: Editorial Presença.
- FERRAZ, M.; & FUSARI, M. (1991). *Metodologia do Ensino de Arte*. São Paulo: Cortez.
- FRÓIS, J. P.; MARQUES, E.; & GONÇALVES, R. M. [s.d.]. *A Educação Estética e Artística na Formação ao Longo da Vida*. In FRÓIS, J. P. (coord. ed.) (2000). *Educação Estética e Artística: Abordagens Transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- HAYES, N. & STRATTON, P. (1994) *Dicionário de Psicologia*. São Paulo: Pioneira.

- LEITÃO, L. M., SILVA, J. M. T., PAIXÃO, M. (2005) *Motivação dos Jovens Portugueses para a Formação em Ciências e em Tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- LENT, R., BROWN, S. D. & HACKETT, G. (1994) *Toward a unifying social cognitive theory of career and academic interest, choice and performance*. *Journal of Vocational Behavior*, 45, 79-122.
- MARTINS, A. (2002) *As expressões e as artes na educação*, in *Didáctica das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MASSIRONI, M. (1989). *Ver pelo Desenho: Aspectos Técnicos, Cognitivos, Comunicativos*. Lisboa: Edições 70.
- MODESTO, A.; ALVES, C.; & FERRAND, M. (2007). *Manual de Educação Visual: 7º, 8º e 9º anos*. Porto: Porto Editora.
- NÓVOA, A. et al. (1991). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora.
- POSTIC, M. (1990). *A Relação Pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora, Lda.
- QUIVY, R.; & CAMPENHOUDT, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5a ed. Lisboa: Gradiva – Publicações, S. A.
- RAMOS, E. ; PORFÍRIO, M (2007a) *Manual do Desenho – 10º Ano*. Porto: Edições Asa.
- RAMOS, E. ; PORFÍRIO, M (2007b) *Manual do Desenho – 10º Ano – Guia Didáctico*. Porto: Edições Asa.
- RAMOS, A. (Coord.); QUEIROZ, J. P.; BARROS, S. N.; & REIS, V. (2001). *Desenho A – 10º Ano – Curso Científico Humanístico de Artes Visuais* [s.l.]: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.
- READ, H. (2010) *Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- SALAVISA, E. (2008). *Diários de Viagem: Desenhos do quotidiano – 35 autores contemporâneos*. [s.l.]: Quimera Editores.
- SAN PAYO, M. (2009). *O Desenho em viagem: álbum, caderno ou diário gráfico. O álbum de Domingos António de Sequeira*. Tese de doutoramento em Belas Artes/Desenho, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes.
- SANTOS, A. (1999) *Estudos de Psicopedagogia e Arte*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SOUSA, A. B. (2003) *Educação pela Arte e Artes na Educação – 3º Volume*. Lisboa: Instituto Piaget.

SOUSA, R. de (1995). *Didática da Educação Visual*. Lisboa: Universidade Aberta.

TAVEIRA, M. C. (1999) Intervenção precoce no desenvolvimento vocacional.

Psicologia: Teoria, Investigação e Prática, 1, 173-190.

UNESCO, Comissão Nacional. (2006). *Roteiro para a Educação Artística: Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.

## FONTES ONLINE

KONY 2012 - consultado em 11/06/2013;

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Kony\\_2012](http://pt.wikipedia.org/wiki/Kony_2012)

LIXO EXTRAORDINÁRIO, documentário - consultado em 11/06/2013;

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lixo\\_Extraordin%C3%A1rio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lixo_Extraordin%C3%A1rio);

LOULÉ, Concelho – consultado em 09/03/2013;

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Loul%C3%A9>

LOULÉ, Mapa – consultado em 02/04/2013

<http://algarve-portal.com>

MUNIZ, V. – consultado em 23/10/2012:

<http://vikmuniz.net/>

SALAVISA, E. *Diário Gráfico* – consultado em 02/09/2012

<http://www.diariografico.com/>

UNESCO, Objetivos de desenvolvimento do Milénio - consultado em 28/07/2013;

[http://www.unicef.pt/docs/os\\_objectivos\\_de\\_desenvolvimento\\_do\\_milenio.pdf](http://www.unicef.pt/docs/os_objectivos_de_desenvolvimento_do_milenio.pdf)

VALSA DOS BRUTOS (2007) – consultado em 11/06/2013

[http://flaminia.pt/Fla/Filmes/valsa.html?=valsa\\_main.html](http://flaminia.pt/Fla/Filmes/valsa.html?=valsa_main.html)

## LEGISLAÇÃO

Circular 3/72 de Junho. Despacho Normativo nº45/90. *Diário da República* 151/90 – *Série I*. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei 3/2008 de 7 de Janeiro, alínea e) do capítulo IV. *Diário da República* 4 – *Série I*. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei 50/2011 de 8 de Abril, art.º 10º. *Diário da República* 70 – *Série I*. Ministério da Educação. Lisboa

Decreto-Lei 286/89 de 29 de Agosto. *Diário da República* 198 – *Série I*. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei 15 973 de 21 de Setembro. *Diário da República* 218/28 - *Série I*. Ministério da Instrução Pública – Direção Geral do Ensino Secundário. Lisboa.

Decreto-Lei 41 258 de 10 de Setembro. *Diário da República* 204/57 – *Série I*. Ministério da Educação Nacional – Direção Geral do Ensino Técnico Superior. Lisboa.

Despacho 140/A/78 de 15 de Junho. *Diário da República* 165/80 – *Série I*. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

Despacho 6950/2008 de 10 de Março. *Diário da República* 49 – *Série II*. Ministério da Educação. Lisboa.

Portaria 244/2011, art.ºs 12º e 13º. *Diário da República* 118 – *Série I*. Ministério da Educação. Lisboa.

Portaria 550-D/2004 de 21 de Maio. *Diário da República* 119 – *Série I B*. Ministério da Educação. Lisboa.

## ANEXOS



## Anexo 1. Inquérito aos alunos 10ºM

### Inquérito socioeconómico e cultural

Este inquérito é confidencial, responde com o máximo de sinceridade para que o teu Director de Turma te possa compreender melhor e te possa ajudar a resolver algumas dificuldades

#### 1 – Aluno – Dados Biográficos

Nome	Ano:	Turma:
Nº:		
Data de nascimento: / /	Idade:	Naturalidade:
Morada		
Concelho:	Código Postal:	-
Telefone:	Telemóvel:	E-mail:

#### 2 - Encarregado de educação

Nome:	Parentesco com o aluno:		
Data de nascimento: / /	Idade:	Naturalidade:	
Morada			
Concelho:	Código Postal:	-	
Telefone:	Telemóvel:	E-mail:	
Profissão:	Telef. do Emprego:		
Situação Profissional Actual: (assinala com um X):			
Efectivo	Contratado	Reformado	Desempregado

#### 3 - Agregado familiar

Parentesco	Idade	Habilitação académica	Profissão	Situação Profissional
Eu				
Os teus pais (assinala com um X)				
estão ausentes	estão separados	a mãe faleceu	o pai faleceu	

#### 4 - Habitação, transporte e refeições (Assinala com um X)

A casa onde moras é própria	alugada	Emprestada
Tens quarto só para ti? Sim	Não	
A que distância fica a tua casa do transporte público?	(metros/kilómetros)	
A que distância fica a tua casa da Escola?	(metros/kilómetros)	
Como vens para a escola? A pé	De carro	Transporte público
Quantas refeições tomas por dia?	Onde tomas o pequeno almoço?	
Onde costumavas almoçar?		

**5- Percurso Escolar**

(Assinala com um X e, depois, responde brevemente)

Frequentaste o Ensino Pré-escolar?	Sim	Não	Quantos anos?
Ficaste retido algum ano?	Sim	Não	Qual(is)?
Estudas todos os dias?	Sim	Não	Quanto tempo?
Estudas habitualmente em casa?	Sim	Não	Em que local?
Alguém te ajuda a estudar?	Sim	Não	Quem?
Tiveste algum apoio pedagógico?	Sim	Não	A que disciplina(s)?
Tiveste negativas no ano anterior?	Sim	Não	Em que disciplina(s)?
Tiveste alguma falta disciplinar?	Sim	Não	Quantas (caso sim)?
Já frequentavas esta escola?	Sim	Não	Qual (caso não)?
Esta escola é a que mais te interessa?	Sim	Não	Por que motivo?

**6 – Ocupação de tempos livres: quais as actividades em que ocupas os teus tempos livres?**

Tens computador? Sim	Não
Tens internet em casa? Sim	Não
Praticas alguma modalidade desportiva? Sim	Não
Em caso afirmativo: qual a modalidade?	
Em que clube?	
Lês jornais? Sim	Não
Tens hábitos de leitura? Sim	Não
Costumas ir ao cinema? Sim	Não
Gostas de viajar? Sim	Não

**7 – Relacionamentos/Família/Amigos (completa e assinala com um X)**

A pessoa a quem conto as minhas alegrias é:	
A pessoa com quem partilho as minhas preocupações é:	
Eu nunca falo dos meus problemas pessoais com:	
Conheço muita gente e/ou tenho muitos/poucos/nenhum(s) amigos. (Risca o que não estiver correcto)	
Costumo conversar com os meus colegas diariamente. Sim	Não
Confio os meus segredos aos meus amigos. Sim	Não

**8 – Sentimentos (assinala com um X e completa)**

Sinto-me muitas vezes	alegre	frustrado
	triste	bem comigo mesmo
	outro:	
Eu acho-me	interessante	feio
	bonito	desajeitado
	um borracho	o máximo
	outro:	

**9 - Profissão desejada**

Indica a profissão que mais gostarias de ter:	
O curso que escolheste foi por:	
a) Ser mais fácil completar o 12º ano? Sim	Não
b) Parecer-te ser interessante? Sim	Não
c) Porque tens amigos e conhecidos no curso? Sim	Não
d) Porque queres seguir uma profissão na área deste curso? Sim	Não
e) Por não haver outro curso? Sim	Não

**10- Relações na e com a escola**

Que motivos te levam a frequentar a escola?

- a) Por obrigação Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_  
 b) Para conviver? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_  
 c) Para obter novos conhecimentos? Sim \_\_\_\_\_ não \_\_\_\_\_  
 d) Para concluir o 12º ano e ingressar no ensino superior? Sim Não

Clube em que gostarias de participar:

Actividade que gostarias de fazer:

Tipo de professor que gostarias de ter:

Assinala com um x os sete factores principais que, na tua opinião, mais contribuem para o insucesso dos alunos:

1.falhas na compreensão da linguagem dos professores	8.existência de outro tipo de solicitações
2.falta de hábitos de estudo	9.falta de atenção / concentração
3.falta de oportunidade para esclarecimento de dúvidas	10.esquecimento rápido do que foi trabalhado
4.conteúdos difíceis	11.desinteresse pela disciplina
5.rapidez no tratamento dos assuntos	12.antipatia pelo professor
6.indisciplina na sala de aula	13.antipatia do professor
7.mudança de professores	14.outra: qual?

**11- Saúde**

Tens alguns problemas de saúde? Não Sim

Em caso afirmativo, qual ou quais?

Em caso de urgência quem deve ser contactado? \_\_\_\_\_

Telefone:

Escreve algo mais que julgues conveniente o teu Director de Turma saber a teu respeito:



## Anexo 2. Pedido de Autorização aos Encarregados de Educação

### PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Ao Encarregado de Educação,

No âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo e Secundário que frequento, e uma vez a turma do seu educando (10ºM) irá integrar o Relatório de Estágio que me proponho desenvolver, venho por este meio, e na qualidade de Professora de Desenho A / Estagiária, solicitar autorização para fotografar algumas das aulas ao longo do presente ano letivo.

As referidas imagens destinam-se unicamente a ser apresentadas no âmbito do Relatório de Estágio com finalidade académica e curricular.

Antecipadamente grata pela atenção, subscrevo-me, com os melhores cumprimentos,

Loulé, 18 de Setembro de 2012


\_\_\_\_\_  
Sílvia Reis

CORTAR E DEVOLVER

Eu \_\_\_\_\_ encarregado(a) de educação do  
aluno(a) \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_, da turma M, do 10º ano, declaro  
que autorizo / não autorizo (riscar o que não interessa) que o meu educando seja fotografado nas  
aulas de Desenho A, no âmbito do Estágio Pedagógico da Professora Sílvia Reis.



## Anexo 3. Planificação e síntese de conteúdos, Desenho A, 10ºM

 <b>ESCOLA SECUNDÁRIA DE LOULÉ</b> <b>Desenho A – 10º M</b> <b>Artes Visuais</b>		Ano lectivo 2012/13			
Planificação/Gestão de Conteúdos		Calendário escolar (semanas) – 10º M			
	3ª feira	6ª feira		Aulas com conteúdos	Total
Setembro	2	3	1º Período	65	
Outubro	5	3			
Novembro	4	5			
Dezembro	2	2			
	13	13	2º Período	51	171 aulas
Janeiro	4	4			
Fevereiro	3	4			
Março	2	3	3º Período	55	
	9	11			
Abril	4	4			
Maio	4	5			
Junho	2	2			
	10	11			
Professoras: Maria José Jerónimo e Sílvia Reis					

<b>Finalidades:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação.</li> <li>• Desenvolver as capacidades de representação, de expressão e de comunicação.</li> <li>• Promover métodos de trabalho individual e colaborativo, observando princípios de convivência e cidadania.</li> <li>• Desenvolver o espírito crítico face as imagens e conteúdos mediatizados e adquirir, com autonomia, capacidades de resposta superadoras de estereótipos e preconceitos face ao meio envolvente.</li> <li>• Desenvolver a sensibilidade estética, formando e aplicando padrões de exigência.</li> <li>• Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação.</li> </ul>
--

**Objetivos:**

- Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.
- Conhecer as articulações entre percepção e representação do mundo visual.
- Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.
- Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.
- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.
- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.
- Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.
- Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiosincrasias e posições discriminatórias.
- Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.
- Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.
- Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.
- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.

**Avaliação:**

São objeto de avaliação todas as concretizações artísticas produzidas no âmbito da disciplina

	Conceitos	Técnicas	Atitudes	Totais
Trabalhos	5,00%	70,00%	---	75,00%
Diário gráfico	5,00%	10,00%	---	15,00%
Valores e atitudes	---	---	10,00%	10,00%
Totais	10,00%	80%	10,00%	100,00%

Atraso na entrega dos trabalhos: descontar 0,5 valores por aula;

Prazo de entrega máximo 15 dias;

Se for final de período, o trabalho tem de ser entregue até a última aula;

Os trabalhos têm de ser entregues pessoalmente aos professores da disciplina em questão (excecionalmente serão entregues por outra pessoa em caso de doença comprovada com atestado médico).

Conteúdos	Estratégias	Período	Recursos Materiais	Parâmetros de Avaliação
<p><b>Visão</b> Perceção visual e mundo envolvente O meio ambiente como fonte de estímulos</p> <p><b>Materiais</b> Suportes: papéis e outras matérias, propriedades do papel (espessuras, texturas, cores), formatos, normalizações e modos de conservação</p> <p><b>Meios atuantes:</b> riscadores, aquosos e seus formatos</p> <p><b>Infografia:</b> tipos de ficheiro gráfico</p> <p><b>Procedimentos</b> <b>Técnicas</b> Modos de registo: traço, mancha, misto Modos de transferência: quadricula, decalque, infografia, fotocópia e outros processos fotomecânicos.</p> <p><b>Ensaios</b> Processos de análise: estudo de formas - estruturação e apontamento (esboço), estudo de formas naturais, estudo de formas artificiais; contextos e ambientes, estudo de objetos com apontamento das convergências perspéicas</p> <p><b>Processos de síntese:</b> transformação gráfica e infográfica</p> <p><b>Invenção:</b> construção de formas, texturas, padrões</p>	<p><b>Diário Gráfico</b> Utilização de um caderno portátil para registo regular do quotidiano.</p> <p><b>Desenho cego (avaliação diagnóstica)</b> A partir da observação de um dado objeto, elaborar a sua representação gráfica, primeiro, sem olhar para o papel (recorrendo, se necessário, à ocultação das mãos e do suporte) e, numa segunda fase, de modo habitual. Comparar as diferenças, quer ao nível do processo, quer dos resultados.</p> <p><b>Desenho de formas naturais</b> Desenho de frutos, árvores, flores, pedras. Realização de vários esboços segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global, e posterior representação atenta e objetiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.</p> <p><b>Cartaz Direitos Humanos</b> No âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Direitos Humanos e a partir do visionamento de filmes e debates (articulação com Filosofia) elaborar um cartaz em grupo para apresentar à comunidade escolar.</p> <p><b>Desenho de formas artificiais</b> Desenho de objetos do quotidiano como mobiliário, pão, panejamento simples, sapatos, velhas, papéis amarrados. Exercício a realizar em duas fases: primeira, vários esboços segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global; segunda, representação atenta e objetiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.</p> <p><b>Estudo da Figura Humana / Reconhecimento</b> A partir de obras de arte previamente escolhidas, representar graficamente o colega mimetizando a obra original.</p>	<p>1º Período</p>	<p><b>Informáticos</b> computador, retroprojetor, ficheiros expositivos;</p> <p><b>Suportes</b> papeis de diferentes texturas, gramagens e formatos, carbões, cartolinas</p>	<p><b>Aquisição de conceitos</b> domínio e aplicação de conceitos e vocábulos específicos do desenho</p> <p><b>Concretização de práticas</b> capacidades técnicas; domínio de diversidade de suportes; de meios atuantes; de organização formal, cromática, espacial e dinâmica; de estratégias de composição e estruturação; capacidade de análise e representação sintetizada de objetos; adequação da fórmula gráfica à função; eficácia técnica na utilização de recursos gráficos e utilização e aplicação das novas tecnologias no domínio do desenho; capacidades criativas.</p>
		<p>2º Período</p>		

<p><b>Sintaxe</b>  Conceitos estruturais da linguagem plástica:  forma pontual, forma linear, forma pluri-dimensional, valor, cor, textura, escala, espaço, ritmo, equilíbrio, movimento e unidade.  <b>Dominios da linguagem plástica:</b> forma, figura positiva e negativa, figura e fundo, forma e informe, limite, contorno e linha  <b>Plano e superfície:</b> linhas, centro, campo e moldura  <b>Cor:</b>  Natureza física da cor  Cor e luz: espectro eletromagnético de radiação e estrutura retinica  Cor como sensação e suas dimensões: cambiante, luminosidade e saturação  <b>Espaço e volume:</b>  Organização da profundidade  Noções básicas de profundidade e extensão  Alguns processos de sugestão de profundidade: sobreposição, convergência, deformação  Organização da tridimensionalidade  <b>Objecto:</b> massa e volume  Luz: clandade, sombras (própria e projectada), claro-escuro</p> <p><b>Sentido</b>  Visão sincrónica do desenho  Visão diacrónica do desenho</p>	<p>Realizar diferentes estudos de representação do todo e de pormenor. Analisar e discutir as transformações que se operam ao nível da reconhecibilidade quer das figuras individualmente, quer das obras no seu todo.</p> <p><b>Estudos de Cor</b>  Usando diferentes meios colorantes, efetuar estudos analíticos de cor envolvendo misturas cromáticas, opacidade e transparência. Efetuar estudos que envolvam a manipulação sistemática do cambiante, da luminosidade e da saturação e utiliza-los na criação de composições ou padrões visuais.</p> <p><b>Transformação</b>  A partir dos desenhos / estudos previamente realizados a partir de obras de arte e visionamento do documentário "Lixo Extraordinário" de Vik Muniz, criação de uma nova obra de arte em formato 50x60cm recorrendo à utilização de materiais alternativos / não convencionais.</p> <p><b>Ensaio de Perspetiva</b>  Representação à mão livre de objetos e espaços propícios à deteção de pontos de fuga e linha de horizonte.</p> <p><b>Claro-Escuro</b>  Representação à vista de uma composição objeto/planejamento, tendo em conta valores formais, de claro-escuro, volume e recorrendo à utilização de diferentes suportes e meios atuantes.</p> <p><b>Alternância figura-fundo</b>  A partir de desenhos realizados previamente pelos alunos, ou imagens por si recolhidas criar ensaios gráficos baseados numa redução à oposição figura-fundo e diferentes possibilidades da sua alternância perceptiva.</p> <p><b>Composição Livre</b>  Realização de uma composição livre em formato A3 utilizando a técnica de sopro com palhinha.</p>	<p><b>2º Período</b></p>	<p><b>Atuantes</b>  lápis de grafite;  lápis de cor,  sépia;  sanguineas;  pastéis secos e de óleo;  aparas;  aguarelas;  guachos.</p> <p><b>Atitudes e valores</b>  assiduidade/pontualidade;  autonomia;  cooperação;  participação;  integração e cumprimento dos prazos de entrega dos trabalhos.</p>
		<p><b>3º período</b></p>	<p><b>Diversos</b>  régua;  compasso;  borracha;  afia;  cola;  tesoura;  godés;  materiais reciclados.</p>

As professoras: Maria José Jerónimo e Sílvia Reis

## Anexo 4. Ficha de trabalho 1 – Diário Gráfico



**Desenho A**  
**2012/2013**  
**10ºM**

### Diário Gráfico

#### Introdução

O hábito de desenhar num caderno portátil é muito antigo. Desde sempre, viajantes munidos de cadernos, desenharam e escreveram sobre o que observavam e sobre aquilo em que refletiam. O caderno de apontamentos e esboços (ou diário gráfico) é um instrumento de trabalho importante, tanto para artistas plásticos como para estudantes de arte. O desenho permite-nos estabelecer uma relação sólida com a realidade, obrigando-nos a discriminar e a perceber o “como” e o “porquê” das formas, das superfícies e das cores.

#### Definição e objetivos

Pretende-se desenvolver o gosto pelo registo sistemático da realidade visível que constitui a experiência quotidiana de cada um de nós; as pessoas, espaços e situações que vivenciamos.

#### Suporte físico

O Diário gráfico terá como suporte, um caderno, com folhas brancas e lisas, com formato A4 ou A5.

#### Proposta

Pretende-se que o aluno realize um mínimo de 5 desenhos por semana, ao longo de todo o ano letivo. Os materiais de registo a utilizar são à escolha do aluno.

#### Avaliação

A avaliação é contínua e, terá como principais critérios: conceitos, técnicas e pertinência dos registos.

#### Tempo previsto

Ao longo do ano letivo



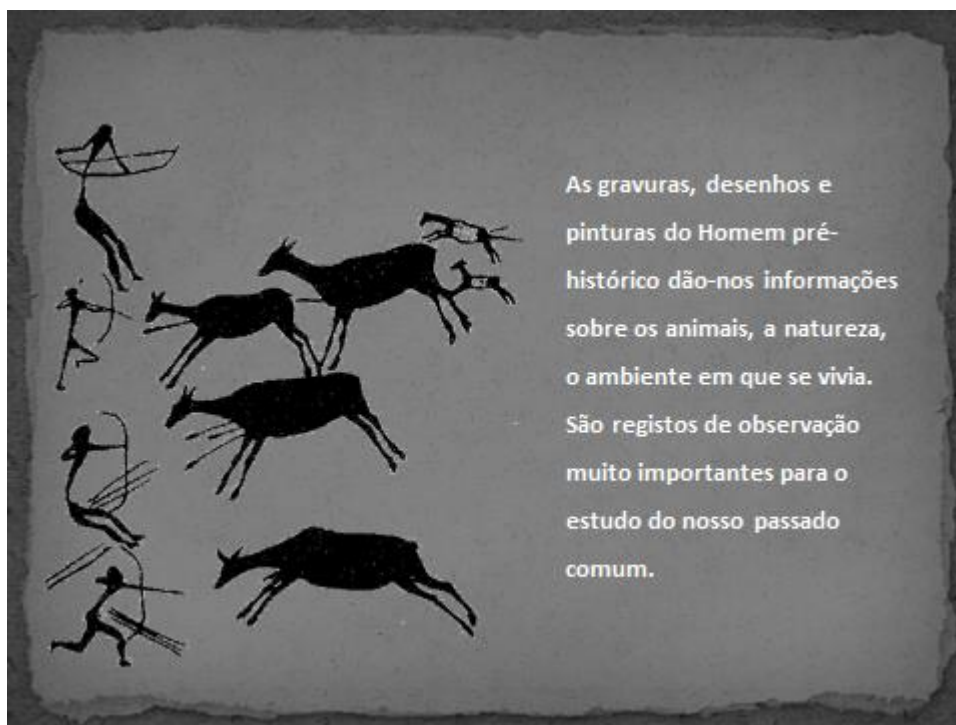
## Anexo 5. Powerpoint de apresentação da UT Diário Gráfico

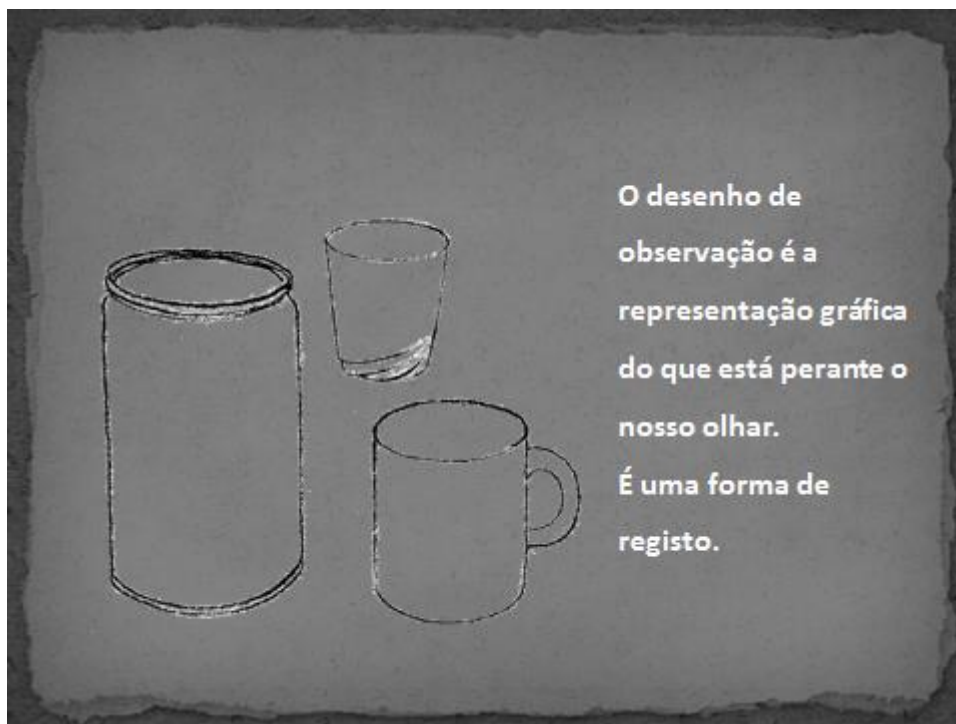
# Desenho

*“O Desenho é forma universal de conhecer e comunicar. Integrando as áreas do saber, actua na aquisição e na produção de conhecimento: traduz-se em mapas, esquemas, espécimes; concretiza planos, antecipa objectos, interroga-nos sob a forma de testemunho artístico. Nas suas variantes, vive, e faz criar, quer como testemunho de um passado, quer como intermediário do futuro.”*

O acto de desenhar é uma atitude conceptual. Isto quer dizer que o desenho é, antes de mais, resultado do pensamento – de conceitos – embora se materialize através da prática e domínio de uma técnica.

O ser humano é sociável por natureza. E ser sociável implica que se estabeleça comunicação. O desenho, tal como a linguagem falada e escrita, surgiu também dessa necessidade que o Homem teve de comunicar, de dizer o que pensava.





O desenho de observação é a representação gráfica do que está perante o nosso olhar. É uma forma de registo.

## Diário Gráfico

*"pequeno caderno ou álbum de esboços (que) fará cada vez mais parte do equipamento habitual do artista, que muitas vezes acumula as funções de ourives, escultor, arquitecto e engenheiro. Neles aparecerão, ao lado de desenhos técnicos, de esboços, exercícios em que se ensaiam soluções para os mais variados problemas, reflexões, apontamentos, recolhas e citações de ideias"*  
(San Payo, 2009:37)



O DG apresenta-se como uma espécie de herdeiro de séculos de história, onde o *desenho* foi gradualmente assumindo um papel autónomo nos círculos de criação artística. Tenha-se em conta o percurso do *desenho* presente desde o *livro de padrões*, *livro de modelos*, *caderno ou álbum de esboços* e *cadernos de viagem*.

Todavia, foi sobretudo a partir do século XV, que o *desenho* assumiu o seu carácter de suporte de estudo e experimentação.



Livro de padrões

instrumentos de apoio ao desenho de letras ou elementos decorativos, folhas avulsas ou reunidas em código



Livro modelos

mostruário ou catálogo de imagens e motivos para a aplicação na pintura ou na iluminura, fornecendo modelos para serem copiados pelo jovem aprendiz



Caderno de esboços

Experiências, ensaios a serem desenvolvidos posteriormente

Atualmente o Diário Gráfico é considerado como um suporte de registo de memórias visuais, pensamentos e outras experiências pessoais e gráficas, é um meio de (auto) conhecimento do seu autor, de dimensão pessoal e íntima. Seja pela linguagem gráfica que apresenta, pela curiosidade técnica desenvolvida ou pelos assuntos retratados (uma vez que também se encontra associado, enquanto objeto, à prática de várias profissões), o DG é um veículo de informações, que transcende a aprendizagem académica, transportando para o quotidiano, a importância e o valor do *desenho* e da experimentação plástica.

<http://www.diariografico.com/>

**SALAVISA, E.** (2008). *Diários de Viagem: Desenhos do quotidiano – 35 autores contemporâneos*. [s.l.]: Quimera Editores.

**SAN PAYO, M.** (2009). *O Desenho em viagem: álbum, caderno ou diário gráfico. O álbum de Domingos António de Sequeira*. Tese de doutoramento em Belas Artes/Desenho, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes.



## Anexo 6. Ficha de trabalho 2 – Desenho Cego



**Desenho A**  
**2012/2013**  
**10ºM**

### Desenho Cego

“Ver é ir ao encontro das coisas, é a coordenação consciente dos vários olhares, das diferentes sensações, das diferentes percepções, das próprias memórias que nos informam, em boa medida, os actos e as escolhas. Na verdade, e porque não dizê-lo?, ver é escolher e é julgar. É compreender.”  
(Rocha de Sousa, 1995:32)

#### Introdução

A percepção visual é a base dos aspetos físicos e psicológicos envolvidos no ato de representar.

Partindo da constituição orgânica do olho (recepção ótica da luz, seleção celular dos estímulos que se irão traduzir na coordenação psicológica consciente das sensações e dos vários tipos de reconhecimento) para o espaço estruturado das percepções visuais, chega-se à distinção entre *ver* e *olhar*. Assim, *ver* implica uma atitude de escolha sensível e consciente dos estímulos que nos rodeiam.

#### Definição e objetivos

A partir da observação de um dado objeto, figura ou situação, elaborar a sua representação gráfica:

- **primeiro**, sem olhar para o papel.
- **segundo**, de modo habitual.

Comparar as diferenças, quer ao nível do processo, quer dos resultados.

#### Materiais

Papel cavalinho em formato A3 e lápis de grafite

#### Avaliação

Esta unidade de trabalho destina-se à avaliação diagnóstica de conceitos e competências essenciais adquiridas no ensino básico.

#### Tempo previsto

7 tempos de 45 minutos



## Anexo 7. Ficha de trabalho 3 – Desenho de Formas Naturais



**Desenho A**

**2012/2013**

**10ºM**

### **Desenho de Formas Naturais**

#### **Introdução**

Tal como o seu indica, desenho de *formas naturais* consiste no desenho de elementos retirados da natureza, tais como, frutos, árvores, flores, pedras.

Assim o trabalho consiste na realização de vários esboços, de formas naturais, segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global; e posterior representação atenta e objetiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.

Relativamente à forma global importa ainda perceber que a sua forma exterior resulta da inter-relação dos elementos visuais que a constituem, nomeadamente, a sua estrutura, cor, textura, que por sua vez depende diretamente da sua estrutura interior. A organização dos elementos visuais pode ser interpretada através de traçados geométricos.

#### **Definição e objetivos**

Visita e recolha de materiais ao Parque Municipal de Loulé.

A partir da observação dos materiais selecionados, elaborar a sua representação gráfica:

- **primeiro**, realização de vários esboços segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global;
- **segundo**, representação atenta e objetiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.

#### **Materiais**

Papel cavalinho em formato A4 e A3, lápis de grafite, lápis de cor, pastéis secos e de óleo.

#### **Tempo previsto**

17 tempos de 45 minutos



## Anexo 8. Ficha de trabalho 4 – Desenho de Formas Artificiais



**Desenho A**

**2012/2013**

**10ºM**

### **Desenho de Formas Artificiais**

#### **Introdução**

Tal como o seu indica, desenho de *formas artificiais* consiste no desenho de objetos criados pelo homem, tais como, panejamento simples, sapatos, velharias, papéis amarrotados, garrafas.

Tal como no trabalho de Desenho de *formas naturais* este consiste realização de vários esboços, de objetos à escolha, segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global; e posterior representação atenta e objetiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.

O exercício requer uma observação e análise atenta dos objetos selecionados, quer na sua forma externa quer na sua estrutura interna; implica uma atitude de *ver, perceber e fazer*.

#### **Definição e objetivos**

A partir da observação dos materiais selecionados, elaborar a sua representação gráfica:

- **primeiro**, realização de vários esboços segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global;
- **segundo**, representação atenta e objetiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.

#### **Materiais**

Papel cavalinho em formato A4 e A3 e lápis de grafite.

#### **Tempo previsto**

17 tempos de 45 minutos



## Anexo 9. Ficha de trabalho 5 – Cartaz Direitos Humanos



**Desenho A**  
**2012/2013**  
**10ºM**

### **Cartaz Dia Internacional dos Direitos Humanos**

#### **Introdução**

No âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Direitos Humanos (10 de Dezembro), e a partir do visionamento de filmes e realização debates na aula de Filosofia pretende-se que os alunos elaborem um cartaz de sensibilização, para apresentar à comunidade escolar.

Para a elaboração do cartaz é importante considerar os conceitos implicados numa **comunicação visual** eficaz, tais como: o **emissor**, o **recetor** e a **mensagem**.

#### **Definição e objetivos**

Divisão da turma em 4 grupos trabalho e elaboração de um cartaz conjunto.

Produção de um cartaz alusivo ao Dia Internacional dos Direitos Humanos com recurso aos conteúdos apreendidos em sala de aula.

#### **Materiais**

Diversos / de escolha livre.

#### **Tempo previsto**

15 tempos de 45 minutos



## Anexo 10. Planificação da UT Estudo da Figura Humana

Conteúdos	Objetivos	Atividade	Recursos Materiais	Tempos
<p><b>Etapa 1</b> <b>Reconhecimento</b></p> <p>Visão Percepção visual e mundo envolvente Procedimentos <u>Técnicas:</u> Modos de registo: traço, mancha, misto <u>Ensaio:</u> processos de análise; estudo de formas - estruturação e apontamento (esboço), estudo da figura humana Sentido Visão sincrónica e diacrónica do desenho</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.</li> <li>- Conhecer as articulações entre percepção e representação do mundo visível.</li> <li>- Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.</li> <li>- Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.</li> <li>- Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.</li> <li>- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.</li> </ul>	<p>A partir de obras de arte previamente escolhidas, representar graficamente o colega mimetizando a obra original.</p> <p>Realizar diferentes estudos de representação do todo e de pormenor.</p> <p>Analisar e discutir as transformações que se operam ao nível da reconhecibilidade quer das figuras individualmente, quer das obras no seu todo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ficha de trabalho</li> <li>- Computador</li> <li>- Retroprojektor</li> <li>- Auditório</li> <li>- Papel cavalete A3</li> <li>- Lápis de grafite</li> </ul>	<p>20 tempos 8 aulas</p>
<p><b>Etapa 2</b> <b>Estudos de cor</b></p> <p>Materiais Suportes e meios atuantes Procedimentos <u>Técnicas:</u> Modos de registo: traço, mancha, misto <u>Ensaio:</u> Processos de síntese: transformação gráfica</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.</li> <li>- Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.</li> <li>- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projeto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.</li> </ul>	<p>Usando diferentes meios colorantes, efetuar estudos analíticos de cor envolvendo misturas cromáticas, opacidade e transparência.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ficha de trabalho</li> <li>- Computador</li> <li>- Retroprojektor</li> <li>- Papéis em formato A3 de diferentes texturas</li> </ul>	<p>10 tempos 4 aulas</p>

<p>Invenção: construção de formas, texturas, padrões Sintaxe <u>Conceitos estruturais da linguagem plástica:</u> valor, cor, textura <u>Cor:</u> Cor como sensação e suas dimensões: cambiante, luminosidade e saturação Sentido Visão sincrónica e diacrónica do desenho</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.</li> </ul>	<p>Efetuar estudos que envolvam a manipulação sistemática do cambiante, da luminosidade e da saturação e utilizá-los na criação de composições ou padrões visuais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lápis de cor</li> <li>- Pastel seco</li> <li>- Pastel de óleo</li> <li>- Aguarda</li> <li>- Pincéis</li> </ul>	
<p><b>Etapa 3</b> <b>Transformação</b></p> <p>Materiais Atuantes Procedimentos <u>Técnicas:</u> Modos de registo: traço, mancha, misto Modos de transferência: decalque <u>Ensaio:</u> Processos de síntese: transformação gráfica Invenção: construção de formas, texturas, padrões Sintaxe <u>Conceitos estruturais da linguagem plástica:</u> forma pontual, forma linear, forma pluridimensional, valor, cor, textura, espaço, ritmo, equilíbrio, movimento <u>Cor:</u> Cor como sensação e suas dimensões: cambiante, luminosidade e saturação <u>Espaço e volume:</u> Alguns processos de sugestão de profundidade: sobreposição, convergência, deformação Sentido Visão sincrónica e diacrónica do desenho</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.</li> <li>- Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.</li> <li>- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projeto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.</li> <li>- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.</li> <li>- Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.</li> <li>- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.</li> </ul>	<p>A partir dos desenhos / estudos previamente realizados a partir de obras de arte e visionamento do documentário "Lixo Extraordinário" de Vik Muniz, criação de uma nova obra de arte em formato 50x66cm recorrendo à utilização de materiais alternativos / não convencionais</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ficha de trabalho</li> <li>- Computador</li> <li>- Retroprojektor</li> <li>- Cartolinas</li> <li>- Cola</li> <li>- Materiais diversos / reciclados</li> </ul>	<p>27 tempos 11 aulas</p>



## Anexo 11. Ficha de trabalho 5 – Estudo da Figura Humana



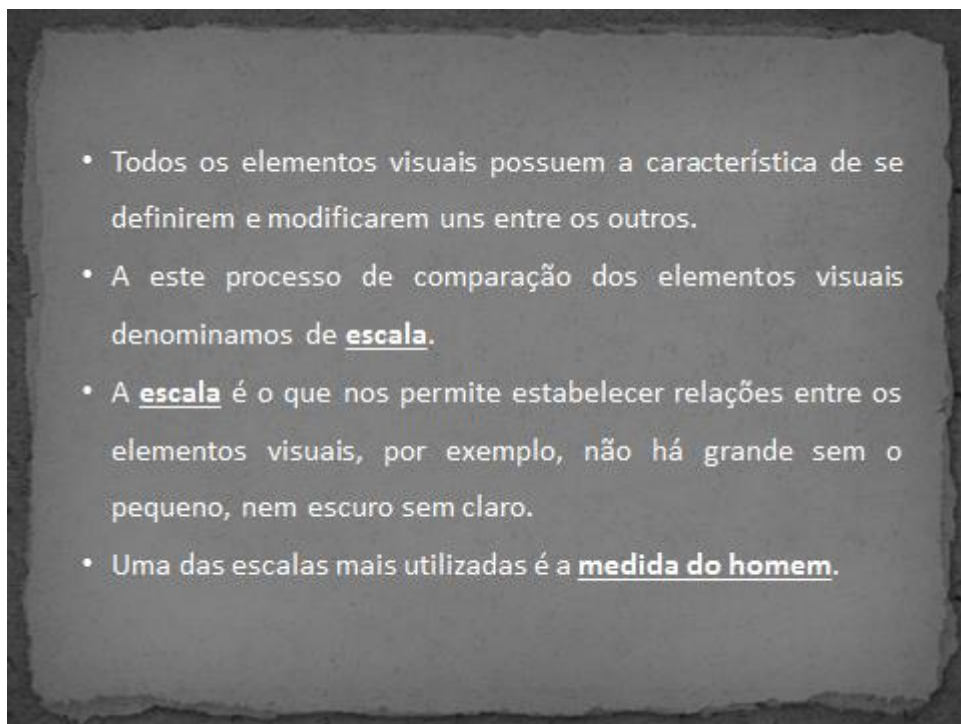
**Desenho A**  
**2012/2013**  
**10ºM**

### Estudo da Figura Humana

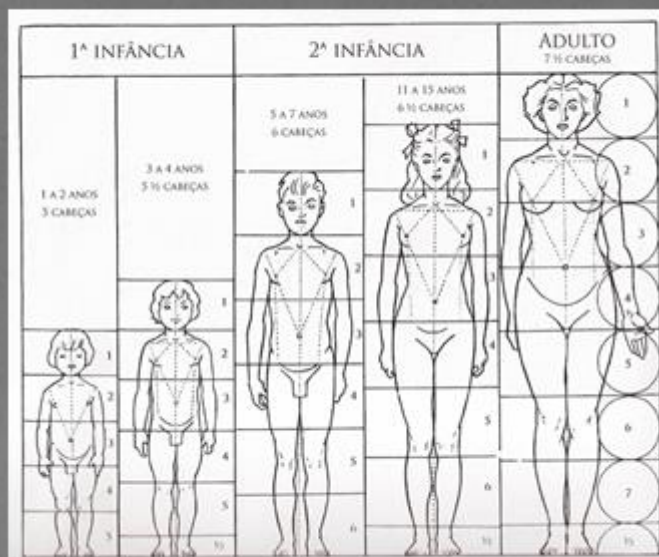
	<b>Objetivos</b>	<b>Materiais</b>	<b>Nº de Aulas</b>
<b>ETAPA 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pesquisar e selecionar uma obra de arte reconhecida, que integre a figura humana.</li> <li>- A partir da obra de arte previamente escolhida, representar graficamente o colega mimetizando a obra original. (trabalho em pares)</li> <li>- Realizar diferentes estudos de representação do todo e de pormenor.</li> <li>- Analisar e discutir as transformações que se operam ao nível da reconhecibilidade quer das figuras individualmente, quer das obras no seu todo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recursos informáticos / livros do Centro de Aprendizagem</li> <li>- Papel cavalinho formato A3 e A4</li> <li>- Lápis de grafite</li> <li>- Borracha</li> </ul>	<p>8 Aulas</p> <p>(20 tempos)</p>
<b>ETAPA 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sobre os desenhos previamente realizados selecionar um e usar diferentes meios colorantes e efetuar estudos analíticos de cor envolvendo misturas cromáticas, opacidade e transparência.</li> <li>- Efetuar estudos que envolvam a manipulação sistemática do cambiante, da luminosidade e da saturação e utilizá-los na criação de composições ou padrões visuais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Papéis em formato A3 de diferentes texturas</li> <li>- Lápis de cor</li> <li>- Pastel seco</li> <li>- Pastel de óleo</li> <li>- Aguarela</li> <li>- Pincéis</li> </ul>	<p>4 Aulas</p> <p>(10 tempos)</p>
<b>ETAPA 3</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A partir dos desenhos / estudos previamente realizados a partir de obras de arte e visionamento do documentário “Lixo Extraordinário” de Vik Muniz, criação de uma nova obra de arte em formato 50x66cm recorrendo à utilização de materiais alternativos / não convencionais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cartolina</li> <li>- Cola</li> <li>- Materiais diversos/reciclados</li> </ul>	<p>11 Aulas</p> <p>(27 tempos)</p>



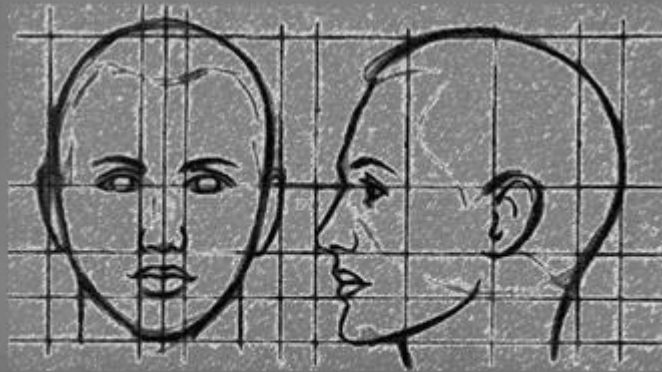
Anexo 12. Powerpoint de apresentação da UT Estudo da figura humana  
Escala e Proporções



- Por proporção podemos entender como a relação entre as várias partes de um todo.
- O estudo das proporções do corpo humano, ao longo da história, levaram à criação de cânones – padrão, modelo, norma – resultantes dos ideais estéticos e simbólicos de cada época.
- Atualmente é considerado ideal e utilizado como módulo a altura da cabeça, com um cânone de sete cabeças e meia de altura por duas de largura, na representação da figura humana adulta, tanto masculina, como feminina.



- A símetria aparente do rosto permite que se use um processo de esquemáticação para que os elementos idênticos do lado esquerdo e direito (sobrancelhas, olhos, narinas, orelhas) se situem no mesmo nível e com afastamentos semelhantes relativamente a uma linha vertical, centrada, que funciona como eixo.

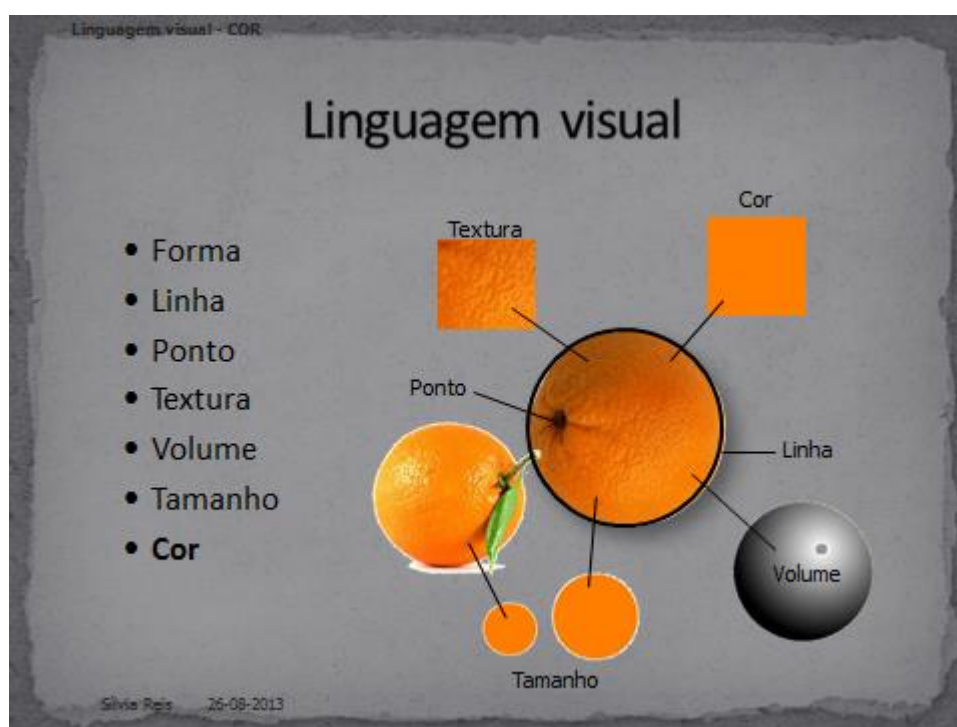


Os olhos e a boca são os elementos mais significativos da expressão de um rosto.





## Anexo 13. Powerpoint de apresentação da Cor



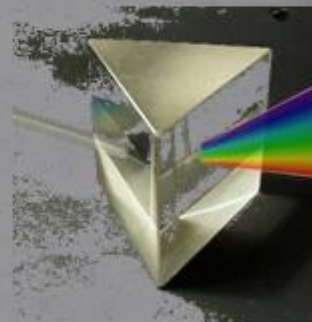
## Atributos da cor

- Compreender
- Identificar
- Distinguir
- Entender
- Simbolizar
- Embelezar



## Espectro lumínico

- Newton (1676)
- Sem luz não há cor
- Ao processo de separação da luz branca dá-se o nome de **refracção da luz.**



## Espectro lumínico



A superfície vermelha absorve todas as cores do espectro excepto a cor vermelha

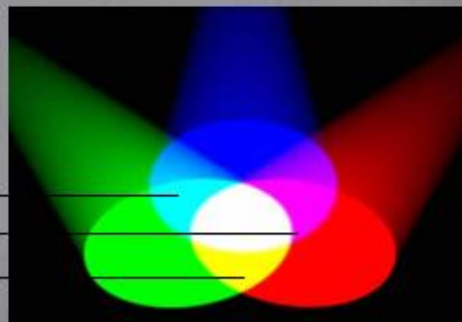
As superfícies brancas reflectem toda a luz

As superfícies pretas absorvem toda a luz do espectro

## Síntese aditiva (cor-luz)

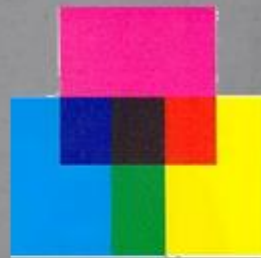
- 3 focos de luz:  
vermelha, verde e azul  
= branco

- verde+azul = azul ciano
- vermelho+azul = magenta
- verde+vermelho = amarelo



## Síntese subtrativa (cor-pigmento)

- Pigmento: substância sólida constituída por pequenas partículas que pode ser de origem vegetal, animal ou mineral.
- Quantas mais cores, menos luz



## Síntese subtrativa (cor-pigmento)

- Cores **primárias** (não se podem obter por mistura): azul ciano, magenta e amarelo.
- Cores **secundárias**  
azul ciano+ amarelo = verde  
azul ciano+magenta = azul-violácio  
amarelo+magenta = vermelho
- A mistura de todas as cores dá preto



### Qualidades da cor:

- **tom / matiz** - refere-se à própria cor, ao que lhe dá o nome;
- **valor / luminosidade** - grau de claridade ou obscuridade das cores;
- **saturação / intensidade** - grau de pureza do tom, exemplo: um tom apresenta a sua pureza máxima ou 100% de saturação quando não se juntou a cor branca ou preta.

## Sensação térmica da cor

- Cores quentes: amarelo, laranja, vermelho



- Cores frias: azul, verde, violeta



## Significado das cores

- Pragmático  
natureza física das cores
- Estético / Expressivo  
harmonia, equilíbrio
- Simbólico  
convenções



## Simbologia das cores

- **azul** - espaço, o céu, o infinito, o imaginário, transmite uma sensação de pureza, tranquilidade, equilíbrio;
- **amarelo** - luz, cor do sol que gera a vida, é expansivo e estimulante, é também utilizado para simbolizar perigo, advertência;
- **vermelho** - perigo, paixão, revolta, proibição, calor.
- **violeta** - equilíbrio entre o azul e o vermelho está relacionado com esoterismo, transformação espiritual, penitência, mistério;
- **verde** - natureza, frescura, simboliza saúde, esperança, juventude e bem-estar;
- **branco / preto** - devido à polaridade que os caracteriza tanto podem simbolizar o começo como o fim. O branco representa pureza, a paz, inocência, enquanto a cor preta evoca a noite, o inconsciente, a tristeza.

## Anexo 14. Powerpoint de apresentação do artista Vik Muniz



- Artista plástico, nasceu em 1961, em S. Paulo, onde estudou publicidade.
- Em 1983, ao separar 2 homens que lutavam, levou um tiro na artéria femoral; o homem que disparou a bala ofereceu-lhe uma compensação em dinheiro.
- Com esse dinheiro muda-se para Nova Iorque, onde vive atualmente.

- Em Nova Iorque começa a fazer as suas primeiras experimentações plásticas.
- Devido à sua formação em publicidade, a imagem é um fator fundamental do seu trabalho, que o leva a utilizar a fotografia.
- Vik interessa-se pelos mecanismos técnicos e conceptuais que estão na base da produção, construção e reprodução de imagens.

- O seu trabalho caracteriza-se pela utilização de imagens familiares, muitas vezes de obras reconhecidas da história da arte, reconstruindo-as com uso de materiais e técnicas que normalmente não se associam à produção artística.
- Hoje em dia, o seu trabalho é reconhecido mundialmente e imediatamente associado ao uso de materiais não convencionais do mundo das artes.



*Nuvem, 2001*



*Dupla Mona Lisa (Depois de Warhol), 1999*  
Geleia de figo e manteiga de amendoim



*Pintura com chocolate, 1997*  
Chocolate



*Drácula (Monstros de Caviar), 2004*  
Caviar



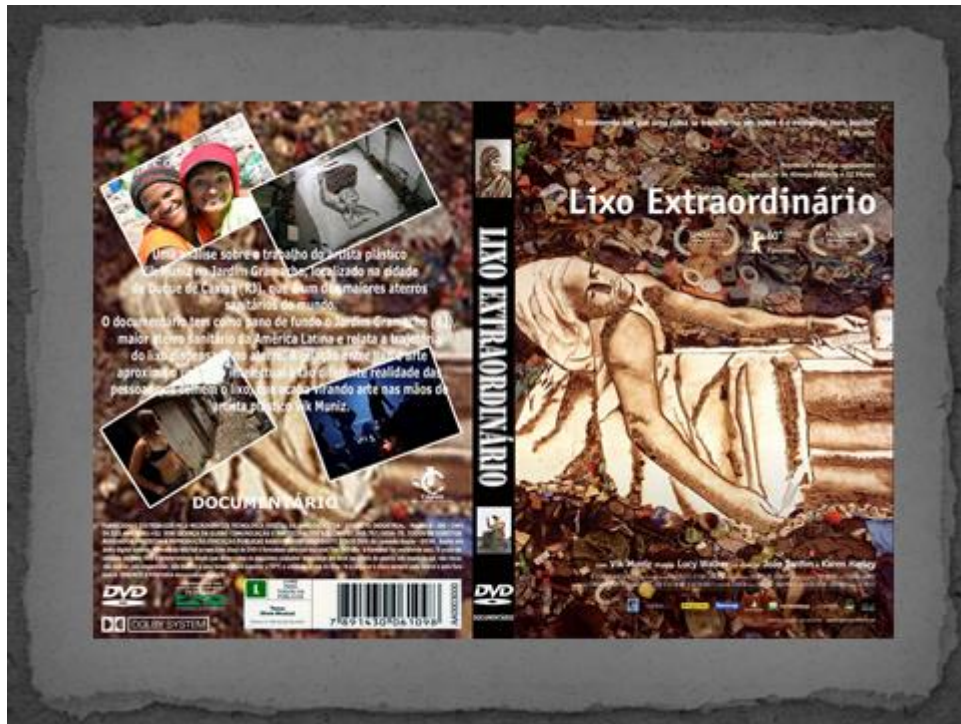
*Elizabeth Taylor, 2004*  
Diamantes

- Outra vertente do seu trabalho diz respeito à **dimensão social**.
- Começou quando Vik foi visitar uma plantação de açúcar em St.Kitts para fotografar os filhos dos operários que trabalhavam no local. Ao voltar a NI comprou papel preto e vários tipos de açúcar, e com estes materiais reproduziu os retratos das crianças. Segundo Vik, faltava “açúcar”, “doce” na vida dessas crianças e esta foi a forma que encontrou de mostrar ao mundo que elas existiam.



*Crianças de Açúcar, 1996*  
Açúcar sobre cartolina preta

- Em 2010 é publicado o documentário *Lixo Extraordinário* que relata o trabalho do artista, com catadores de lixo reciclável num dos maiores aterros controlados do mundo. O documentário mostra, ao longo de dois anos, a produção de obras de arte com o material recolhido e as transformações que se produzem na visão do mundo dos sete catadores participantes no projeto.



<http://vikmuniz.net/pt>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Vik\\_Muniz](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vik_Muniz)

[http://www.e-biografias.net/vik\\_muniz/](http://www.e-biografias.net/vik_muniz/)

[http://www.infopedia.pt/\\$vik-muniz](http://www.infopedia.pt/$vik-muniz)

<http://www.youtube.com/watch?v=FGjEk3SiXkE>

## Anexo 15. Planificação da UT Ensaios de Perspetiva



Planificação da Unidade de Trabalho Ensaios de perspetiva

10º M – 2012/2013

Conteúdos	Objetivos	Atividade	Recursos Materiais	Tempos
<p><b>Etapa 1</b> Claro-Escuro</p> <p><b>Materiais</b> Suportes e meios atuantes</p> <p><b>Procedimentos</b> <u>Técnicas</u> Modos de registo: traço, mancha, misto</p> <p><b>Ensaio</b> Processos de análise: estudo de formas - estruturação e apontamento (esboço), estudo de objetos com apontamento das convergências perspetivas</p> <p><b>Sintaxe</b> <u>Espaço e volume:</u> Organização da profundidade Noções básicas de profundidade e extensão Alguns processos de sugestão de profundidade: sobreposição, convergência, deformação Organização da tridimensionalidade Luz: claridade, sombras (própria e projetada), claro-escuro Sentido Visão sincrónica e diacrónica do desenho</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.</li> <li>- Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.</li> <li>- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.</li> <li>- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.</li> <li>- Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.</li> <li>- Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.</li> </ul>	<p>Representação à mão livre de objetos e espaços propícios à deteção de pontos de fuga e linha de horizonte.</p> <p>Representação à vista de uma composição objeto/panejamento, tendo em conta valores formais, de claro-escuro, volume e recorrendo à utilização de diferentes suportes e meios atuantes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ficha de trabalho</li> <li>- Computador</li> <li>- Retroprojektor</li> <li>- Papéis de diferentes formatos e texturas</li> <li>- Lápis de grafite</li> <li>- Lápis sépia, preto, branco e sanguineo</li> <li>- Tinta da China</li> <li>- Aparos</li> <li>- Pincéis</li> </ul>	22 tempos 9 aulas
<p><b>Etapa 2</b> Alternância figura-fundo</p>				

<p><b>Procedimentos</b> <u>Técnicas</u> Modos de registo: traço, mancha, misto</p> <p><b>Ensaio</b> estudo de objetos com apontamento das convergências perspetivas Processos de síntese: transformação gráfica</p> <p><b>Sintaxe</b> <u>Domínios da linguagem plástica:</u> forma, figura positiva e negativa, figura e fundo, limite, contorno e linha</p> <p><u>Espaço e volume:</u> Alguns processos de sugestão de profundidade: sobreposição, convergência, deformação Sentido Visão sincrónica e diacrónica do desenho</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as articulações entre percepção e representação do mundo visível.</li> <li>- Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.</li> <li>- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.</li> <li>- Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.</li> </ul>	<p>A partir de desenhos realizados previamente pelos alunos, ou imagens por si recolhidas criar ensaios gráficos baseados numa redução à oposição figura-fundo e diferentes possibilidades da sua alternância perceptiva.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ficha de trabalho</li> <li>- Papéis em formato A3 de diferentes texturas</li> <li>- Tinta da China</li> <li>- Pincéis</li> </ul>	10 tempos 4 aulas
<p><b>Etapa 3</b> Composição Livre</p> <p><b>Materiais</b> Suportes e meios atuantes</p> <p><b>Procedimentos</b> <u>Técnicas</u> Modos de registo: traço, mancha, misto</p> <p><b>Ensaio</b> Processos de síntese: transformação gráfica Invenção: construção de formas, texturas, padrões</p> <p><b>Sintaxe</b> <u>Domínios da linguagem plástica:</u> forma e informe, limite, contorno e linha</p> <p><u>Cor:</u> Cor como sensação e suas dimensões: cambiante, luminosidade e saturação Sentido Visão sincrónica e diacrónica do desenho</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.</li> <li>- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.</li> <li>- Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.</li> <li>- Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.</li> <li>- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho.</li> </ul>	<p>Realização de uma composição livre em formato A3 utilizando a técnica de sopro com palhinha.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ficha de trabalho</li> <li>- Papéis em formato A3 de diferentes texturas</li> <li>- Tinta da China</li> <li>- Tintas aguareláveis</li> <li>- Palhinhas</li> </ul>	10 tempos 4 aulas



## Anexo 16. Ficha de trabalho 6 – Ensaios de Perspetiva



**Desenho A**  
**2012/2013**  
**10ºM**

### Ensaios de Perspetiva

	<b>Objetivos</b>	<b>Materiais</b>	<b>Nº de Aulas</b>
<b>ETAPA 1</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Representar à mão livre de objetos e espaços propícios à deteção de pontos de fuga e linha de horizonte.</li><li>- Representação à vista de uma composição objeto/panejamento, tendo em conta valores formais, de claro-escuro, volume e recorrendo à utilização de diferentes suportes e meios atuantes.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Papéis de diferentes formatos e texturas</li><li>- Lápis de grafite</li><li>- Lápis sépia, preto, branco e sanguínea</li><li>- Tinta da China</li><li>- Aparos</li><li>- Pincéis</li></ul>	<p>8 Aulas (20 tempos)</p>
<b>ETAPA 2</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- A partir dos desenhos realizados na etapa anterior, criar ensaios gráficos baseados numa redução à oposição figura-fundo e diferentes possibilidades da sua alternância perceptiva.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Papéis em formato A3 de diferentes texturas</li><li>- Tinta da China</li><li>- Pincéis</li></ul>	<p>4 Aulas (10 tempos)</p>
<b>ETAPA 3</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Realização de uma composição livre em formato A3 utilizando a técnica de sopro com palhinha.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Papéis em formato A3 de diferentes texturas</li><li>- Tinta da China</li><li>- Tintas aguareláveis</li><li>- Palhinhas</li></ul>	<p>11 Aulas (27 tempos)</p>



## Anexo 17. Powerpoint de apresentação da UT Ensaios de Perspetiva

# Perspetiva

A perspetiva é uma forma de representar o mundo que nos rodeia numa superfície plana.

A perspetiva permite a perceção visual do espaço e objetos nele contidos, pelo olho humano.

Depende de um determinado ponto de vista e das condições do observador.



A perspectiva, corresponde a como o ser humano apreende visualmente seu ambiente, sendo por vezes confundida com a ilusão de ótica.

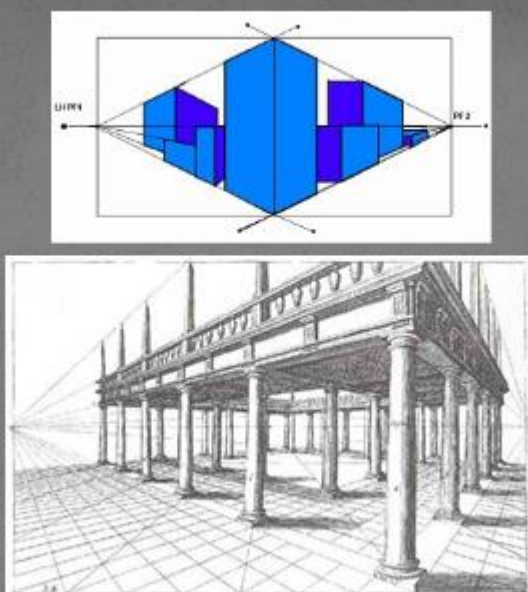
Por exemplo, as linhas paralelas de uma estrada, relativamente ao observador, parecerão afunilar-se e tenderão a se encontrar na linha do horizonte.



Assim, a perspectiva é utilizada para representar a noção de espaço tridimensional, num espaço bidimensional.

Na representação de objetos com recurso à perspetiva cónica frontal com pontos de fuga podemos observar:

- os objetos parecem manter a sua forma, mas diminuem de tamanho à medida que se afastam do observador;
- todas as linhas perpendiculares à linha de terra convergem para um ponto de fuga comum;
- as linhas paralelas à linha de terra continuam a sê-lo na perspetiva;
- o efeito de altura sobre figuras planas horizontais, provoca o seu achatamento.



No entanto, para além dos sistemas de representação rigorosos da perspetiva, pode-se ainda recorrer a outras técnicas, para criar a noção de profundidade no plano.

Tais como:

- valor claro-escuro
- sobreposição de formas
- variação das dimensões das formas
- gradação de cor e/ou textura

## Valor Claro-escuro



Caravaggio, *A Ceia de Emaús*, 1601

## Sobreposição das Formas



Magritte, *A Voz dos Ventos*, 1928



Magritte, *Ligações Perigosas*, 1926

## Variação das Dimensões das formas



Magritte, *O Jôquei Perdido*, 1948

## Gradação da Cor ou da Textura



Vermeer, *Mulher e Dois Homens*, 1659-1660

### Etapa 1. Claro-Escuro

#### Objetivo:

A partir dos exemplos e conteúdos visualizados realizar ensaios de perspectiva que transmitam a tridimensionalidade dos objetos com recurso ao emprego da mancha e da sombra, apercebendo-se das mudanças de tonalidade de luz e de sombra (também designado de *valores tonais*).

Ao incidir a luz sobre determinado objeto, os *valores tonais* permitem-nos apercebermo-nos de formas tridimensionais, através das diferentes tonalidades de luzes e de sombras.

Deste modo, os fatores que condicionam o desenho de sombreamento, são:

- a *direção da luz* – frontal, lateral, contraluz, entre outros;
- a *quantidade de luz* – intensa, ténue;
- a *qualidade da luz* – natural, artificial, direta, difusa;

A luz ao cair sobre os objetos, irá produzir sombra, definindo assim outros aspetos, tais como:

- o *claro* – zona onde a luz cai diretamente sobre o objeto, logo mais iluminada;
- a *sombra projetada* – sombra mais escura produzida pelo objeto ao bloquear a fonte de luz;
- a *sombra própria* – área de sombra que pertence ao próprio modelo;
- a *penumbra* – área de tonalidade intermédia, situada entre uma zona de luz e de sombra
- o *escuro* – área de sombra mais intensa.

Exemplo:



Gustave Caillebotte, *Raspadores de chão*, 1875

## Etapa 2. Figura-Fundo

### Objetivo:

A partir de desenhos previamente realizados, criar ensaios gráficos baseados numa redução à oposição figura-fundo e diferentes possibilidades da sua alternância perceptiva.

Utilizar a relação figura-fundo / positivo-negativo.

Tudo o que vemos e possui forma é percebido nesta espécie de relação.

Assim, a forma é usualmente compreendida como ocupando um espaço; e o fundo aquilo que fica por trás/ao redor da forma.

No entanto, a forma pode não ser só apreendida como a ocupação de um espaço, mas também como um espaço vazio circundado por um espaço ocupado, designando-se assim, de forma *positiva* ou *negativa*, respetivamente.

No desenho a preto e branco, em geral, tendemos a considerar o preto como espaço *ocupado* e o branco *não ocupado*, ou seja, a forma preta o espaço *positivo* e a branca o *negativo*.

Porém e, para o exercício em questão, tais atribuições não são verdadeiras.

Exemplo:



## Anexo 18. Grelha de Observação de Aula


**ESL**  
 ESCOLA SECUNDÁRIA DE LISBOA  
**Grelha de Observação de Aula**  
**Desenho A**  
**10º M – 2012/2013**

Data: \_\_\_\_\_

Nr	Nome	Assiduidade P/F	Pontualidade S/N	Comportam. 1/5/SE/MB	Material S/N	Participação 1/5/SE/MB	Realização de Tarefas 1/5/SE/MB	Obs.
1	Carina							
2	Filipa							
3	Iara							
4	Igor							
5	Inês	MT	MT	MT	MT	MT	MT	
6	Jéssica							
7	João	EF	EF	EF	EF	EF	EF	
8	Marcelo	MT	MT	MT	MT	MT	MT	
9	Mariana							
10	Miguel							
11	Mónica							
12	Nuno							
13	Patrícia							
14	Rúben							
15	Vanessa							



## Anexo 19. Registo de Avaliação Aluna NEE



Ano letivo 2012/2013

Nome da aluna: **Jéssica**      Ano: **10ºano**      Turma: **M**

Disciplina: **Desenho-A**

Professora: **Maria José Jerónimo e Estagiária Sílvia Reis**

### Currículo Específico Individual - Alínea e)

(ao abrigo do capítulo IV artigo 21º do D. L. nº 3/2008 de 7 de Janeiro)

ÁREA: Desenho-A	PLANIFICAÇÃO / AVALIAÇÃO								
	1º PERÍODO			2º PERÍODO			3º PERÍODO		
	A	EA	NA	A	EA	NA	A	EA	NA
<b>Observar e analisar</b>									
Observa e regista com algum poder de análise elementos naturais		x			x		x		
Observar e registar com crescente aptidão: o quotidiano		X			x		X		
Utiliza meios manuais – riscadores e/ou de mancha	X			X			X		
Esta área é adequada para permitir o desenvolvimento das capacidades psicomotoras ao nível da aptidão	x			x			X		
Aplica as regras elementares e técnicas		x			x		X		
<b>Manipular Sintetizar</b>									
Aplica procedimentos e técnicas com alguma adequação e correcção e cria imagens novas.		x			x		x		
Alguns capacidade de síntese. Aplica as regras elementares do desenho	x			x			x		
Desenvolve sentido crítico, de método de trabalho e a integração num projecto que responda a necessidades da pessoa e do seu contexto.		x		x			x		
<b>Interpretar e comunicar</b>									
Lê mensagens visuais de origens diversificadas e age como autor de novas mensagens.		x		x			x		



## Anexo 20. Registo de Avaliação Final 1º Período

10ºM	Instrumentos		Trabalhos				Média	Diário gráfico				Média dos Trabalhos	Comportamento				Média Comp.	Nota do 1º Período
	Ponderação		1	2	3	4	70%	1	2	3	4	20%	1	2	3	4	10%	100%
1	Carina	14	15	13	13	10	13	13	12	13	2,5	12	12	14	14	1,3	13	
2	Filipa	14	15	13	14	10	13	14	13	13	2,6	15	13	16	16	1,5	14	
3	Iara	13	14	14	13	9	13	14	14	16	3	14	13	15	14	1,4	14	
4	Igor	13	16	15	16	11	14	12	13	12	2,5	16	16	16	16	1,6	15	
5	Inês	MT	MT	MT	MT	#DIV/0!	MT	MT	MT	MT	#DIV/0!	MT	MT	MT	MT	MT	MT	
6	Jéssica	12	11	11	12	8	12	11	12	12	2,4	16	16	14	14	1,5	12	
7	João	EF	EF	EF	EF	#DIV/0!	EF	EF	EF	EF	#DIV/0!	EF	EF	EF	EF	EF	EF	
8	Marcelo	MT	MT	MT	MT	#DIV/0!	MT	MT	MT	MT	#DIV/0!	MT	MT	MT	MT	MT	MT	
9	Mariana	14	14	15	14	10	13	13	13	14	2,7	18	18	16	17	1,7	14	
10	Miguel	13	14	13	14	9	13	14	12	12	2,4	16	15	15	15	1,5	13	
11	Mónica	14	16	15	13	10	12	13	13	14	2,7	17	16	16	17	1,7	15	
12	Nuno	13	14	13	16	10	12	15	13	14	2,7	15	15	17	17	1,6	14	
13	Patrícia	15	15	15	16	11	13	14	15	15	3	20	18	16	16	1,8	15	
14	Rúben	14	13	15	14	10	13	14	15	14	2,9	18	18	18	18	1,8	15	
15	Vanessa			12	11	8	12	12	12	12	2,4	15	13	15	15	1,5	12	







## Anexo 22. Registo de Avaliação Final 3º Período

10ºM	Instrumentos	Trabalhos				Média	Diário gráfico				Média dos Trabalhos	Componentamento				Média Comp.	Nota do 3º Período
		1	2	3	4		1	2	3	4		1	2	3	4		
	Ponderação					70%					20%					100%	
	Nome																
1	Carina	17	15	16	14	11	13	14	15	15	3	16	15	18	17	1,7	16
2	Filipa	14	15	15	14	10	13	14	16	14	3	15	13	16	16	1,5	15
3	Iara	18	16	17	16	12	16	16	17	18	3,5	14	13	15	14	1,4	17
4	Igor	14	15	16	16	11	14	12	13	12	2,5	16	16	16	16	1,6	15
5	Inês	MT	MT	MT	MT	#DIV/0!	MT	Mt	MT	MT	#DIV/0!	MT	MT	MT	MT	MT	MT
6	Jéssica	12	12	12	12	8	12	12	12	12	2,4	16	16	15	15	1,6	12
7	João	EF	EF	EF	EF	#DIV/0!	EF	EF	EF	EF	#DIV/0!	EF	EF	EF	EF	EF	EF
8	Marcelo	MT	MT	MT	MT	#DIV/0!	MT	MT	MT	MT	#DIV/0!	MT	MT	MT	MT	MT	MT
9	Mariana	15	15	16	17	11	15	15	14	14	2,8	18	18	17	17	1,8	16
10	Miguel	15	15	14	15	10	13	14	13	15	2,8	16	16	16	16	1,6	15
11	Mónica	16	17	15	15	11	15	14	15	14	2,9	17	17	17	17	1,7	16
12	Nuno	17	16	15	17	11	13	15	13	14	2,7	15	15	17	17	1,6	16
13	Patrícia	18	17	18	17	12	17	16	17	18	3,5	20	18	16	16	1,8	18
14	Rúben	16	17	16	17	12	17	18	16	16	3,2	18	18	18	18	1,8	17
15	Vanessa	13	12	10	13	8	12	12	12	12	2,4	15	13	15	15	1,5	12